

LINDOMAR ALVES DE OLIVEIRA

RAÇA, COMUNICAÇÃO E CULTURA
A TEMÁTICA RACIAL NA REVISTA RAÇA BRASIL
(1996-2006)

Programa de Pós-graduação em História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LINDOMAR ALVES DE OLIVEIRA

RAÇA, COMUNICAÇÃO E CULTURA
A TEMÁTICA RACIAL NA REVISTA RAÇA BRASIL
(1996-2006)

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Professora Doutora Maria do Rosário da Cunha Peixoto.

Programa de Pós-graduação em História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2007

BANCA EXAMINADORA

FICHA CATALOGRAFICA

OLIVEIRA, Lindomar Alves de.

- DM Raça, Comunicação e Cultura: a temática racial na revista Raça Brasil (1996-2006)
O São Paulo: s.n., 2007. 243 f;il. Fotos color; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – PUCSP

Programa: História Social

Orientador: PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha

1. Raça

Palavras-Chave: Comunicação, Cultura, Racismo, Negritude, modernidade negra, integração.

Dedico este trabalho
à minha mãe Maria Luiza,
ao meu pai José Vicente (em memória),
aos meus irmãos Murilo e Jairo,
e às minhas irmãs Fátima, Irlane e Inamá.

AGRADECIMENTOS

Naturalmente a responsabilidade sobre o texto recai sobre o autor, contudo, é necessário ressaltar que a consecução desta pesquisa seria inviável sem a colaboração de inúmeras pessoas e Instituições, que, cada uma à sua maneira, deram importantes contribuições a este trabalho.

Neste sentido cabe em primeiro lugar agradecer ao apoio institucional do CNPq, que garantiu o fomento integral da pesquisa durante todo o período de elaboração e consecução desta pesquisa.

À PUC/SP e todo o seu quadro funcional que se destaca desde as atendentes da biblioteca, sempre gentis e atenciosas, ao seu quadro docente.

À professora e orientadora Maria do Rosário pela sua paciência e atenção expressas pelo cuidado em que situou suas inúmeras intervenções; pela sua pontualidade e compreensão em tantos momentos de incertezas e indecisões.

À professora Antonieta Antonacci por sua amizade, seu profissionalismo e seu cabedal teórico que nos permitiram transformar verdadeiros obstáculos em caminhos alternativos para a pesquisa.

Ao professor e amigo Amailton Magno, pelo seu companheirismo e cumplicidade, e também pelo seu auxílio nas escolhas e decisões inerentes do trabalho intelectual e aos caminhos traçados pela escrita autoral.

À minha tia Arenita Luiza, que sempre apostou nas escolhas do sobrinho, incentivou e acreditou em minha capacidade de realização.

Ao amigo Herlani da Silva que sempre esteve presente e contribuiu muito com suas dicas, que se tornaram referências para minhas reflexões, e pelo

diálogo permanente que possibilitaram o amadurecimento que deixaram esse trabalho mais humano.

À minha amiga, Paula que logo se transformou em um ponto de apoio e referencia estando ao meu lado em tantos momentos em que clamava por um pouco de paz e compreensão.

À amiga Cida que deteve-se numa leitura detida e minuciosa dos textos ainda em fase experimental com o único propósito de ajudar a fundamentar as minhas premissas e pelos momentos de entretenimento e distração, criando um novo fôlego para a elaboração deste trabalho.

À Lucinha da biblioteca pela sua paciência e atenção, pelas suas dicas e compreensão, pela sua amizade.

À todos meus amigos que estiveram ao meu lado em inúmeros momentos de diálogos e descontração como também pela compreensão da minha ausência em todos os momentos em que o trabalho de pesquisa exigiu dedicação integral.

À todos aqueles que me acompanharam de perto, de longe, à distância...

... meu muito obrigado de coração.

Conheço o Ocidente e tudo o que, criado por ele,
me força a sentir-me deslumbrado.

Sou um negro.

O que tenho feito – cada vez mais negro – é não
Ficar mudo diante desse deslumbramento.

(O negro escrito de Oswald de Camargo)

RESUMO

Neste trabalho de mestrado aqui apresentado procuramos realizar um estudo sobre a revista *Raça Brasil*, buscando identificar seu comportamento em relação à temática racial, bem como compreender o comprometimento do seu projeto político-editorial, na tentativa de desvelar o seu real significado para o negro brasileiro. Considerando que, historicamente, a imprensa constituiu uma imagem negativa do negro, relegando-o a uma condição de invisibilidade, procuramos estabelecer um diálogo com a imprensa negra, levantando questões chave para compreender o dilema vivido por esse segmento. O esforço aqui empreendido é o de demonstrar que a exclusão do negro nos meios de comunicação é parte constituinte das relações étnico-raciais da sociedade brasileira, estabelecidas, sobretudo, entre negros e brancos, bem como as formas de sua superação. Neste sentido a análise das fontes revelou que a *Raça Brasil* procura incentivar seu leitor a reivindicar seus direitos, investir na ação social e na educação como forma de exercer sua cidadania, ampliando sua participação efetiva como meio de alcançar a integração plena à sociedade. Dessa maneira é que procuramos ressaltar a importância de pensar a revista em questão, não somente em termos de uma abertura no espaço mercadológico, mas também como um elemento rico em profusão de sentidos que nos permite refletir sobre a temática racial e, conseqüentemente, sobre a atual situação do negro brasileiro.

Palavras-chave: comunicação, imprensa negra, cultura, racismo, modernidade negra, integração

RÉSUMÉ

Dans ce travail ici présentée nous cherchons à réaliser une étude sur la revue *Raça Brasil*, afin d'identifier son comportement concernant l thématique ethnique, ainsi comme comprendre l'engagement de son projet politique et éditorial, dans la tentative de dévoiler sa réelle signification pour le noir brésilien. Considérant que, historiquement, la presse a constitué une image négative du noir, le reléguant à une condition de invisibilité, nous cherchons à établir un dialogue avec la presse noire, soulevant des questions clé pour comprendre le dilemme vif par ce segment. L'effort ici entrepris est de démontrer que l'exclusion du noir dans les moyens de communication est partie constitutive des relations ethnique de la société brésilienne, établies, surtout, entre des noires et des blancs, ainsi que les formes de son surpassement. Dans ce sens l'analyse des sources a révélé que la *Raça Brasil* cherche à stimuler son lecteur à revendiquer leurs droits, investir dans l'action sociale et dans l'éducation comme forme d'exercer sa citoyenneté, élargissant sa participation accomplit comme à moitié d'atteindre l'intégration complète à la société. De cette manière c'est que nous cherchons à rejallir l'importance de penser la revue concernée, non seulement dans des termes d'une ouverture dans l'espace commercial, mais aussi comme un élément riche dans profusion sentis que dans les permet de refléter sur l thématique ethnique et, de conséquemment, sur l'actuelle situation du noir brésilien.

Mots-clé : Communication, presse noire ; culture, racisme ; modernité noire ; intégration.

ÍNDICE

Apresentação	11
--------------------	----

Parte I

O PERFIL DA RAÇA

A temática sobre o negro na imprensa escrita: manifestações, tensões, conflitos, dilemas e perspectivas.	23
Um breve relato sobre a presença do negro na imprensa	32
Manifestações negras na cultura impressa: a imprensa negra	38
Raça Brasil: Um novo marco na história da imprensa escrita no Brasil	55
Raça Brasil: a nova imprensa negra brasileira	66

Parte II

MODERNIDADE NEGRA: NEGRITUDE E IMAGENS

Modernidade negra: negritude e imagens	78
--	----

Parte III

DAS DORES DA COR

O Dilema da integração do negro brasileiro	115
Raça Brasil: uma nova proposta de integração para o negro brasileiro	125
Considerações finais	200
Anexos	201
Bibliografia	228

APRESENTAÇÃO

Quando ingressei na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, uma das coisas que mais chamava a minha atenção - nas disciplinas de história do Brasil - era a forma como a historiografia abordava as temáticas que versavam sobre o negro. De uma forma geral, os autores se atinham a registrar a história do negro a partir de sua condição de escravo; ou seja, para estes estudiosos, o negro somente existia enquanto produto de sua condição de mão-de-obra no regime de produção escravista.

Essa impressão era reforçada com maior intensidade quando, ao estudar o período posterior à abolição da escravidão, o negro deixa de ser um assunto importante nos grandes debates, nos círculos de discussões que envolviam os ex-senhores de escravos e até mesmo na imprensa, onde o negro tinha um espaço reservado em suas publicações¹.

Ele é esquecido, quase que totalmente, pela historiografia brasileira produzida ao longo da primeira metade do século XX. Desaparece da história do Brasil, como que por um passe de mágica, voltando a aparecer somente em momentos pontuais, onde se tornou imprescindível e inquestionável a

¹ A esse respeito podemos destacar três obras: Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes*; Célia Marinho de Azevedo, *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*; e Lília Moritz Schwarcz, *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*.

interferência de suas marcas culturais específicas na constituição da identidade nacional.²

Nos trabalhos de Antropologia e Sociologia, o mesmo acontecia. Nestas áreas poucos foram os estudos que acompanharam a trajetória do negro ao longo do século XX. Florestan Fernandes, por exemplo, dedicou parte de sua obra ao período final da escravidão e o conseqüente advento do regime de trabalho livre, buscando compreender como, ao fim da escravidão, o poder político dos fazendeiros e ex-senhores é assegurado relegando aos ex-escravos uma situação de alijamento social.³ Mesmo quando a preocupação com o período posterior pôde ser detectada, como foi o caso de seu trabalho *Significado do protesto negro*⁴, o modelo teórico de suas análises não deixava qualquer dúvida quanto ao seu comprometimento com uma análise voltada para as explicações econômicas que prescindiam de todas as formas de relações e sociabilidades que considerassem a experiência de vida dos negros.⁵

No mesmo caminho seguiram autores como Otavio Ianni, Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso, dentre outros que, embora se diferenciassem de Florestan Fernandes na perspectiva de abordagem e na elaboração das problemáticas, ao analisarem as relações de exploração em termos de objetivação capital e trabalho e, conseqüentemente, ao tratarem a temática da transição do trabalho da mão-de-obra escrava para o trabalho livre, discutiam

² Refere-se aqui o autor, aos estudos pioneiros realizados por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*; Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*; Caio Prado Júnior em *Formação econômica do Brasil* e aos estudos realizados posteriormente por Roger Bastide, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, dentre outros.

³ Florestan FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca"*.

⁴ Florestan FERNANDES, *Significado do protesto negro*.

⁵ Antônio Sérgio GUIMARÃES, *Classes, raças e democracia*.

entre si o caráter do processo de desintegração do regime escravocrata e o caráter da participação, pacífica ou não⁶, do negro neste evento, sem se deterem a uma análise minuciosa ao período posterior em questão.

Assim, por um longo período, tivemos uma produção historiográfica escassa que não deu conta de trabalhar com a história recente do negro e que abordasse, ao mesmo tempo, outros aspectos de sua vida social, política, econômica e cultural. Contrário a esta tendência historiográfica é perceptível o aparecimento recente de um número crescente de produções literárias preocupadas com aspectos que valorizam a experiência do sujeito histórico como foco de análise e conhecimento.

Com uma perspectiva que privilegia uma abordagem interdisciplinar referendada pelos estudos de Richard Hoggart, Stuart Hall, Raymond Williams e Edward Thompson - em seus estudos iniciados na Universidade de Birmingham na Inglaterra a partir da década de 1950 - estes trabalhos buscaram deslocar a ênfase de suas pesquisas de uma leitura enfocada nos determinismos estruturais, para uma análise que valoriza as experiências historicamente vivenciadas, entendidas como formas de intervenção social onde a cultura é entendida como campo de tensão e conflito por espaço e luta em torno da afirmação de significações sociais.⁷

Essa produção literária disponível atualmente ainda é pequena e, por isso mesmo, insuficiente para responder as diversas questões que a temática racial suscita. Contudo, essa nova perspectiva nos abre a possibilidade de focar um

⁶ Sobre esse assunto, consultar os autores supracitados.

olhar diferenciado para o negro e sua história, valorizando a sua atuação enquanto agente e sujeito dos acontecimentos que ele vivencia, participa e intervém.

Frente a essas preocupações coloco-me ao encontro dos referidos autores na busca pela compreensão da dimensão social do “ser negro no Brasil”,⁸ procurando dar vazão a esta nova forma de olhar para esse contingente populacional e suas manifestações. Essa inquietação me colocou diante do desafio de trabalhar com a revista *Raça Brasil*, com o interesse de analisar problemáticas pertinentes ao negro, buscando compreender os significados desta publicação e seus direcionamentos frente aos anseios e aos dilemas; frente às tensões e aos conflitos do negro brasileiro.

O primeiro contato com a revista ocorreu em meados de 2001, quando uma amiga⁹ me apresentou alguns de seus exemplares. Naquele momento, diante da euforia e das perspectivas que aquele material oferecia, comecei a ler imediatamente seus primeiros números a fim de saber, afinal, qual o tipo de conteúdo aquela publicação apresentava.

As leituras realizadas me provocaram diversos questionamentos, devido às grandes inquietações suscitadas pelo tipo de material, pela qualidade do papel, pela peculiaridade do projeto gráfico, pelas discussões temáticas propostas, pela postura de seus organizadores e, sobretudo, pela grande inquietação, curiosidade

⁷ Ana Carolina ESCOSTEGUY, *Estudos Culturais: uma introdução*, in: Tomaz Tadeu SILVA (Org). *O que é, afinal, Estudos Culturais?*, p. 133-166.

⁸ Termo cunhado por Gislene Aparecida dos Santos. in: *A invenção do "ser negro": um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*.

⁹ Suely Leandro é psicóloga, educadora social e ativista na luta em prol da promoção dos direitos da criança e do adolescente. Atuou como diretora de creche na rede municipal e foi colaboradora da revista *Raça Brasil* na época.

e surpresa àquela publicação me provocava, devido às informações bastante singulares e inesperadas oferecidas no interior de suas páginas e que eram reafirmadas, continuamente, pelas leituras realizadas nas demais edições publicadas pela editora até aquele momento.

Ao me referir às informações singulares e inesperadas é, sobretudo, por considerar que, diferenciando-se das demais publicações do gênero, a revista *Raça Brasil* se propunha a atingir o segmento negro brasileiro. Uma parcela da população deveras significativa, representada por quase metade dos 170 milhões de brasileiros, considerada a maior população negra fora da África.¹⁰

Aqui já se vê a dimensão na qual a revista se projeta ao se colocar como “porta voz dos negros brasileiros” num contexto em que propõe dar visibilidade a quase 50% da população nacional, mas que, no entanto, não era representada nos meios de comunicação, sendo que inexistia e nem nunca existiu qualquer outro projeto de revista de grande circulação que contemplasse tal segmento.

Diante da perspectiva de *Raça Brasil* ter chegado às bancas como uma nova publicação direcionada para um público específico e distinto, na qual não havia nenhuma publicação de grande circulação, instigava-me compreender o real significado da revista para tal contingente; de saber, afinal, quais eram as propostas e as preocupações dessa nova publicação para com o negro brasileiro.

Diferenciando-se dos demais periódicos do gênero, *Raça Brasil* revelava-se uma publicação voltada para questões de estética, beleza, moda, corpo, e de

¹⁰ Dados obtidos a partir da pesquisa realizada pelo Datafolha em 1995 e publicada no livro *Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*, organizado por Cleusa Turra.

questões direcionadas às preocupações, ditas, do “mundo feminino”. Contudo, ao adotar um discurso universalizante, no que se refere à questão de gênero e raça, a revista abria espaço para dialogar com a *black community* e, procurava atingir o negro brasileiro como um todo.

Essa preocupação é expressa desde o primeiro número, quando a revista chegou às bancas com o slogan *A revista dos negros brasileiros*, trazendo logo abaixo a chamada de capa *Essa é para mim!*, não deixando dúvidas ao leitor de que era feita totalmente para seu deleite. Mas isso não era tudo: a revista também deixava evidente seu posicionamento na forma como ela abordava temas vinculados diretamente ao negro, tais como o preconceito, a discriminação racial, o racismo, as desigualdades entre brancos e negros, o relacionamento interétnico e a exclusão social do negro.

Ao fazer esse movimento, a revista criou uma referência identitária¹¹ com esse público, tomando parte numa discussão histórica que envolve a célebre trajetória de luta do negro na sociedade, inserindo-se, dessa forma, num debate amplamente respaldado pelo movimento negro na busca da superação da exclusão social do negro na sociedade e das diversas situações de desigualdades vivenciadas por ele.

Neste sentido, a partir de uma única edição, era possível apreender dimensões diversas daquilo que se repetia de forma insistente no interior de uma seqüência de exemplares e que – se a primeira vista pareciam aleatórios e desconectados entre si – iam corroborando com o entendimento e o

¹¹ Stuart HALL, *A Identidade cultural na pós-modernidade*.

direcionamento dado à revista e, ao mesmo tempo, davam indícios aos objetivos deste estudo.

Cada uma das seções e suas respectivas matérias iam, ao longo da revista, ganhando uma formatação que, por mais diversas e variadas que pudessem ser seus temas e suas abordagens, estabelecia a configuração da organização interna, tornando possível a compreensão de um complexo e bem articulado jogo de mensagens produzidos pelos diferentes e distintos meios que possibilitavam a consolidação de um projeto.

Esse conjunto de recursos permitia visualizar num caleidoscópio de informações, a riqueza e a diversidade pela qual o negro era representado, reconstituindo cotidianamente um mosaico de possibilidades de afirmações do sujeito e de afirmação da própria negritude, da própria maneira de ver-se enquanto negro.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que, esse tema poderia, aliás, ser tratado a partir de diferentes enfoques. Poderia em primeiro lugar, optar por uma abordagem mais textual, mais pragmática, procurando captar a partir dos próprios argumentos descritos na revista, seus objetivos mais concretos, no caso, o seu olhar mercadológico, se é que assim podemos dizer.

Por outro lado poder-se-ia atentar à postura político-ideológica da revista, procurando comprovar o seu comprometimento com uma parcela distinta e minoritária da população negra, pura e simplesmente, o que incorreria em suscitar o senso comum ao afirmar que a revista está a serviço da auto-afirmação de uma classe média negra.

Aos olhos de um militante ou ativista dedicado a questão racial, e que atentasse para a revista com uma visão mais geral, poder-se-ia ainda afirmar que ela conduz, tão somente e, de uma forma conformista, alienada e quiçá irreal, a própria compreensão da realidade do negro na sociedade brasileira. No entanto, aqui o que interessa a este estudo é menos saber a forma como essa realidade é apresentada na revista, mas saber como a partir da própria experiência advinda dessa realidade, a revista conduz as novas interpretações, atualiza e por conseqüência traz a tona à necessidade de uma reflexão em torno de discussões que fazem parte das preocupações do negro brasileiro - insuficientemente solucionadas e que constituem, por isso, uma possibilidade de ver-se no campo da realidade expressiva devendo ser problematizada com o fito de encontrar caminhos para solucioná-la.

Neste sentido é importante atentar para o fato de que *Raça Brasil* se revelava uma revista politizada, preocupada com a situação do negro, conclamando-o a ir à luta e batalhar por uma re-definição do seu “lugar social”.¹² Por meio de seus editoriais, das matérias difundidas em seu interior a revista possibilitava uma discussão que colocava na pauta a experiência social do negro no Brasil. A revista re-significava, assim, a leitura da trajetória do negro, atribuindo novos sentidos à sua trajetória de luta e a sua própria historicidade.

É perceptível na revista, a preocupação com a questão da (in) visibilidade do negro, que perdurou ao longo dos séculos, bem como com uma proposta que o impulsionava ir à luta pela superação da discriminação sofrida por ele e no combate às diversas formas de preconceito, de maneira que possibilitasse a

construção de uma auto-imagem positiva, o que resultaria em uma nova percepção social que lhe garantiria uma nova visibilidade aprofundando-lhe o *status* de participação efetiva na sociedade. A revista busca, dessa forma, difundir uma imagem positiva e não vitimizada do negro, para possibilitar a sua inserção nos diversos espaços da sociedade, onde a sua presença física e simbólica se faz rarefeita ou apagada.

Compreender essa nova proposta, essa tentativa de debater questões pertinentes ao negro, se mostra de suma importância para evidenciar e contribuir com a discussão da auto-conscientização e a conseqüente auto-valorização do negro, num momento em que uma discussão com abordagens novas e perspectivas diferentes sobre as “coisas de negro”¹³ se mostra necessária e indispensável para o desenvolvimento de uma democracia verdadeiramente pluriracial e pluriétnica, pautada na justiça social e na redistribuição do produto coletivo.

Nesse sentido, ao acompanhar os 10 anos de existência da *Raça Brasil*, (1996-2006) tornou-se perceptível a discussão referendada pela revista no que se refere à conscientização do negro e de seu papel para vencer os obstáculos, que o impedem de alcançar uma condição de igualdade, não somente a igualdade de direitos, mas também uma igualdade de oportunidades e, assim, alcançar a tão almejada integração na sociedade.

Diferentemente da proposta elaborada por Florestan Fernandes e outros intelectuais, que se preocuparam com a questão da integração do negro como

¹² Heloisa de Faria CRUZ, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*, p. 19-20.

uma questão de inserção nos diversos espaços de produção capitalista da sociedade, a revista nos oferece uma discussão que coloca a questão da integração como uma bandeira a ser hasteada em torno de um diálogo contínuo por uma redefinição de espaços, baseada, principalmente, na idéia de uma mudança de representação da imagem negra. Neste sentido, minha preocupação é verificar como essa proposta se efetiva na postura da revista ao problematizar as questões entendidas por ela como obstáculos ao negro para a superação de sua condição que o tangenciam numa imobilidade social.

As análises das fontes revelaram que a revista preocupou-se prioritariamente em difundir uma referência de comportamento e atitude positiva ao negro, demonstrando a necessidade dele exercer sua cidadania fazendo valer seus direitos civis constituídos, investir na ação social e na educação visando sua inserção no mercado de trabalho. Esses poderiam ser considerados os três pilares nos quais, segundo a revista, o negro deveria se pautar para obter sucesso na vida profissional e garantir sua dignidade enquanto cidadão.

Para justificar essa proposta, a revista incorria na difusão de exemplos de pessoas que ascenderam socialmente, que obtiveram sucesso na vida e que estavam em destaque em suas profissões como modelos que conseguiram criar mecanismos de lidar com as adversidades cotidianas. Por meio disso, a revista buscava transformar a imagem negativa do negro e, ao mesmo tempo, estabelecer uma nova referência para ele. Assim era recorrente a imagem de pessoas negras que conseguiram projeção e destaque nas diversas áreas profissionais que escolheram seguir. Com isso a revista procurava dar visibilidade

¹³ Conceição Corrêa CHAGAS, *Negro: uma identidade em construção*.

a determinados comportamentos, atribuídos a estes e que deveriam ser seguidos pelos demais, com o intuito de conseguir os mesmos fitos.

Desta maneira o trabalho está dividido em três partes que a princípio busca estabelecer uma noção geral de desenvolvimento da pesquisa, organizada em três capítulos com os seguintes títulos: *O Perfil da Raça; Modernidade Negra: Negritude e Imagens e Das dores da Cor.*

O primeiro capítulo está subdividido em duas partes. Na primeira preocupe-me em fazer uma discussão que privilegiasse a presença do negro nos meios de comunicação, estabelecendo um diálogo com a imprensa negra, ressaltando suas propostas e os embates travados por ela, ao apresentar uma postura que distanciava das demais imprensas em circulação no período de sua existência.

Na segunda parte, analiso a revista dentro de um contexto que ressalta as características de sua constituição, privilegiando o entendimento de questões que envolvessem a discussão em torno de sua criação, sua organização, sua elaboração, suas propostas e sua trajetória, com o intuito de evidenciar a sua importância, considerando o papel desempenhado por ela no âmbito da abertura de um mercado publicitário, mas enfocando, sobretudo, a discussão que ela possibilita na esfera da constituição de uma consciência social, que reflete os anseios dos negros brasileiros, revelado pelo debate provocado por *Raça Brasil* nos diversos setores.

No segundo capítulo busco estabelecer uma definição dos princípios que orientam a publicação, as perspectivas e a constituição de seu lugar social,

enquanto espaço de debate, formação de idéias e intervenção social. Neste sentido investi em uma discussão que privilegia a modernidade negra enquanto um campo de discussões que permeia a constituição geral da revista ao estabelecer um diálogo transnacional, intercultural e transcontinental enquanto um espaço hídrico de interação e trocas culturais que põem em contato diversos povos, diferentes culturas e distintas percepções, por meio do compartilhamento de uma condição comum que justificam as escolhas elaboradas pelos editores da revista, considerando a importância desse debate para a discussão da questão racial e, mais especificamente, do negro brasileiro e o seu diálogo com os demais setores preocupados com essa discussão.

No terceiro capítulo retomo a questão da integração, enquanto uma categoria temático-analítica, privilegiando uma perspectiva histórica por meio da qual me dedico à compreensão dos encaminhamentos dados à revista na estruturação de sua proposta editorial, bem como no direcionamento dado às suas matérias e discussões temáticas. Assim, a idéia é discutir como a revista vê a invisibilidade da população negra e como procura encaminhar a discussão para a possibilidade do negro, enquanto sujeito, reverter tal situação, construindo uma imagem positiva do mesmo, eliminando o estigma e os estereótipos com o qual foi rotulado historicamente.

Nesta perspectiva procuro demonstrar como, por meio de diversas propostas temáticas apresentadas, a revista retoma um debate histórico ao incitar o seu leitor (negro) a rever a situação de sua exclusão, reavaliar seu posicionamento como sujeito e atuar ativamente para alterar sua condição atual reivindicando um status de participação efetiva do negro na sociedade.

Capítulo I

O Perfil da Raça

Capítulo I: O Perfil da Raça

A verdade é que não existem raças humanas: não há nada no mundo capaz de fazer tudo aquilo que pedimos que a raça faça por nós. Até mesmo a noção do biólogo tem apenas usos limitados. A noção (...) que subjaz aos racismos mais odiosos da era moderna não se refere a absolutamente nada que exista no mundo. O mal que se faz é feito pelo conceito, e por suposições simplistas – a respeito de sua aplicação.

Falar de “raça” é particularmente desolador para aqueles de nós que levamos a cultura a sério. É que, onde a raça atua – em lugares onde as “diferenças macroscópicas” da morfologia são correlacionadas com “diferenças sutis” de temperamento, crença e intenção -, ela atua como uma espécie de metáfora da cultura; e só faz ao preço de biologizar aquilo que é cultura, a ideologia.

Kwame Anthony Appiah

A temática sobre o negro na imprensa escrita: manifestações, tensões, conflitos, dilemas e perspectivas.

A temática sobre o negro na imprensa escrita, bem como os estudos referentes a sua produção impressa, raras vezes, quando nunca, foram pauta de uma discussão ampla e comprometida que desse conta de sua participação e de sua importância no que diz respeito à reflexão sobre o negro. Mesmo exercendo

um papel fundamental para a compreensão do negro brasileiro, poucos foram os estudos que versam sua preocupação sobre este assunto.

A ausência desses temas é facilmente detectada quando se faz um levantamento sobre esse tópico. Mesmo nos trabalhos daqueles corajosos que ousaram - nadando contra a corrente - dar maior visibilidade e destaque às “coisas de negro”, salvo raríssimas exceções, as referências bibliográficas foram sempre as mesmas.

Para o historiador Marcos Silva, nem mesmo o “clássico” trabalho de Werneck Sodré, que se destacou por sua sensibilidade e percepção, deu conta de abordar essas pequenas imprensas:

O clássico: História da imprensa no Brasil, de Nelson Werneck Sodré (1977), demonstra sensibilidade em relação a várias modalidades do periodismo na sociedade brasileira, pensando tanto sobre os órgãos que alcançaram grandes tiragens como sobre aqueles de menor circulação, mas também socialmente significativos, mesmo que por diferentes caminhos. O estilo do livro (vasto panorama, abrangendo ao menos dois séculos) e as condições de pesquisa que seu autor enfrentou (certa distância em relação a instituições de pesquisa, tensões políticas pós-64) contribuíram para que o estudo sobre o periodismo de menor porte e outras questões não fossem desenvolvidos com maior vagar naquele volume.¹⁴

Com um discurso semelhante, Clóvis Moura reconhece a ignorância que se tem em relação às pequenas imprensas e conseqüentemente da imprensa negra.

¹⁴ Heloisa de Faria CRUZ, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*, p.

Destarte, ao ressaltar o suposto esquecimento de Werneck Sodré em seu estudo sobre o “periodismo de menor porte”, o autor afirma que esta imprensa ficou na “penumbra da história” como se fosse pouco significativa ou sem importância.

Para ele a importância da imprensa negra foi subestimada, não fazendo parte sequer de um conteúdo a ser estudado. Por isso o autor se espanta ao constatar que nem mesmo na Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo lhe fora dispensada a devida atenção. Para Clóvis Moura essa imagem é resultado de uma visão branca que, por isso mesmo, acabou por marginalizar a produção desses jornais durante todo o período de sua existência.

Ao fazer uma reflexão sobre a imprensa negra, suas preocupações dão vazão a essa percepção e vão além quando não se limitam a questionar somente o sentido de sua existência ou a necessidade da veiculação dos tópicos temáticos abordados por ela; mas se indaga sobre a importância dessa imprensa para a própria compreensão da comunidade negra, fortemente oprimida sob a insígnia da discriminação devido ao estigma que a sua tez carrega:

A chamada imprensa negra de São Paulo, pouco conhecida e divulgada, sendo apenas relacionada em circuitos universitários abarca um período que vai de 1915, quando surge O Menelick, até 1963. Essa extensão de atividades no tempo, bem como o papel social e ideológico que desempenhou na comunidade negra da época em que existiu, vem colocar em evidência e discussão a sua importância e, ao mesmo tempo, indagar por que em um país que se diz uma democracia racial há necessidade de uma imprensa alternativa capaz de refletir especificamente os anseios e reivindicações, mas, acima de tudo, o ethos do

universo dessa comunidade não apenas oprimida economicamente, mas discriminada pela sua marca de cor que os setores deliberantes da sociedade achavam ser um estigma e elemento inferiorizador para quem a portasse.¹⁵

Assim, de acordo com o autor, a imprensa negra, ao longo de sua existência, desempenhou um importante papel para o negro brasileiro, por revelar o modo de relacionamento estabelecido entre negros e brancos na sociedade, onde a diferença de pigmentação na pele foi hierarquizada e naturalizada para justificar a discriminação do negro.

Neste meio, a forma de representar o negro evidencia não somente a forma violenta, marginalizada, extremamente estereotipada e cristalizada de preconceitos típicos de uma sociedade altamente racista. Revela, também, a tônica dos dilemas vividos pelos próprios negros, bem como as diversas formas de embate, tensão, solidariedade e identificação étnica, dentre outras formas de empreendimentos¹⁶ desenvolvidos por eles na busca de uma vivência compatível com os valores de equanimidade das sociedades democráticas.

Poder-se-ia ressaltar, seguindo esse raciocínio, as inúmeras atuações em São Paulo, que permitiram a recriação de um espaço de vivência africana na maior cidade da América do Sul, uma das maiores cidades do mundo¹⁷ ou mesmo o caso da experiência do negro carioca tão bem relatada por Nepomuceno, uma vez que: “[...] ao invés de entregar-se à passividade, forçou brechas,

¹⁵ Clóvis MOURA, *Sociologia do negro brasileiro*, p. 204.

¹⁶ Joel Rufino dos SANTOS, *O negro no Rio pós-abolição: marginalização e patrimônio cultural*, p. 43.

¹⁷ Amailton Magno de AZEVEDO, *A memória musical de Geraldo Filme: os sambas e as micro-Áfricas em São Paulo*.

movimentando-se de várias maneiras, inventando e conquistando lugares a partir de seus referenciais culturais de vida”.¹⁸

Assim, é importante destacar que, partir da década de 1990, começaram a surgir novos trabalhos preocupados em dar maior visibilidade a imprensa negra.¹⁹ Ao assumir o compromisso de estudá-la mais a fundo, os diversos autores demonstraram um profundo interesse em tirar essa produção do esquecimento - onde esteve condenada à ignorância por tanto tempo - revelando, com isso, o caráter desse desconhecimento generalizado sobre a temática, que traz consigo o emblema das preocupações nacionais e, por isso mesmo, revelador dos embates travados pelos negros na sociedade.

Assim, estudar o negro nestes meios de comunicação significa, antes de tudo, empenhar-se sobre o paradigma impresso por estas formas de diálogo estabelecidos na sociedade por seus diferentes grupos e interesses e, de uma forma especial, entre negros e brancos. Desta forma, é possível verificar que os trabalhos de pesquisa que se debruçaram sobre esse assunto, preocuparam-se, sobretudo, em identificar como se estabeleceram tais diálogos.

Nesse sentido, a imprensa escrita tem demonstrado ser uma importante fonte de estudos para o historiador, ou qualquer outro pesquisador preocupado em decifrar os meandros da realidade social. Isso porque, por meio dela, é possível detectar valores, conceitos, práticas e maneiras que moldam as ações e

¹⁸ Nirlene NEPOMUCENO, *Testemunhos de poéticas negras: De Chocolat e a Companhia Negra de revistas no Rio de Janeiro (1926-1927)*, p. 02.

¹⁹ Destes, destaco o trabalho *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana (1920-1940)* de Maria Aparecida de Oliveira Lopes; *A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravidão no Brasil*, de Ricardo Franklin e *Não somos africanos... somos brasileiros... : povo negro, imigrantismo e identidade paulistana nos discursos da imprensa negra e da imprensa dos imigrantes (1900-1924)*, de Marina Pereira de Almeida de Mello, dentre outros.

o comportamento dos diferentes atores sociais em determinado contexto.

Atenta a estas características dos meios de comunicação, Heloísa de Faria Cruz afirma que a imprensa tem o seu “[...] processo de constituição no próprio território da prática social. Portanto, no interior de uma perspectiva que entende a imprensa como prática social e momento da constituição/instituição dos modos de viver e pensar”.²⁰ Desta forma é possível compreender a imprensa como um importante canal para difundir, influenciar e moldar atitudes e comportamentos, ao mesmo tempo em que participa da formatação da realidade histórica.

Nesta mesma perspectiva e preocupada com a forma de abordagem do material que define o ofício do historiador, Ana Maria de Almeida Camargo, nos anos 1970, chama a atenção dos pesquisadores para a importância do jornal como fonte para a pesquisa da história do Brasil. Ao mesmo tempo em que observa as características dessa fonte, ressalta que a inobservância das peculiaridades desse material de análise nos coloca frente ao “grande risco de ir buscar num periódico aquilo que queremos confirmar”.²¹

Dando continuidade a esta discussão, na década de 1990, Molinari Filho, em sua tentativa de demonstrar o caráter das abordagens, afirma que a historiografia privilegiou duas tendências de análise bastante distantes entre si. A primeira preocupou-se em ver o jornal apenas como elemento ilustrativo, onde os dados apresentados seriam utilizados como subsídios para interpretar a realidade. A segunda abordagem, segundo o autor, privilegiou os jornais como

²⁰ Heloísa de Faria CRUZ, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*, p. 20.

²¹ Ana Maria de Almeida CAMARGO, *A imprensa periódica como fonte à história do Brasil*.

objeto de análise e estudo compreendido como produtor e difusor de ideologia. Nesta perspectiva, suas constatações são as de que “[...] no primeiro momento, a produção jornalística era pensada como meio de ilustração, de comprovação factual. Buscava-se nela a constância noticiosa de algum evento, o destaque temático. Hoje, por outro lado, a produção jornalística adquire, por parte dos historiadores, uma importância nova”.²²

Com essa mesma preocupação, Zicman, num artigo publicado nos anos de 1980, evidencia a existência de uma verdadeira tradição que privilegia o primeiro tipo de abordagem, restringindo a análise do jornal à sua característica ilustrativa, mesmo quando o que se pretende é o segundo, ou seja, compreender o sentido mesmo de sua produção. Para ela isso é resultado do grande distanciamento do pesquisador em torno do texto jornalístico no qual sob “[...] o pretexto de perceber a mensagem implícita de maneira objetiva faz com que se esqueça da própria natureza dos textos e da imagem elaborados no contato imediato da realidade em movimento”, de maneira que “[...] com raríssimas exceções, para os historiadores o jornal é antes de tudo uma fonte onde se “recupera” o fato histórico – uma ponte ou trampolim em direção a “realidade” - não havendo, entretanto interesse na sua crítica interna.”²³

Contrariamente à primeira tendência desses trabalhos, Zicman propõe que “o estudo mais atento dos órgãos de imprensa tomados como fonte do conhecimento histórico deve ser um pressuposto necessário de todo trabalho que utiliza esse tipo de fonte documental”. Essa perspectiva de análise nos remete a

²² Germano MOLINARI FILHO, *Controle ideológico e imprensa: O anti-comunismo no Estado de São Paulo (1930-1937)*.

²³ Renée Barata ZICMAN, *História Através da Imprensa – Algumas considerações metodológicas*.

uma outra discussão, que está diretamente ligada ao fazer histórico. Trata-se da história da imprensa e da história através da imprensa. Neste sentido, é a própria Zicman que nos traz essa informação, afirmando que:

Nas relações da história com a imprensa destacamos dois grandes campos de estudo. O primeiro, que chamamos de história da imprensa, busca reconstituir a evolução histórica dos órgãos de imprensa e levantar suas principais características para um determinado período. O segundo campo-objeto do presente artigo – é o da história através da imprensa, englobando os trabalhos que tomam a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica.²⁴

Evidentemente essa distinção não corresponde a uma busca hermética da definição do objeto de estudo e, embora tais designações pareçam mais um capricho de intelectuais preocupados em cunhar um novo conceito, sua definição responde a uma necessidade prática que orienta o trabalho do pesquisador sobre as preocupações que a pesquisa se debruça, tanto como no que diz respeito às questões que o estudo se propõe responder. Nesse sentido, o estudo da história através da imprensa, que por uma operação analítica do historiador é transformada em fonte, deverá levar em consideração a natureza da mesma na constituição da problemática de pesquisa de maneira que:

[...] toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos, deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de imprensa consultados. Mesmo quando não

²⁴ *Ibid.*

se faz história da imprensa propriamente dita – mas antes o que chamamos de história através da imprensa - está-se sempre esbarrando nela pela necessidade de historicizar os jornais.²⁵

Embora tais usos sejam diferentes, não devemos, no entanto, entendê-los como antagônicos, mas como campos distintos de investigação que dialogam e se complementam. Portanto, seja qual for a perspectiva adotada, o diálogo entre estas duas tendências se faz necessário, não só para um possível enriquecimento do trabalho, mas, sobretudo, para uma melhor compreensão das delimitações das abordagens e da constituição da própria problemática do contexto analisado.

Um breve relato sobre a presença do negro na imprensa

Conforme apontamos anteriormente, é possível apreender duas tendências nos estudos que versaram suas preocupações em verificar a imagem do negro difundida: na história da e pela imprensa. Neste sentido, um dos trabalhos pioneiros e talvez o mais conhecido no campo de pesquisa sobre o negro na história pela imprensa, diz respeito à obra realizada por Gilberto Freyre *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*.²⁶

Nesta obra, por meio da análise dos anúncios de jornais, o autor busca reconstituir o paradigma das relações sócio-raciais estabelecidas naquele período em que a sociedade se dividia entre senhores e escravos.

²⁵ *Ibid.*

Destacando-se pelo referencial freyreano que enfatiza o caráter de uma relação frouxa, t pida, branda e pacífica entre senhores de engenho e seus escravos, a obra procura estabelecer uma rede de relações que dá margem   compreensão de uma relação harmoniosa entre negros e brancos, uma vez que, para o autor:

O Brasil nunca foi o país do extremismo, tudo aqui tende amolecer-se em contemporiza  es, adocicar-se em transigências pelo senhor de engenho em geral gordo, um tanto mole com rompantes apenas de crueldade, pela mulher gorda, às vezes obesa e pelo filho e filha, pelo capelão, pelo coronel do mato e pelo feitor.²⁷

Para ele, a seção de anúncios representava um espaço mais livre onde imperava uma linguagem mais à vontade por ser redigida por pessoas semi-alfabetizadas, iletradas, que tinham como única finalidade a venda de suas mercadorias, de seus produtos ou para anunciar a fuga de um escravo deixando evidenciar, desta forma, o seu caráter objetivo e o seu tom pessoal.²⁸

Essas características inerentes dos jornais publicados no século XIX, segundo o autor, visavam, sobretudo:

[...] estabelecer, no leitor do jornal, tipos de familiaridade, associação, automatismo em torno do objeto anunciado. Procura-se atrair, prender, absorver a atenção do leitor do jornal de modo especial com objetivos práticos e

²⁶ Gilberto FREYRE, *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, p. 07.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Ibid.*, p. XIII.

imediatos e através de palavras capazes de conquistar o leitor para o anunciante ou para o objeto anunciado.²⁹

A partir desse estudo Gilberto Freyre concebe a imprensa e, no seu caso, mais precisamente a seção de anúncios, como um espaço menos rígido que possibilita ao pesquisador uma visão panorâmica, uma observação mais sistemática de expressões e dos costumes da época.

Essa perspectiva revela o caráter do posicionamento político de Freyre, no qual, nem mesmo o conhecimento das atrocidades das relações escravistas, força-o a re-pensar essa relação. É intrigante perceber o relato de sua apresentação no primeiro congresso afro-brasileiro do Recife em 1937 – quatro anos após o lançamento de *Casa Grande & Senzala* -, onde o autor relata as deformações corporais dos negros fugidos:

São numerosos os casos de negros “rendidos” e “quebrados”; de pretos com “veias estouradas” ou calombos no corpo; os de escravos de andar cambaio ou banzeiro; vários os negros fugidos com máscara ou mordança de flandres na boca. Às vezes máscaras ou mordanças fechadas com cadeados. Essas mordanças seriam menos castigo que medida prophylatica: contra o chamado vicio de comer terra. As máscaras se usavam – informa em artigo nos *Annaes Brasilienses de Medicina* o médico Gama Lobo – contra a voracidade por toda a espécie de fructas, até as verdes, dos escravos soffrendo de ophtalmia a que denominou de brasiliana. Doença que seria causada pela má alimentação em certas fazendas do Império.³⁰

²⁹ *Ibid*, p. XLVII.

³⁰ Gilberto FREYRE, *Deformações de corpo dos negros fugidos*, p. 243.

O caráter das revelações de Freyre, ao enfatizar as inúmeras deformações dos corpos negros e as imagens da perversidade do sistema escravista, muito bem percebida por Antonacci como os nossos verdadeiros campos de concentração,³¹ nos permite constatar não somente o contra-senso das afirmações de Freyre nesta aparente contradição, mas revelam também a construção do pensamento freyreano que procura atribuir ao Império a irracionalidade das barbáries da escravidão e salvaguardar ao período da República a racionalidade da civilização.

A evidência dessa proposição pode ser percebida no conjunto de sua obra, com destaque proeminente para sua trilogia *Casa Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mocambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959) na qual o autor principia sua análise em *Casa Grande & Senzala* estabelecendo as raízes culturais da “formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal” no caráter híbrido ocorrido a partir do contato das três raças: a branca a negra e a indígena.

Na sua obra seguinte, *Sobrados e Mocambos*, Gilberto Freyre descreve um Brasil igual aos dos primeiros tempos de sua formação: agrário e patriarcal. Contudo, o escravo tinha sido substituído pelo bóia-fria, a senzala pelo mocambo e o senhor de engenho pelo usineiro ou pelo capitalista, numa ordem evolutiva onde esse processo culminaria na efetivação da República relatada por ele em *Ordem e Progresso*.

Essa peculiaridade do pensamento de Freyre ao considerar própria da história brasileira o caráter pacífico das relações oriundas desse processo de

³¹ Maria Antonieta ANTONACCI, *Corpos negros: desafiando verdades*, p. 39.

miscigenação, o levou a sonhar com a possibilidade de ser gestada, no Brasil, uma das mais generosas sociedades do mundo, instituídas sob os auspícios das bases democráticas. Assim, da escassez de mulheres brancas no início da colonização que deram origem a essa hibridização - uma particularidade inédita no mundo, que criou “zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos” - à zona intermediária dos sobrados e mocambos, o autor escreve *Ordem e Progresso* preocupado em revelar o caráter evolutivo do “processo de desintegração das sociedades patriarcal e semi-patriarcal no Brasil” culminando na instituição da República.

Num outro trabalho realizado posteriormente, contrapondo a visão idílica da concepção freyreana, Lília Moritz Schwarcz ao debruçar seus estudos sobre um momento fundamental e decisivo na história do Brasil Colônia, preocupa-se em decifrar a dinâmica própria da imprensa daquele momento, onde as constantes rebeliões opunham o escravo ao senhor de engenho. Ao mesmo tempo em que a campanha abolicionista ganhava corpo e as propostas de políticas imigratórias saíam do papel para se transformarem em ações concretas, a autora afirma que, diante da importância de uma imprensa que havia se transformado em “um fórum de debates” no final do século XIX, o seu objetivo era “[...] a recuperação e o entendimento da dinâmica que se estabelece, de construção e manipulação de representações sobre o negro cativo e liberto, quando se intensificam as rebeliões negras, no período final do processo abolicionista e toma volume à própria campanha da abolição”.³²

³² Lília Moritz SCHWARCZ, *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, p. 15.

Neste sentido o esforço da autora foi, sobretudo, o de evidenciar o jornal “enquanto produto social, isto é, como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas”.³³

Rompendo com as perspectivas das análises que privilegiavam o senhor de engenho em suas abordagens, a autora abre uma nova possibilidade de análise no campo dos estudos sobre a imprensa, ao reconstituir a dinâmica da relação entre negros e brancos em seus diversos momentos delimitados em três períodos cronológicos específicos. O primeiro compreendido entre 1875 a 1885, o segundo de 1885 a 1888 e o terceiro de 1888 a 1900.

Embora essa delimitação não seja estrita ou fixa, a autora argumenta que essa periodização “é importante pela insistência que revela em representações determinadas”.³⁴ Assim, a imagem ambígua sobre o negro que circulou no primeiro período - qualificando-o ora como violento, ora como fiel e amigo dos brancos - caracterizado pela autora como a imagem da “bela e da fera”; seguida à imagem do negro violento e rebelde amplamente divulgada no segundo período; e a imagem do negro como degenerado que prevaleceu no último período, deixava entrever uma discussão que colocava em pauta a “nova condição do negro” sob o olhar dos senhores de engenho.

Todas essas inúmeras suspeitas, que o material como um todo deixava entrever, remetem a um debate entre brancos, em suas diferentes correntes de opinião da nova

³³ *Ibid.*

³⁴ *Ibid.*, p. 163.

condição do negro. Por outro lado, porém, o negro, enquanto objeto dos discursos, parecia participar de um debate que o envolvia, mas não se dirigia diretamente a ele. O grande problema central parecia antes a nossa definição enquanto povo, bem como a explicitação dos critérios de acesso à cidadania, estando, portanto a questão negra imersa num problema que de certa forma a transcendia.³⁵

A dupla consciência³⁶ do ser negro e ao mesmo tempo participar de uma sociedade desigual que o obrigava a se posicionar frente ao caráter estereotipado da imprensa - que quando não o excluía, marginalizava e diminuía a sua participação e sua presença na construção da sociedade brasileira e diante das necessidades implícitas de seu próprio grupo frente a problemática instaurada -, o negro se mobiliza na criação de sua própria imprensa. De acordo com Bonfigli é neste contexto que o negro se organiza para criar mecanismos de solidariedade e luta para reverter sua situação de exclusão na sociedade.

A história de exclusão dos afros-descendentes reforçou sua invisibilidade na sociedade e nos meios de comunicação, porém marca a origem da imprensa negra no Brasil, fundamental na integração deste povo na sociedade brasileira, na formação de uma consciência e nas reivindicações políticas. Essa trajetória revela as dificuldades que a imprensa negra enfrentou, principalmente quanto aos problemas financeiros, mas também quanto ao racismo existente.³⁷

³⁵ *Ibid*, p. 252.

³⁶ Paul GILROY, *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*, p. 28.

³⁷ Eliana Melhado BONFIGLI, *O Que Aconteceu Com a Revista Raça Brasil?*, p. 10.

Para esta autora, a criação da imprensa negra³⁸ estava relacionada diretamente com a profunda invisibilidade negra nos meios de comunicação devido ao pungente racismo existente na sociedade, contra o qual insurgiria um forte processo de formação de consciência e de reivindicações políticas, mas também onde se encerrariam todas as possibilidades de organização juntamente com os problemas financeiros e político-ideológicos de seus organizadores.

Manifestações negras na cultura impressa: a imprensa negra

A história dos jornais da imprensa negra tem seu início, provavelmente, no final do século XIX. Os mais variados trabalhos que se debruçaram sobre ela, devido a grande dificuldade de acesso a tais publicações, retrataram as inúmeras e significativas tentativas de organização dessa imprensa, sobretudo, a partir do início do século XX.

De acordo com Cruz, é possível constatar a publicação do periódico *A Pátria: Órgão dos Homens de Cor*, já em 1890; *O Propugnador: Órgão da Sociedade Propugnadora 13 de Maio* em 1901, embora os estudos clássicos sobre o tema considerem como marco inicial dessa imprensa o surgimento do periódico “*O Menelick* (1915) Órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado

³⁸ A acepção recorrente que designa a imprensa negra, ao longo de sua existência, a define pela sua peculiaridade em direcionar-se a um público negro, sendo feita pelos próprios negros e/ou ainda preocupada em discutir questões pertinentes a este segmento. Assim, conforme definição de Clóvis Moura ao prefaciar a obra de Miriam Nicolau Ferrara: “trata-se, portanto, de uma imprensa alternativa que se esgotava no discurso para os negros [...]”; ou ainda Conforme Bonfigli, é a “[...] imprensa feita por negros ou que tratava a questão racial [...] A imprensa negra surgiu a

aos homens de cor cujo nome presta homenagem ao Menelick II, grande rei da raça preta, falecido em 1913”.³⁹

Nessa ordem apareceram alguns estudos que se destacaram pela importância da “luz” que lançaram sobre este campo de estudo. Dentre eles se destacam algumas pesquisas que, ao se dedicarem à análise da imagem paradigmática do negro na imprensa e daquilo que ficou conhecido como imprensa negra, possibilitaram uma maior compreensão da produção impressa dos diferentes grupos negros e que, por isso mesmo, vale a pena salientar.

Em primeiro lugar, encontra-se o trabalho de Roger Bastide,⁴⁰ considerado o precursor dos estudos sobre imprensa negra ao escrever *A Imprensa Negra Em São Paulo* na década de 1970. Na década seguinte Miriam Nicolau Ferrara⁴¹ escreveu *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*, estudo este que, longe de confrontar ou contestar o trabalho de Roger Bastide, veio para complementar seus estudos ampliando o nosso olhar sobre a imprensa negra desse período.

Nesta mesma perspectiva, outro trabalho que se destacou refere-se à revisão feita por Clóvis Moura em sua obra *Sociologia do Negro Brasileiro*⁴², também na década de 1980, que traça um perfil desses estudos ressaltando a importância dos dois primeiros autores para o estudo supracitado.

No primeiro caso, Roger Bastide preocupou-se em desvendar aquilo que ele denominou como “a mentalidade da raça”. Utilizando-se de um quadro de

partir da necessidade de se ter um veículo de informação e divulgação dos acontecimentos sociais da comunidade e uma alternativa capaz de refletir seus anseios”. *Ibid*, p. 43.

³⁹ Heloísa de Faria CRUZ, *São Paulo em papel e tinta: Periodismo da vida urbana (1890-1915)*, p. 129.

⁴⁰ Roger BASTIDE, *A imprensa Negra em São Paulo*.

⁴¹ Miriam Nicolau FERRARA, *A imprensa Negra Paulista (1915-1963)*.

categorias temáticas que versavam sua preocupação sobre a valorização, a exaltação do negro, a união, a solidariedade, a conscientização, a educação, o preconceito, a moral, os vícios, a participação social, a participação política, a participação econômica, a propaganda política, a representação política e os mexericos.

A partir dessa categorização, o autor construiu uma periodização que divide a história da imprensa negra em três momentos. O primeiro momento tem início após a primeira guerra mundial, isto é, após 1915 com o surgimento d'O *Menelick* e vai até 1930, sendo o *Getulino* o último jornal editado neste período, com uma publicação que circunscreve os anos de 1919 até 1924.

A respeito desse período, Roger Bastide destaca que os acontecimentos nacionais e internacionais possibilitavam um momento de grande euforia para a população negra brasileira, desejosa de ver concretizar a esperança de dias melhores:

Os jornais, esses em que a parte social tem, em geral, uma importância considerável, mas nos quais se insinua cada vez mais a política de protesto racial, sente-se que a guerra, divulgando as idéias de liberdade e igualdade, apresentando-se com o grande combate da democracia, despertou nas massas trabalhadoras de cor aspirações por melhor sorte. Ao mesmo tempo, temos indícios dos primeiros efeitos da política de educação no Brasil, o resultado do magnífico esforço da República no desenvolver o ensino gratuito primário.⁴³

⁴² Clóvis MOURA, *Sociologia do Negro Brasileiro*.

⁴³ Roger BASTIDE, *A imprensa Negra do Estado de São Paulo*, p. 53.

O segundo período vai de 1930, com o surgimento do periódico *O Progresso* em 1931 e se expande até 1937. Nas palavras de Roger Bastide, esse talvez tenha sido o período mais importante da imprensa negra, visto o papel político que desempenhou a partir do surgimento d'*O Clarim* em 1935 e, sobretudo, do jornal da Frente Negra Brasileira, intitulado *A Voz da Raça* em 1936. O autor afirma também que o segundo período é marcado pela “passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política” amplamente reprimida pelo Estado Novo que nascia naquele momento.

De acordo com suas próprias palavras:

É o período da formação, do desenvolvimento e do apogeu da 'Frente Negra', da passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política [...]. Entretanto, a supressão de todos os partidos políticos pelo Estado Novo e o regime de censura à imprensa devia acabar ao mesmo tempo com a existência da Frente Negra e com os jornais de pretos. De 1937 a 1945 é o vazio. É preciso esperar a volta do regime democrático para ver surgir de novo a imprensa de cor, com 'A Alvorada' e a 'Senzala'.⁴⁴

A instauração do Estado Novo e da censura por ele imposta, acaba com toda manifestação da imprensa negra, tornando esse período de 1937 à 1945 um “espaço vazio”. Essa imprensa rearticula-se após 1945, quando teve fim o Estado Novo.

⁴⁴ *Ibid*, p. 54.

Apesar de Roger Bastide não ter se dedicado com maior atenção ao terceiro período da categorização proposta por ele, sua contribuição é muito importante, sobretudo, para a reflexão aqui proposta; pois consegue apreender a importância dos novos jornais que surgiram em um contexto relativamente curto, pela capacidade que eles tiveram em impor sua dinâmica e expor seus dilemas, além de ter aberto caminho para outros estudos neste campo como foi o caso de Miriam Nicolau Ferrara.

Em seu trabalho Ferrara amplia o campo de conhecimento sobre a história da imprensa negra. Ao justificar a proposta de uma nova periodização, ela argumenta que tal fato se dá pela disponibilidade do material a que teve acesso, bem como pelo fato de que alguns jornais foram localizados em um momento posterior à obra de Bastide.⁴⁵ A sua periodização obedece, praticamente, aos mesmos critérios propostos por Bastide, sofrendo uma alteração superficial constatada devido aos motivos anteriormente apresentados, ou seja, a localização e a disponibilidade de material.

O primeiro período passa a ser definido a partir de 1915 e vai até 1923, quando o conteúdo de caráter reivindicativo ainda aparece em número reduzido, destacando de forma geral os bailes, as notas de casamentos, versos, falecimentos e mexericos. O segundo período é marcado pela criação do jornal *O Clarim da Alvorada*, jornal que juntamente com o *Getulino* dão o caráter combativo aos jornais daquele período que passaram a circular a partir de 1924, permanecendo até 1937. O terceiro período inicia-se em 1945 com o surgimento do *A Alvorada*, paralelamente com a deposição de Getúlio Vargas e a restauração

⁴⁵ Miriam Nicolau FERRARA, *A imprensa negra paulista (1915-1963)*, p. 41.

do regime democrático e vai até 1963. Para essa autora, a grande característica desse período é a reorganização dos jornais da imprensa negra, que buscavam rearticular suas reivindicações não tendo, contudo, a força e o significado dos que o antecederam.

Em 1963, os jornais negros sofreram nova paralisação ressurgindo na década de 1970, mas já com características distintas da imprensa da década anterior. Por isso, não constituindo seu objeto estudo. Conforme, afirma a autora:

Em 1945, com a democratização do país, todos os grupos procuraram reorganizar-se e também o grupo negro. A imprensa negra ressurgiu, principalmente, com o jornal 'Alvorada' (1945), órgão oficial da Associação do Negro Brasileiro. O terceiro período encerra-se em 1963 porque neste ano a imprensa sofre uma paralisação para rearticular-se por volta dos anos 70; porém, com características diferentes dos jornais das décadas anteriores. A imprensa recente não é objeto de nosso trabalho por ressurgir em outro momento histórico.⁴⁶

Como se vê, a periodização proposta por Ferrara, não se distancia muito aos preceitos já indicados por Bastide. Sua grande contribuição, porém, está no fato de que, se para Bastide a preocupação era desvendar a “mentalidade de uma raça”, Ferrara dedicar-se-ia em traçar um quadro histórico da imprensa negra em São Paulo, numa tentativa de reconstituir a história dos jornais e, com isso, identificar o sentido implícito da própria existência da imprensa negra. Neste sentido sua inquietação está em

⁴⁶ *Ibid*), p. 45.

[...] descrever os jornais negros num espaço de 48 anos (1915-1963) durante os quais essa imprensa vai, de diferentes maneiras, lutar principalmente contra os preconceitos, conscientizar o negro de sua posição na sociedade brasileira e valorizar a educação e a instrução.⁴⁷

Para a autora, a dificuldade em localizar, catalogar e mesmo tomar conhecimento do conteúdo produzido por estes periódicos, revelaram algumas características das circunstâncias de sua própria produção. Ao caracterizar esta imprensa, é enfática em afirmar que a imprensa negra surgiu como resposta à situação de alijamento social do negro no pós-abolição.

Argumenta, neste sentido, que com o desenvolvimento sócio-econômico, sobretudo na região sul do país após o fim da escravidão, o negro é sistematicamente substituído pelo imigrante europeu, que passou a ocupar as melhores posições, deixando como única alternativa ao negro ex-escravo relegado, olvidado e menosprezado, a possibilidade de ocupar a categoria de sub-proletariado.

Como resultado dessa competição desigual, os negros que passaram a concentrar-se em regiões como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná, começaram a se organizar por meio de cooperativas, clubes de lazer, escolas de samba, órgãos culturais, associações voluntárias de negros, com a finalidade de organizar bailes e recepção aos associados, e também instruí-los com o fito de auxiliá-los em sua ascensão sócio-econômica.

Com o mesmo intuito, criaram uma imprensa própria que, de início, apresentava um caráter mais associativo e com expressão de acentuada reivindicação. Daí a concentração de sua produção na região sul do país, revela o grau das tensões, e das competições travadas com os imigrantes, mais acirradas e insistentes devido ao acentuado processo de “aburguesamento” posto em movimento pela dinâmica própria das políticas daquele momento, que condensou a quantidade de imigrantes e elevou o nível do “sistema de estratificação sócio-econômica”.⁴⁸

A grande produção jornalística da imprensa negra demonstra o esforço dos negros em reivindicar a integração e a participação na sociedade mais abrangente. Isso é patente, por exemplo, quando se remetem à África. Nunca é para propor ou pregar um movimento de retorno, mas apenas com um sentido simbólico, para demonstrar que há um passado comum e evidenciar a existência de referenciais compartilhados. No mais, a grande ênfase é apontar o negro lutando por um espaço, pela sua cidadania.

A percepção do caráter implícito desses jornais levou Ferrara a definir a imprensa negra como sendo “os jornais feitos por negros e para negros”, que conseguem “articular-se socialmente imprimindo suas idéias ou reivindicações”, não se preocupando em discutir assuntos da sociedade mais ampla.⁴⁹ O jornal é visto pela autora como um “instrumento de luta ideológica” por meio da elaboração grupal, com características bem distintas dos demais meios de comunicação da época, sendo, por isso, cunhado como jornais alternativos.

⁴⁷ *Ibid*, 25-26.

⁴⁸ *Ibid*, p. 34.

⁴⁹ *Ibid*, p. 19.

Outra característica desses jornais residia no fato de que, em geral, eles não comportavam grandes tiragens e viviam miseravelmente. Assim, poucos duravam mais de um ano. Em alguns casos não passavam sequer do primeiro exemplar. Isso, segundo o próprio Roger Bastide, se explica facilmente, pois: “(...) se esses jornais têm uma existência frágil, é porque se dirigem a uma classe pobre, que não pode sustentá-los financeiramente; os seus desaparecimentos não indicam, pois, oposição entre a opinião do jornal e a opinião da massa”.⁵⁰

Num relato de José Correia Leite, um dos articuladores dessa imprensa, a escassez de recursos e de financiamentos para se manter era tal, que comprometia a própria existência dos jornais, de forma que, quando tinha dinheiro tinha jornal, caso contrário não, pois “ninguém comprava e nós dávamos os jornais gratuitamente. Pagávamos o papel com o nosso dinheiro e sempre tínhamos prejuízo”.⁵¹

Não obstante a todas essas dificuldades enfrentadas pelos variados jornais que circularam neste período, deve-se somar a diversidade ideológica que predominava nos diferentes grupos negros, que não só traduziam em ações concretas suas divergências, como a relatada por José Correia Leite,⁵² mas contribuíram de forma contraditória para o enfraquecimento do próprio movimento, que diluía e se diferenciava ideologicamente de tal forma, que na década de 1960 restringiam-se a pequenos grupos negros.

⁵⁰ Roger BASTIDE, *A imprensa negra do estado de São Paulo*, p. 50.

⁵¹ *Ibid*, p. 52.

⁵² José Correia Leite, um dos articuladores da imprensa negra, relata que: “Editamos dois números do ‘Chibata’. Quando ia sair o terceiro, um grupo da Frente Negra foi lá, empastelaram minha casa, quebraram tudo. Diziam que estavam empastelando o jornal. Aí, nós paramos, não editamos nem o ‘Chibata’ nem ‘O Clarim da Alvorada’”. Depoimento pessoal concedido a Miriam Nicolau Ferrara in.: *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*, p. 59.

Nesse momento, era perceptível que alguns grupos negros demonstravam um alto nível de erudição na exposição de idéias, enquanto outros se preocupavam em instruir e preparar politicamente os negros para influírem diretamente nos debates que envolviam a comunidade negra; mas todos já com seu alcance bastante limitado e suas forças visivelmente esgotadas devido aos atritos e à rigidez de suas posturas.

Numa pesquisa elaborada em 1993, Cardoso nos chama à atenção para tais contradições que envolviam a comunidade negra no período de 1915 à 1931 ressaltando que, embora os diversos grupos estivessem preocupados em lutar pela superação das desigualdades na sociedade, os diversos projetos implementados revelavam tensão até mesmo entre os diferentes grupos negros opondo a classe média e letrada do momento à imensa massa de negros pobres.⁵³

Às causas da derrocada desses jornais, da fragmentação e da dispersão desse movimento impresso, poderíamos acrescentar ainda as novas formas de expressão encontradas pelos negros para transmitir seus recados, expressarem suas idéias e canalizarem suas produções, seus pensamentos e suas reivindicações. Abdias do Nascimento, por exemplo, criador da revista *Quilombo*, uma publicação preocupada em discutir a “vida, os problemas e as aspirações do negro”, encontrou uma outra forma de diálogo por meio do *Teatro Experimental do Negro*.

⁵³ Paulino De Jesus Francisco CARDOSO, A luta contra a apatia. Estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)

Na verdade, a presença do negro no teatro brasileiro remonta as últimas décadas do século XIX, quando ganhou dimensão e importância pela produção de diversas companhias de teatro ligeiro e sobretudo por *De Chocolat e a Companhia Negra de Revistas no Rio de Janeiro* na década de 1920.⁵⁴ Contudo se viu profundamente marginalizado por intelectuais e por diversos outros contemporâneos, ignorando a sua importância, quando Abdias concretiza a idéia de criar um novo espaço na dramaturgia brasileira, na qual o negro pudesse canalizar suas idéias e reformular sua conscientização política.⁵⁵

Solano Trindade, que havia contribuído tanto com os jornais da imprensa negra como para os demais jornais e revistas de circulação geral daquele momento, acabou por encontrar no cinema uma nova dimensão da arte de se comunicar.⁵⁶ Frente a todas essas questões, na década de 1970, a imprensa negra já estava fragmentada e havia perdido muito de sua força. Num breve relato, Bonfigli descreve aquilo que, segundo ela foi à tônica dos anos 1970.

A partir de 1970, a imprensa já não era necessariamente feita por negros, mas uma imprensa que fala da questão racial, em que os negros participam da elaboração de textos e que é representada por jornais como jornal Versus, o Afro-Latina América, o Árvore das palavras, todos de circulação interna. A preocupação nesse período era também com o negro na sociedade brasileira, numa perspectiva de transformação social como os movimentos sociais da época. Verifica-se que essa imprensa, feita por negros ou que tratava da questão racial, foi formulada por alguns pensadores [que] discutiam a questão da raça e da classe conjuntamente. Essa imprensa

⁵⁴ Nirlene NEPOMUCENO, *Testemunhos de Poéticas Negras: De Chocolat e a Companhia de Revistas no Rio de Janeiro (1926-1927)*.

⁵⁵ Miriam Garcia MENDES, *O Negro e o Teatro Brasileiro*, p. 53.

⁵⁶ Clóvis MOURA, *A Imprensa Negra em São Paulo*.

espelha o momento em que a questão da raça se torna um elemento possível, com potencial de transformação social, dentro de um conjunto de outros movimentos sociais. Desde 1968 até fins de 1980 o conjunto de publicações feitas, seja pelo movimento negro, seja por jornais e revistas que discutem a questão racial, colocava a questão da transformação social.⁵⁷

Neste contexto relatado por Bonfigli surge, a partir da segunda metade da década de 1970 e início da década de 1980, uma nova maneira de olhar para o negro preocupada em entender a realidade da população negra sob uma nova perspectiva. Nesse momento surgem diversas entidades culturais negras como o bloco carnavalesco *Afro Ilê Aiyê* em Salvador; o *IPC - Instituto de Pesquisas Negras* no Rio de Janeiro em 1974; a *Escola de Samba Quilombo* no Rio de Janeiro e o *Centro de Pesquisas das Culturas Negras* em Salvador em 1976, dentre tantas outras entidades que vão, a partir desse momento, enfatizar aquilo que Silva chamou de “auto-afirmação cultural”.⁵⁸

Para o autor, a partir desse momento estava acontecendo um verdadeiro renascimento da cultura negra, que podia ser explicado por diversos motivos. Em primeiro lugar devido às novas formas de expressões e manifestações criadas pelos negros que se opunham à forte política de repressão, que ainda vigorava como método de governo do Regime Militar; em segundo lugar pela aproximação

⁵⁷ Embora Bonfigli não tenha entrado no mérito é possível afirmar que, a influência desse tipo de pensamento amplamente difundido, está intimamente ligado à Escola Paulista criada por estudiosos da Universidade de São Paulo que faziam do marxismo seu principal instrumental para analisar a sociedade brasileira. Faziam parte desse grupo personalidades como Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Thales de Azevedo, Luiz Renato Costa Pinto dentre outros. Eliana Melhado BONFIGLI. *O que aconteceu com a revista Raça Brasil?*, p. 43.

⁵⁸ Jônatas C. da SILVA, *História de Lutas Negra: Memória do Surgimento do Movimento Negro na Bahia*, in.: João José RES (Org), *Escravidão e invenção da liberdade*, p. 275-288.

do Brasil com a África negra e pela difusão da cultura negra como parte da idéia cristalizada de democracia racial que ainda subsistia naquele momento.

Em sintonia com a atuação de um “sem-número de entidades culturais negras” espalhadas nas principais cidades brasileiras, surge também o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial/MNU. Impulsionado pela busca da afirmação étnico-racial e engajado, sobretudo, na causa de desmistificar a imagem idílica cristalizada na idéia de “democracia racial” amplamente difundida pelas políticas estatais, o MNU define, a princípio, três marcos norteadores de sua atuação: denunciar toda e qualquer forma de racismo e preconceito racial; desmascarar o mito da democracia racial e lutar em prol da construção de uma identidade étnica positiva.⁵⁹

Paralelamente à ação do Movimento Social dos Negros e de uma movimentação social que impulsionava a democratização do país foram criados os primeiros órgãos públicos destinados à população negra. Os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia foram os primeiros a criar seus Conselhos Estaduais. Em nível nacional foi criada a *Fundação Palmares*, órgão vinculado ao Ministério da Cultura. No âmbito da legislação foram criadas leis com o intuito de barrar as discriminações raciais. Os partidos políticos procuraram também ampliar o espaço destinado às reivindicações da população negra o que resultou numa incorporação maior da causa negra na plataforma política dos partidos, culminando na participação e na candidatura de políticos negros.

A sociedade civil se mobilizava por meio de organizações não-governamentais espalhadas por todo país. Em São Paulo, por exemplo,

destacam-se o *Geledés* - Instituto da Mulher Negra - e a *Fala Preta*, preocupadas com questões como direito à cidadania e reprodutividade da mulher negra, e o *Centro de Estudos do Trabalho e Desigualdades – CEERT*, preocupado com as relações entre trabalho e as desigualdades sócio-raciais.

Dessa forma, nas décadas de 1980 e 1990 as atenções em relação à população negra centraram-se em outros aspectos. Assim, se num primeiro momento o protesto negro se dava no campo cultural, com o surgimento do MNU, passa a se dar no campo das discussões de políticas públicas. A questão da cidadania ganha espaço num contexto em que se procura focar problemas específicos como a educação, o trabalho, a saúde e moradia com políticas específicas para esse segmento.

De acordo com Antônio Sérgio Guimarães em meados da década de 1970, rompeu-se o pacto da democracia racial enquanto “pacto político de integração de participação das massas” ou como “integração simbólica dos negros à nação”. Nesse momento, esse pacto que negava as particularidades e renunciava às singularidades da cultura negra, subordinando suas peculiaridades, começava a ser questionado fazendo emergir no cenário político brasileiro reivindicações por uma política de identidade.

Ou seja, antes que o movimento negro aparecesse na cena política nacional com uma agenda radical de reivindicações anti-racistas, a “afirmação cultural” negra já se encontrava bastante madura, protegida justamente por uma política de “democracia racial”, que remonta aos anos 1930. O novo, nos anos

⁵⁹ Antônio Sérgio Alfredo GUIMARÃES, *Classes, raças e democracia*, p. 158.

1980, como disse Florestan, será a demanda por direito à diferença cultural *pari passu* à demanda por direitos sociais e respeito pelos direitos civis dos negros.⁶⁰

Seguindo o raciocínio desse autor, conclui-se de que o movimento negro surgido na década de 1970, ao destacar-se na cena política em harmonia com o movimento de democratização e de luta por direitos civis, conseguia unificar em uma única bandeira suas reivindicações históricas, expandindo o leque de suas reclamações.

Ou seja, o movimento negro retomava as suas bandeiras históricas de “integração do negro à sociedade de classes” (Fernandes, 1965), acrescentando a elas a nova bandeira de identidade étnico-racial expandida. Ou seja, têm-se três movimentos em um: a luta contra o preconceito racial; a luta pelos direitos culturais da minoria afro-brasileira; a luta contra o modo como os negros foram definidos e incluídos na nacionalidade brasileira.⁶¹

É significativo destacar neste contexto, a luta histórica do movimento negro em um momento que a sociedade brasileira saía de um regime autoritário visando o estabelecimento de um regime democrático, o que implicava na necessidade de forçar o Estado a fazer uma revisão da sua atuação referente aos variados segmentos da sociedade. Significava também rever a relação de seus membros, uns frente aos outros, tanto no presente como no passado.

⁶⁰ *Ibid*, p. 159.

⁶¹ *Ibid*, p. 160.

Neste sentido, o papel que a imprensa desempenha nessa conjuntura é de supra importância para compreendermos a dimensão dos embates travados entre esses diferentes grupos e setores na sociedade, uma vez que a imprensa acompanhou este debate influenciando ativamente nas problemáticas que procuravam delinear em sua própria época. Uma rápida revisão na produção acadêmica sobre o assunto demonstra que ao longo do século XX e mesmo o final do século XIX, a relação entre negros e brancos revelou-se problemática deixando resquícios que atualizam e reforçam a exclusão do negro na sociedade ainda hoje.

Preocupados com a invisibilidade do negro na mídia e com a visão estereotipada que ela veicula, nas décadas de 1980 e 1990 surgem diversos projetos de revistas que procuraram modificar a imagem do negro na imprensa. Segundo Bonfigli é, sobretudo a partir desse momento que essa nova forma de expressão negra nos meios de comunicação aparece. Todas com propostas semelhantes e com o mesmo estilo editorial, embora com investimentos financeiros diversos - o que justifica parcialmente o fato de que algumas destas não passaram do primeiro número.

Dentre as diversas revistas que surgiram nas duas últimas décadas, é possível destacar a revista *Ébano* criada em 1980; a revista *Black People* criada em 1995; a *Swing Arte e Cia*, a *Agito Geral*, a *Visual Cabelos Crespos*, a *Som Black* criadas em 1997; a *Negro 100 Por Cento* criada em 1998; a *Etnic* e a *Beauty Formas & Tendências* criadas em 1999; e a *Estilo Black*, a mais nova revista negra lançada em 2006. Poderíamos acrescentar ainda as revistas institucionais criadas após 1996 como a *Afirmativa Plural* da Afrobrás, a *Revista*

Palmares, da Fundação Palmares; a revista *Perspectiva* da Fala Preta além de inúmeras publicações on-line.

Contudo, apesar do grande número de revistas negras existentes ou que circularam recentemente, sob o olhar de Bonfigli, somente a revista *Raça Brasil* teria sido capaz de dar visibilidade para o afro-descendente, considerando a pluralidade e a especificidade de sua constituição enquanto grupo étnico e de suas necessidades práticas. Assim, de acordo com esta autora:

[...] foi com a revista *Raça Brasil*, criada em outubro [sic] de 1996, que serviu para pontuar um caminho diferente. Serviu para chamar a atenção sobre a imagem do afro-descendente, e para a construção de estratégias de sua sobrevivência, considerando os diversos estilos de vida e as diversas formas de encarar sua própria etnicidade.⁶²

Cabe ressaltar, que desse ponto de vista, a autora não está isolada. Conforme procuramos demonstrar acima, embora a receptividade das outras iniciativas de criação de revistas tenham apresentado um alcance limitado, todas elas fizeram parte de um movimento mais amplo que procurou rediscutir o lugar social do negro na sociedade e difundir uma nova percepção sobre ele considerando suas especificidades. Desse modo, é notória a importância das publicações que precederam o surgimento de *Raça Brasil*, por procurarem trilhar novos caminhos e sedimentarem uma preocupação que favorecia e enriquecia a discussão na qual *Raça Brasil* procurou centrar suas temáticas.

⁶² Eliana Melhado BONFIGLI, *O que aconteceu com a revista Raça Brasil*, p 43.

Articulando temas que condizem com a trajetória histórica do movimento negro, amplamente difundida nos meios de comunicação, *Raça Brasil* traz à tona discussões que se pretendem importantes para esse contingente. É dessa forma, portanto, que como ver-se-á a seguir, poderemos compreender o debate gestado após o surgimento de *Raça Brasil*, que dividiu as opiniões sobre seu real significado, revelando o sentido do impacto causado por esta publicação, bem como pelo recorte temático que ela procurou difundir em suas páginas.

É importante frisar, nesse sentido que a revista *Raça Brasil* não é a primeira nem foi a única publicação que buscou retratar em suas páginas o problema racial, que direcionou seu conteúdo para o público negro e que se preocupou em discutir as questões pertinentes a este seguimento.⁶³ Contudo, das inúmeras tentativas da imprensa negra que se empenharam em focalizar o negro, nenhuma delas foi capaz de alcançar o destaque dispensado à revista *Raça Brasil*.

A dimensão alcançada por esta publicação transformou-a num referencial importante, não somente para a compreensão do significado da trajetória da imprensa negra, mas para a compreensão do próprio negro e das relações estabelecidas por ele na sociedade brasileira, na medida em que o sucesso, bem como os temas abordados pela revista, elevaram à pauta das discussões questões sobre o negro, que ultrapassaram os muros da comunidade negra e do próprio movimento negro organizado.

⁶³ Segundo depoimento de Francisco de Oliveira, terceiro editor da revista, “no Brasil houve 36 tentativas de se fazer uma revista para negros”. Contudo é possível afirmar que existiu um número ainda maior, uma vez que Ferrara em sua pesquisa delimitada entre 1915-1963 catalogou o mesmo número de publicações, não considerando a produção anterior a este período, bem como o período posterior.

Raça Brasil: Um novo marco na história da imprensa escrita no Brasil.

A revista *Raça Brasil* foi lançada em 2 de setembro de 1996, considerada um sucesso editorial por causa do seu alto índice de vendas. Para Aroldo Macedo, editor-chefe da revista, era “o maior fenômeno editorial da história”. Ao avaliar o resultado da vendagem, ele chegou a afirmar que o sucesso da revista era “um fato inédito, surpreendente, fantástico”.⁶⁴ Um fato digno de comemorações para seu corpo editorial e também para seu corpo de leitores; afinal, nunca uma revista havia vendido tanto e em tão pouco tempo: foram “300 mil exemplares, uma coisa maluca”.⁶⁵

Num relato proferido na UNICAMP, Aroldo Macedo referiu-se novamente ao impacto causado pela Revista *Raça Brasil*, demonstrando surpresa e espanto ao perceber as dimensões alcançadas pela publicação que, segundo ele, teria colocado o “Brasil no mapa do mundo”: “seis colunas do *NY Times* falando sobre a revista, no *Washington Post*, *Atlanta*, *BBC* de Londres, *CNN* (...)”.⁶⁶

Francisco Oliveira, revisor técnico e repórter da publicação naquele momento, acrescentaria em seguida que, “a *Veja* falou da *Raça*, *Frias*, da *Folha de São Paulo*, fez um editorial sobre a *Raça* (falando dos nacionais). A imprensa especializada falou sobre a *Raça*.” No contexto internacional, a receptividade da grande mídia em relação à *Raça* não foi muito diferente: “A revista teve uma mídia

⁶⁴ Revista *Raça Brasil*. Editorial *Linha de Frente: O Brasil nunca mais será o mesmo*, 1 (2), p. 4.

espontânea muito grande. Saiu na Times, saiu no *Independence* de Londres, na França, nos EUA, no *Newswek*. O Japão fez matéria com a gente. A Ásia, a África, Europa e EUA, todos falaram da *Raça Brasil*.⁶⁷ E não parou por aí: em território nacional a revista virou tema de debates, artigos, livros e até mesmo de trabalhos acadêmicos.

A revista provocou uma verdadeira movimentação nos mais variados círculos da sociedade. Desde a própria equipe que “deu a luz” a esta publicação, passando pelo movimento negro; - nas suas mais variadas tendências e que, importante ressaltar, coloca-se como vanguarda da luta em prol dos negros - aos meios acadêmicos e em especial as áreas das ciências humanas e sociais, como também os meios de comunicação nacional incluindo os meios de comunicação institucionais, (empresas, fundações e associações).

Os mais importantes e diferentes meios de comunicação do mundo colocaram em evidência os responsáveis pela revista de maneira tal, que chegaram a comprometer o estabelecimento de uma rotina no cotidiano das atividades desenvolvidas pela equipe editorial, nos dois ou três primeiros meses subsequentes ao seu lançamento. De acordo com Aroldo Macedo, o corpo editorial “passou quase três meses sem trabalhar direito, só dando entrevista para o Brasil inteiro, para correspondentes do mundo inteiro, Portugal, Holanda, um clipping gigantesco”.⁶⁸

⁶⁵ Depoimento pessoal de Aroldo Macedo, *Gênero e raça, em revista: debate com os editores da Revista Raça Brasil*, in: Cadernos Pagu: Raça e Gênero, (6-7), p. 249-252.

⁶⁶ *Ibid.*

⁶⁷ Depoimento pessoal de Francisco de Oliveira in: Eliana Melhado BONFIGLI. *O Que Aconteceu Com a Revista Raça Brasil?*, entrevista/anexo.

⁶⁸ Depoimento pessoal de Aroldo Macedo, *Gênero e raça, em revista: debate com os editores da Revista Raça Brasil*, in: Cadernos Pagu: Raça e Gênero, (6-7), p. 249-252.

É sintomático destacar que, o sucesso da revista tenha trazido à tona a preocupação em compreender o sentido, as causas de seu sucesso e, ainda, o significado de sua existência para um público consumidor a quem a revista se direcionava. Neste sentido, as abordagens que versaram suas preocupações sobre este tema - incluindo aí a dos próprios representantes da revista - de uma forma geral, concentraram suas críticas em duas questões bastante distintas, porém complementares.

A primeira perspectiva de abordagem sobre o assunto, oriunda do meio acadêmico, do mercado publicitário, do movimento negro e do mundo midiático, procurou enfatizar o aspecto da contribuição da revista na abertura de um novo espaço no mercado publicitário e editorial. Essa compreensão admitia a postura de um suposto comprometimento ideológico com uma política neoliberal, capitalista, imperialista.

Essa análise sobre o perfil da revista *Raça Brasil*, procurou compreendê-la enquanto instrumento político-ideológico com interesses específicos. Vale ressaltar que essa perspectiva ganhou amplo respaldo dentro de uma tendência de análise historiográfica preocupada em fazer do jornal um objeto de análise e estudo, compreendido como produtor e difusor de ideologia.⁶⁹ Estas análises buscavam, dessa forma, dar ênfase ao caráter econômico e a postura político-ideológica⁷⁰ que estariam em jogo com o surgimento da revista *Raça Brasil*, e com

⁶⁹ Germano MOLINARI FILHO, *Controle ideológico e imprensa: o anti-comunismo no Estado de São Paulo (1930-1937)*, p. 11.

⁷⁰ Preocupados, sobretudo, com um estudo que rompesse com a perspectiva de análise da imprensa como mero instrumento ilustrativo da realidade, diversos autores atentaram para uma análise estrutural dos órgãos de comunicação. Nesta perspectiva, é significativa a contribuição de pesquisadores como Maria Helena Capelato, Vavy Pacheco Borges e Maria Lígia Prado, pioneiras neste tipo de abordagem que permitiu uma ampliação e a abertura de novos caminhos para aqueles que se propusessem trabalhar a imprensa.

a temática aberta pela publicação.

Essa foi, por exemplo, a constatação do sociólogo Octávio Ianni, que participou do debate realizado na UNICAMP, organizado e coordenado pela Professora Sueli Kofes, onde estiveram presentes Aroldo Macedo (editor-chefe da *Raça Brasil*), Roberto Melo, (Diretor Editorial da Editora Símbolo), Valter Silvério, (Professor da UFSCAR), e Mariza Correia, (Professora da UNICAMP), participando do debate “*Gênero e raça, em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*”.⁷¹

Na oportunidade, Ianni afirmou que o sucesso da revista *Raça Brasil* estava relacionado diretamente ao fato de que a revista se inseria no movimento negro brasileiro, abrindo caminho para a “via política do black is beautiful”. De acordo com esse autor:

Há uma análise muito mais cuidadosa a ser feita, mas não há dúvidas de que a revista está nitidamente inserida no movimento negro. Só que não é de uma maneira única, unívoca, exclusiva. É uma revista que se insere no movimento negro, e de certo modo resgata, desenvolve e valoriza o black is beautiful”.⁷²

Para este autor, a revista havia chamado a atenção da imprensa nacional, furando o rigoroso bloqueio da mídia televisiva, já que foi noticiada nos principais telejornais brasileiros e também na imprensa internacional, por causa do seu projeto, muito bem elaborado e uma proposta que não deveria surpreender ninguém, devido às suas ambições em ampliar o mercado consumidor dos

⁷¹ Cadernos Pagu: Raça e Gênero, *Gênero e raça, em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*, (6-7).

⁷² Octávio IANNI, *Gênero e raça, em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*, in: Cadernos Pagu: Raça e Gênero, (6-7), p. 263-7.

produtos anunciados por ela.

Gevanilda Gomes dos Santos, socióloga dedicada ao estudo das relações sócio-raciais brasileiras, chegou a uma constatação semelhante. Para esta estudiosa e militante da Soweto⁷³, em seu artigo *A visão mercadológica*, dois fatos explicavam o grande sucesso editorial de *Raça Brasil* e ainda confortava as frustrações das inúmeras tentativas da imprensa negra, tanto do passado como do presente.

Primeiro, que o sucesso do lançamento de uma revista afro-brasileira depende de grande investimento financeiro. (...) Segundo, o lançamento, além de significar uma abertura no mercado editorial, abriu também uma via política de integração sócio-racial dentro da dinâmica do consumismo.⁷⁴

Assim, para esta autora, o grande sucesso editorial da revista se dava, especialmente, porque ela abriu uma via política de integração sócio-racial dentro da dinâmica do consumismo, ou seja, uma “via de ascensão social para negros de classe média, que se expressava no plano do consumo”.⁷⁵

O jornal *O Estado de São Paulo*, em sua versão on-line, por sua vez, também tocou nesta questão. O artigo da jornalista Helena Costa publicado com o título *Raça Brasil e o (Novo) Contexto nas Relações Raciais*, enfatizava a importância da revista numa perspectiva que valorizava a ampliação do “espaço

⁷³ A Soweto é uma organização negra preocupada com a luta e a defesa de questões direcionadas ao segmento negro.

⁷⁴ Gevanilda Gomes dos SANTOS, *A Visibilidade Mercadológica*, in: Revista Teoria e Debate (35), p. 1-3.

para os temas étnicos para além de seus limites, influenciando outras publicações e até mesmo o mercado publicitário” que já estava de “olho” nesse novo nicho descoberto.⁷⁶

Para essa jornalista, a grande questão com a ampliação dos “temas étnicos” nos meios de comunicação, era a abertura de mais um espaço no grande e disputado “mercado publicitário”, que crescia amplamente a partir das descobertas proporcionadas com a publicação do periódico.

Neste mesmo sentido, o jornal *Meio & Mensagem*, publicou em 2001 uma matéria com o título “Politicamente correto: Lei prevê emprego de 40% de atores negros em publicidade”. Nela, as jornalistas Valéria Borges e Tereza Levin, comentam que “desde o lançamento da Revista *Raça Brasil*, o mercado se movimentou e percebeu que, 50% do público é afro-descendente”.⁷⁷

Dessa forma, é possível observar que embora tais interlocutores supracitados posicionem-se em lugares diferentes e com preocupações distintas, todos procuravam enfatizar o caráter mercadológico que a revista havia despertado, compreendendo-a como um importante canal de divulgação de produtos étnicos.

A segunda perspectiva de análise, diferenciando o foco de sua discussão, procurou centrar sua preocupação na caracterização da importância da revista *Raça Brasil*, tendo em vista o papel social desempenhado por ela e a contribuição para a melhoria das demandas oriundas desse contingente populacional negro.

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ Home page <http://www.estado.estadao.com.br/jornal>

⁷⁷ Jornal *Meio & Mensagem* edição de 09/04/2001.

Para o pesquisador Eduardo Henrique Pereira de Oliveira, membro do grupo da revista on-line *Afirma*, em seu artigo *Quem é Quem na Negritude Brasileira*, a revista significava um verdadeiro divisor de águas na história da imprensa negra do país, que sem dúvida poderia ser tranquilamente dividido em dois momentos: “antes do aparecimento da revista *Raça Brasil*” e “depois do surgimento do mencionado periódico”.

Seria lugar comum o fato de dizer-se que há dois momentos ao longo da História da Imprensa negra brasileira: um, antes do aparecimento da revista *Raça Brasil*, recoberto de sacrifícios, de sonhos de lágrimas e de heroísmo, quando nele pontificaram as figuras heráldicas de José Correia Leite, Jaime de Aguiar...; outro, depois do surgimento do mencionado periódico, que veio não só para ficar como, sobretudo, para revolucionar os modernos meios de comunicação, dando postura e visibilidade a um contingente populacional que hoje representa mais de 50% de nossa população, que é a comunidade negra brasileira.⁷⁸

Segundo esse autor, a publicação teria revolucionado os meios de comunicação modernos, ao dar visibilidade à população negra transformando a percepção sobre esse contingente. Relembrando o importante papel desempenhado por personagens ilustres que deram vida à imprensa negra do passado, Eduardo de Oliveira chama à atenção para aquilo que deveria ser o verdadeiro papel dessa imprensa, ou seja, dar “postura e visibilidade a um contingente populacional” negro.

Num artigo eletrônico publicado no *GRUCON* - site do Grupo de União e

Consciência Negra -, o jornalista e militante Marcos Erlan considera a revista como uma verdadeira arma contra o racismo e o preconceito instituído contra negros e contra os diversos “movimentos de resistência cultural”.

Para Marcos Erlan, os meios de comunicação social são responsáveis, dentre outras coisas, em difundir e perpetuar uma imagem estigmatizada que marginaliza não só o negro, mas o índio e outras etnias minoritárias. Contudo, formas para combater esse preconceito surgem a cada novo dia, com novos instrumentos para continuar essa luta cotidiana.

Um dos mais recentes foi o surgimento da revista *Raça Brasil*, que tem cumprido o importante papel de trabalhar a auto-estima dos negros e negras, valorizando a cor da sua pele, o seu cabelo, as suas feições. Hoje, nós, nos movimentos negros e nos diversos movimentos de resistência cultural podemos bater bem forte no peito e dizer, negro é lindo!⁷⁹

Para ele a importância da revista *Raça Brasil* estava no fato de que a revista representava o negro de uma maneira inovadora e positiva, valorizando a sua estética e elevando, com isso, a sua auto-estima. Dessa forma, demonstrava ser mais uma aliada dos movimentos negros contra o racismo e a discriminação.

Nessa mesma perspectiva, uma outra justificativa, daqueles que atribuíam ao sucesso da revista uma dimensão social, adivinha dos mais variados setores da sociedade, de diferentes etnias, diferentes posicionamentos político, ideológicos e com distintas perspectivas de análise.

⁷⁸ Eduardo Henrique Pereira de OLIVEIRA, *Quem é quem na negritude brasileira*, p. 40.

Nos meios de comunicação poder-se-ia citar nomes como o da apresentadora Xuxa, dos apresentadores Gugu Liberato e Jô Soares, o compositor Caetano Veloso, o diretor artístico da rede Manchete Walter Avancini, a jornalista da Rede Globo Glória Maria, as atrizes Zezé Motta e Izabel Fillardes e o ator Norton Nascimento.

No Governo Federal brasileiro destacavam-se nomes como o do Ministro dos Esportes Edson Arantes do Nascimento, o do Ministro da Justiça Nelson Jobim, o do Deputado Federal Paulo Paim, o da Senadora Benedita da Silva, o do Secretário de Comunicação Social da Presidência da República Sérgio Silva do Amaral. Além desses, havia também leitores oriundos dos mais variados segmentos da sociedade, inclusive de outros países como Estados Unidos da América, França, Angola, África do Sul e Japão.⁸⁰

Aos olhos desses distintos interlocutores, a revista representava um diferencial no mercado editorial brasileiro. Isto é perceptível na forma como esses correspondentes atribuíam à revista uma sobrecarga de sentidos⁸¹ expressa, implícita ou explicitamente, na necessidade de “lançar um olhar significativo sobre o negro”, reconhecendo a relevância do papel desempenhado por ele no processo de formação da sociedade brasileira, com a coragem de “peitar o *stabliment*” mostrando o negro sob uma nova perspectiva.⁸²

O enfoque dado por estes interlocutores tornava perceptível a importância

⁷⁹ Home page <http://www.grucom.hpg.com.br/zumbi.htm>

⁸⁰ Revista Raça Brasil, Caderno Sempre em Raça, seção Outras Palavras, 1 (1), p. 8.

⁸¹ Expressão cunhada pelo estudioso Maurice Merleau-Ponty, ao afirmar que a “linguagem diz peremptoriamente, mesmo quando renuncia a dizer a coisa mesma” (De Mauss a Lévi-Strauss”, in: *Os Pensadores*, pág. 144).

⁸² Revista Raça Brasil, Caderno Sempre em Raça, seção Outras Palavras, 1 (1), p. 8.

do papel desempenhado pela revista na mudança da imagem do negro nos meios de comunicação, bem como o papel atribuído a ela neste processo de mudança do caráter da representação da imagem do negro no Brasil.

É neste sentido que Silvia Ramos em seu artigo publicado no livro *Mídia e Racismo*, chama-nos a atenção para o fato de que historicamente os meios de comunicação se empenharam em difundir uma imagem negativa do negro de forma que especialmente nos meios de comunicação de massa, [...] como a televisão e o rádio, as desigualdades raciais são naturalizadas, banalizadas e muitas vezes racionalizadas”, de forma que, em “[...] grande medida, através da mídia de massa as representações raciais são atualizadas e reificadas. E dessa forma, como ‘coisas’, circulam com noções mais ou menos comuns a toda a sociedade e como idéias mais ou menos sensatas.⁸³ É nesse sentido que para essa autora a importância da Raça Brasil, estava no fato dela trazer uma visibilidade positiva sobre o negro visto que:

“(...) não basta que os livros e jornais publiquem que a maioria da população brasileira é de pessoas negras. E que digam que os negros e os indígenas formam a base da sustentação racial da composição étnica da sociedade brasileira. É preciso que haja visibilidade, e que tenhamos esta visibilidade, não pura e simplesmente com a criação de leis, que são necessárias e que devem ser efetivamente cumpridas, mas pela criação de mecanismos através dos quais o negro garanta a sua presença física também, e cultural, a sua expressão, a sua imagem. A invisibilidade é uma das grandes crueldades do racismo.⁸⁴

⁸³ Sílvia RAMOS, *Mídia e Racismo*, p. 09.

⁸⁴ *Ibid*, p.22-23.

Ao convergir com o ponto de vista explicitado, Sandra Almada, procura enfatizar que a grande importância da revista *Raça Brasil* estava na contribuição que esta trouxera para o movimento negro, para o jornalismo e para a imprensa negra. “Não apenas em termos mercadológicos, mas também porque colaborou de forma importante para a mudança na cultura de imagem, apresentando uma imagem do negro que, de certa forma desmistificava as imagens tradicionais que nós víamos na mídia, do pagodeiro ou dos nossos excluídos, que compunham as manchetes do noticiário policial”.

[...] hoje que sou professora, além de continuar exercendo o jornalismo, preocupa-me perceber que a mesma falta de formação a respeito das questões raciais que eu percebia nos meios acadêmicos que orientaram o meu trabalho, na UFF, continua existindo no quadro acadêmico da atualidade. Ou seja a imprensa negra está absolutamente alijada dos grandes debates nos meios de comunicação.⁸⁵

Diante disso, considerada sob uma perspectiva de vanguarda, a revista deveria responder aos anseios da sociedade por meio do seu olhar social”. Deveria “suprir uma lacuna nos meios de comunicações” e “consolidar o espaço do negro” na sociedade com “injeção de ânimo” e “seriedade de abordagem”, servindo de estímulo e “bandeira de luta” para reduzir e, quiçá, extirpar a discriminação racial por meio de sua publicação, que pudesse corresponder às “aspirações de um espírito de mudanças” na busca da reafirmação do “orgulho de um povo” e de transformações que culminariam num “país mais justo e mais

⁸⁵ Sandra ALMADA, *Mídia e Racismo*, p. 52.

humano”.⁸⁶

Assim, os mais diferentes pontos de vista sobre a revista, ao procurar situar o seu papel social, colocavam em movimento um intenso processo de experimentação social⁸⁷ ultrapassando os limites, as intenções e até mesmo o alcance do periódico.

Essa construção social abria, assim, espaço para re-pensar a dinâmica e o significado do impacto provocado pela imagem do negro na mídia, revelando, com isso, um olhar específico sobre suas tensões, seus anseios e embates, seus dilemas e perspectivas.

Desta forma é significativo destacar que a discussão em torno de *Raça Brasil*, ao procurar re-significar a percepção sobre a imagem do negro, abre espaço para uma discussão que nos remete à trajetória histórica da população negra. Surge assim a necessidade de compreender a produção da revista, não somente em termos de seu direcionamento para o mercado publicitário ou do significado do papel social desempenhado por ela na transformação dessa realidade, mas numa perspectiva que possibilite uma maior compreensão da discussão sobre o próprio negro brasileiro.

Raça Brasil: a nova imprensa negra brasileira

⁸⁶ Revista Raça Brasil, Caderno Sempre em Raça, seção Outras Palavras, 1 (1), p. 8.

⁸⁷ Heloisa de Faria CRUZ. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*, p. 19-20.

Fruto de um impulso inovador de uma das maiores editoras do país, tanto pela tradição de suas publicações como pela fatia do mercado que detém, no ano de 1996 surgia a mais nova publicação da Editora Símbolo. Com uma publicação mensal, *Raça Brasil* passava a circular nos maiores Estados do país como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

A publicação apresentava um alto padrão de qualidade gráfica, imagens e cores bem distribuídas em suas páginas. Contava, ainda, com uma equipe composta de sete profissionais, jornalistas e fotógrafos contratados. Com uma linguagem acessível, caracterizada por artigos curtos e rápidos, procurava aproximar o leitor à revista utilizando tratamentos familiares como irmão, colega.

A revista apresentava também uma mensagem que buscava elevar a autoestima do negro, com frases que valorizavam sua estética por meio da construção de uma imagem positiva do negro, reforçando continuamente uma auto-identificação. Com um alto índice de personagens negros oriundos dos mais variados segmentos do mundo das artes, das comunicações e dos negócios, dos quais se destacavam músicos, artistas e modelos, além de pessoas negras bem sucedidas e com um alto poder aquisitivo.

Apresentava, também, uma imagem glamourizada do negro, ao associá-lo a produtos do Empório Armani, Louis Vuiton e Mário Queiroz – lojas cujos freqüentadores, oriundos dos maiores Estados do país, apresentam um alto poder aquisitivo.

Logo após seu lançamento, a primeira edição da revista esgotou rapidamente seus exemplares nas principais bancas dos maiores Estados do país onde veiculava a publicação, para surpresa daqueles que não acreditavam no potencial de vendagem de uma revista que trazia a imagem de um casal negro impressa em sua capa, como no potencial de consumo do público leitor a que a revista se direcionava. Este fato causou grande euforia no corpo editorial da revista, obrigado a fazer novas impressões com tiragens animadoras devido à grande procura por seus exemplares.⁸⁸



Imagem de capa retirada da Revista Raça Brasil, ano 1 nº 1.

⁸⁸ Revista Raça Brasil, Editorial Linha de Frente: *O Brasil nunca mais será o mesmo!*, 1 (2), p. 4.

Utilizando como subtítulo “a revista dos negros brasileiros” *Raça Brasil* deixava entrever que se direcionava a um segmento específico da população brasileira. Colocava-se, desta forma, como porta voz dos “negros”, dos “silenciados”, dos “invisíveis” e, se propunha a falar de questões relacionadas a este público, que reclamava não ser representado nos meios de comunicação.

Segundo dados levantados pela pesquisa realizada pelo Datafolha em 1995 - um ano antes de sua primeira edição -, tratava-se de um público bastante significativo, uma vez que correspondia a cerca de 50% da população, ou seja, algo em torno de 90 milhões de brasileiros.⁸⁹

A preocupação com o contingente populacional negro já aparece expressa em sua primeira edição, quando a revista destaca a pauta a ser discutida.

Todos os meses, RAÇA BRASIL vai falar de nossos problemas e apresentar soluções. Vai ajudá-lo a se cuidar melhor, a viver com mais alegria e segurança. Vai também discutir nossa identidade, resgatar nossa herança cultural e mostrar que a negritude é alegre, rica, linda. Estaremos atentos para negar o preconceito, mas, acima de tudo queremos afirmar nossas qualidades.⁹⁰

Em 2005, por meio de um boletim eletrônico a revista reforçava essa postura afirmando ser a “primeira revista voltada aos negros brasileiros”, que trazia “matérias de cultura, beleza, moda, comportamento, gente e notícias sobre a comunidade” abrindo “espaço aos negros, valorizando sua cultura e sua

⁸⁹ Cleusa TURRA, *Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*.

⁹⁰ Revista *Raça Brasil*, Editorial *Linha de Frente: Essa é pra você!*, 1 (1), p. 4.

história”.⁹¹

RAÇA BRASIL é feita para a família negra brasileira, e, ao contrário de outras revistas, não é segmentada para uma determinada faixa etária ou mesmo para uma classe social. O nosso grande objetivo é transformar nossas páginas em exemplos de luta e determinação, para que as grandes experiências vividas por nossos entrevistados sirvam de “espelhos” para a nossa própria luta pessoal.⁹²

Trazendo assuntos de interesse da “comunidade negra” em suas diferentes seções, a revista demonstrava sua preocupação em atingir esse público. Ao longo de seus 10 anos de existência, a revista apresentaria mais de 40 subdivisões internas, como forma de caracterizar as especificidades dos assuntos tratados, a ênfase na abordagem e o caráter diversificado de preocupação de seus editores ao dedicarem-se aos mais variados assuntos.

Na seção *Beleza*, por exemplo, além de ajudar a mulher e o homem negro a se produzirem, traz dicas de como cuidar do corpo, dos cabelos, da pele, e divulga, ainda questões específicas sobre a saúde do corpo negro. Alguns desses tópicos chegaram, em alguns momentos, a constituir seções independentes, como foi o caso da seção *Saúde*. Há uma forte recorrência aos cosméticos. Produtos, em geral, caros, utilizados tanto nos anúncios como ilustrações de produtos das matérias afins veiculadas.

⁹¹ <http://www.simbolo.com.br/institucional/conteudo/0/artigo5356-1.asp>

⁹² Revista Raça Brasil, Editorial Linha de Frente: *Divisão da Raça Brasil*; 2 (10), p. 4.

A seção *Moda*⁹³ se preocupa em ajudar a mulher negra e o homem negro a se vestirem, se comporem e se produzirem, trazendo artigos com acessórios variados e tendências que buscam compor e valorizar a estética negra, ainda que tais adereços não fossem específicos e não se restringissem a esse público.

A seção *Comportamento*⁹⁴ traz assuntos relacionados ao “mundo black”. Ações que são esperadas ou desaprovadas para o homem negro e a mulher negra, com destaques para a profissão, para questões ligadas ao relacionamento interétnico; para as barreiras enfrentadas pelos negros em sua luta cotidiana de auto-afirmação, bem como exemplos de superação, reportagens de personagens negras em destaque e assuntos relacionados ao mundo da música, da dança e da mídia.

A seção *Consumo*⁹⁵ destacou-se por ser uma subdivisão da revista, onde pouco ou quase nenhum artigo foi publicado, aparecendo somente produtos com uma atenção voltada para seu caráter étnico, com preços e os respectivos endereços para a compra.

A seção *Culinária*⁹⁶ traz em suas matérias receitas que valorizam a cultura negra brasileira, enfatizando sempre o seu caráter híbrido. Um bom exemplo disso é expresso na descrição da receita do bobó de camarão, que teria sua

⁹³ Essa seção, juntamente com a seção *Beleza* são fundidas a partir do número 3 passando a ser denominada *Beleza e Moda*, nome que permanece até o número 31 quando passa por sucessivas alterações.

⁹⁴ A seção de *Comportamento* permaneceu ininterruptamente na revista até o número 54 quando é substituída por outra denominada de *Reportagem* na edição de número 55. Na edição 59, altera-se novamente o nome da seção para *Atualidade*, nome que permaneceu até o número 71. Na edição de número 78 até o 82 a seção *Atualidade* aparece concomitantemente com a seção *Comportamento* dividindo o espaço das matérias veiculadas. Na edição de número 83 à 98 *Atualidade* desaparece novamente permanecendo somente a seção de *Comportamento*.

⁹⁵ Esta seção veiculou por um período curto, ou seja, somente até a 09 edição.

⁹⁶ A seção *Culinária* também teve vida curta, sendo veiculada somente até o número 23.

origem na costa sudoeste da África e que, ao desembarcar na Bahia, teria introduzindo a mandioca nas cozinhas das *Casas Grande*, quando as escravas elaboravam o cardápio para os seus senhores, baseando-se nos recursos alimentícios fornecidos pela nova terra e, sobretudo, em seus conhecimentos gastronômicos.

Na seção *Esporte*,⁹⁷ ao invés de valorizar os benefícios de sua prática à saúde, seu caráter educativo e pedagógico, suas matérias buscavam destacar o caráter histórico da cultura negra, bem como o perfil dos atletas negros em destaque, que faziam do esporte uma referência para expressar sua negritude. É perceptível, ainda, a recorrência a uma forte personificação do esporte ao valorizar as características pessoais dos atletas mais que sua aptidão esportiva, ou então associavam a aptidão esportiva dos atletas às suas características pessoais, deixando pouco ou quase nenhum espaço para valorizar a prática esportiva.

A seção *Gente*, diferentemente das demais seções da revista, teve uma veiculação regular durante os seus nove anos de existência, quando foi substituída - a partir da edição 86 - pela seção *Perfil*, mas sem, contudo, alterar suas características que ressaltavam a presença dos negros que faziam sucesso, que venceram as dificuldades, que eram destaques em sua área e que, de um modo geral, eram apresentados como exemplos de visibilidade do negro na sociedade.

⁹⁷ A seção *Esporte* teve uma veiculação pequena, aparecendo em somente 12 edições esporádicas onde circulou somente nos números: 1, 2, 3, 4, 9, 11, 12, 17, 35, 37, 40, 49, ou seja, 12 números.

Na seção *Lazer*⁹⁸ apareciam matérias indicando os “points blacks” em várias cidades do país, dicas de livros, filmes, vídeos, lugares para passar as férias ou visitar aos finais de semana, além de artigos com personalidades do mundo artístico.

A seção *Sempre em Raça*⁹⁹ funcionou como uma espécie de sub-seção que publicava as mais variadas matérias que tinham como objetivo dar um “toque direto” no leitor. Era nesta seção que constava o editorial, a sub-seção, onde se publicavam as cartas; era onde a revista abria espaço para possíveis críticas e opiniões do leitor, que poderia fazer reclamações da sociedade e da própria revista. É nela também que se encontrava o horóscopo, os endereços dos produtos anunciados, é onde se incorporavam algumas das seções que perdiam seu espaço, como a seção *Consumo*. Era também onde se projetavam novas seções.

Além destas seções, a revista criou inúmeras outras, com o propósito de veicular as mais variadas temáticas e problemáticas abordadas por ela. Algumas delas não passaram de uma única edição como, por exemplo, as seções *Corpo*, *Retrospectiva*, *Serviço*, *Carnaval*, *Economia*, *Decoração*, e, *Fique em Forma*. Além destas apareceram outras em um número bastante reduzido de edições como *Beleza*, *Moda*, *Lazer*, *Música*, *Sempre Aqui*, *Viagem*, *Turismo*, *Especial*, *Trabalho*, *Na Capa*, *Cultura*, *Educação*, *Reportagem*, *Entrevista*, *E Mais*, *Investimento*, *Reportagem de Capa e Páginas Pretas*.

⁹⁸ A seção *Lazer* sofre uma alteração já na terceira edição, quando foi substituída pela seção em *Cultura e Lazer* que permaneceu até a edição de número 55.

⁹⁹ Essa seção teve uma permanência que perdurou do número 1 ao 36 quando foi substituída pela seção *Sempre Aqui* veiculada do número 37 ao 39 passando para a denominação de *Seções* do

A revista apresentava uma alta rotatividade de seções que merecem um estudo específico e mais detalhado. No entanto é possível afirmar que, por meio destas, estava presente a preocupação em desvelar as características de sua proposta editorial, bem como do re-direcionamento da publicação ao seu público, uma vez que, nas palavras de seu editor, *Raça Brasil* era “um grande ônibus”, era “um trem” que cabia a família inteira e por isso, podia ser lida tanto por pessoas de quinze anos como por homens e mulheres, jovens ou idosos. Deste modo, os organizadores da publicação argumentavam que não segmentavam os assuntos de acordo com a faixa etária ou gênero, distribuindo-os de uma maneira que pudessem abranger o maior número de leitores possível.¹⁰⁰

Assim, na visão destes, o fato de *Raça Brasil* ser “primeira revista voltada aos negros brasileiros” fazia com que os leitores ficassem sempre querendo mais, porque, ao elaborarem a revista, estavam sempre buscando “contentar a todos, homens e mulheres de todas as idades”, tornando “natural que todos acabem de ler a revista querendo sempre mais para si”.¹⁰¹

A diversidade temática da revista era tão grande que, por ocasião da edição de número oito, depois de apresentar os primeiros suplementos da revista que seriam editados separadamente a partir daquele momento - o *Visual da Raça* e *Som Black* – houve a preocupação em justificar a criação desse material, argumentando que a diversidade dos temas abordados era tamanha e o público de *Raça Brasil* tão diferenciado, que pelos inúmeros “imprevistos e o volume de

número 40 ao 71 quando mudou novamente para *Sempre na Raça* até o número 85 sendo denominada de *Seções* da 86 a 98.

¹⁰⁰ Depoimento pessoal de Aroldo Macedo, *Gênero e raça, em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*, in: *Cadernos Pagu: Raça e Gênero*, (6-7), p. 251.

¹⁰¹ Revista *Raça Brasil*, Editorial *Linha de Frente: Filhotes da Raça*; 2 (08), p. 4.

correspondência [...] que tranqüilamente, só pelas sugestões recebidas poderíamos fazer ‘algumas’ Raças todo mês”.¹⁰²

A diversidade temática, a divisão do espaço interno, bem como a atenção dispensada a determinados assuntos, delatava a intenção da revista e revelava as preocupações de seus organizadores. Em uma entrevista concedida ao jornal *Contraponto*, com o título *Cultura Negra na Mídia*, ao ser questionada sobre a diversidade de assuntos abordados pela revista, Conceição Lourenço, - diretora de redação da revista - concordando com a variedade de tópicos presentes em *Raça Brasil*, afirmou que seus responsáveis até pensaram em segmentar o seu conteúdo em vários assuntos: um masculino, outro feminino, outro jovem; mas para ela isso não daria certo, pois perderiam muitos leitores. Tal alegação feita por Conceição Lourenço, advinha da experiência da revista com seus próprios leitores no passado quando:

Raça Brasil teve um suplemento separado da revista, porém as leitoras reclamaram do novo complemento porque não queriam ler só assuntos femininos sobre informações estéticas, elas gostavam de ler esses assuntos agregados aos outros sobre atualidade [...].¹⁰³

Nesta perspectiva, embora o conteúdo da revista não fosse segmentado rigidamente, trazia uma forte presença de assuntos direcionados a mulher,

¹⁰² *Ibid.*

¹⁰³ Entrevista concedida por Conceição Lourenço ao *Contraponto*: Jornal Laboratório do curso de jornalismo da PUC-SP, 2 (34), p. 03.

dedicando-se não exclusiva, mas majoritariamente a esse público. Essa assertiva, aliás, é facilmente detectada nos depoimentos de seus editores. Ao ser levantada a questão a Francisco de Oliveira, terceiro editor da revista, ele não titubeia e vai direto ao ponto. Para ele a revista tinha uma proposta explícita e definida em relação ao público ao qual se direcionava, porque:

Raça Brasil não é uma revista de beleza, mas para a mulher. Definimos que é a mulher que a gente quer atingir e pronto. Não dá mais pra abrir o leque. Existem matérias abrangentes que vão servir para o homem, mas quem vai comprar é a mulher.¹⁰⁴

Diferentemente das revistas de informação e de notícias¹⁰⁵, *Raça Brasil* ao direcionar sua publicação, buscava disputar o espaço de lazer e de entretenimento de seus leitores. Essa perspectiva dos editores era crucial para distinguir a revista dentre tantas outras publicações em circulação, que se destinavam ao público feminino.

Essa é a constatação que se pode inferir do depoimento de Roberto Melo, - diretor editorial da editora Símbolo - proferido na UNICAMP ao justificar a definição do público alvo da revista. Neste depoimento, ele admite que a revista tem uma linguagem que atende aos anseios de “uma família inteira incluindo homens e mulheres, jovens e velhos. Mas por causa de questões estatísticas nós

¹⁰⁴ Depoimento pessoal de Roberto Melo, *Gênero e raça, em revista: debate com os editores da Revista Raça Brasil*, in: Cadernos Pagu: Raça e Gênero, (6-7), p. 275.

¹⁰⁵ Segundo Roberto Melo: “As revistas se dividem, mais ou menos, em dois tipos: revistas de informação, notícias e revistas de comportamento, de serviços. (...) as revistas de informação poderiam incluir os jornais – elas falam para o cidadão e as revistas de comportamento falam para o indivíduo”. *Ibid.*

dirigimos sim [...] a revista para os mais jovens e para as mulheres”.

Em primeiro lugar, a revista era direcionada aos mais jovens. Pois, segundo Roberto Melo, se tratava de uma “questão puramente técnica”, baseada em estatística e também em hipóteses de que os mais velhos seriam naturalmente mais acomodados do que os jovens. Essa idéia, apoiava-se no senso comum de que os mais velhos teriam resolvido suas questões pessoais e identitárias e, portanto, seriam menos interessados no tipo de discussão proposta pela revista.¹⁰⁶

Em segundo lugar direcionava-se às mulheres:

Porque mulheres lêem mais revistas, e entre os negros a gente supôs que aconteceria a mesma coisa. Então fizemos a revista projetando que o público seria 70% feminino. Por que isso? Porque a revista disputa o espaço de entretenimento do cidadão. É o espaço em que ele não está trabalhando. Então, homens em geral preferem se entreter vendo carros girando em Fórmula Um e mulheres em geral, enquanto eles estão fazendo isso, as mulheres lêem revistas de comportamento e sobre relacionamento com os homens. [...].¹⁰⁷

Dessa forma, o perfil da revista consolidava uma questão estratégica, ao mesmo tempo em que delatava a contingência da especificidade do público consumidor que deveria ser levada em consideração no momento da elaboração da publicação, uma vez que as mulheres e os mais jovens representavam um

¹⁰⁶ Depoimento de Roberto Melo, *Gênero e raça, em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*, in: *Cadernos Pagu: Raça e Gênero*, (6-7), p. 276-7.

contingente de consumo superior e mais significativo ao expresso por homens ou outros segmentos.

A despeito de ser definida como uma revista dedicada majoritariamente à mulher, potencial consumidora de revistas, traz assuntos de interesse geral apoiando-se no consenso de que a mulher não compra a revista somente para ela mesma e de que não é somente ela quem vai ler. A revista direcionava, desta forma, a publicação a um público consumidor específico, mas a variedade dos assuntos abordados por ela visava atingir os mais variados segmentos da etnia negra. Assim, o objetivo explícito expresso pela revista era atingir, por meio da mulher, a família brasileira negra como um todo.¹⁰⁸

¹⁰⁷ *Ibid*, p. 276.

¹⁰⁸ Informação fornecida por Conceição Lourenço em entrevista concedida a Wander Ferreira e publicada no *Contraponto: Jornal Laboratório* do curso de jornalismo da PUC-SP, p, 03.

Capítulo II

Modernidade Negra, Negritude e Imagens

Capítulo II - Modernidade Negra, Negritude e Imagens

Toda idéia lançada na mente do negro é entendida e percebida com toda a força de sua vontade; mas essa percepção envolve uma ampla destruição... é evidente que a necessidade de autocontrole distingue o caráter dos negros. Essa condição não é capaz de nenhum desenvolvimento ou cultura, e tal como nós os vemos hoje em dia, assim sempre foram. A única condição essencial entre os negros e os europeus é a escravidão... podemos concluir que a escravidão foi a ocasião do aumento do sentimento humano entre os negros

G. W. F. Hegel

Sobre a noção de modernidade. É uma questão desconcertante. Toda era não seria 'moderna' em relação à precedente? Parece que pelo menos um dos componentes de 'nossa' modernidade é a expansão da consciência que temos dela. A consciência de nossa consciência (a dupla, o segundo grau) é nossa fonte de força e nosso tormento".

Edouard Glissant

As reflexões que apresentarei a seguir têm como objetivo discutir a modernidade negra e as formas com a qual a revista *Raça Brasil* constrói uma noção desta modernidade ao por em movimento questões que procuram restituir ao negro sua condição de sujeito ao explicitar, de forma bastante original, os diversos meios de interação e diálogo que se propõem à tarefa de romper com o

estigma herdado da escravidão, bem como com a condição de vítima e de passividade imposta por ela, que negam ao negro sua humanidade.

Ao utilizar aqui o termo modernidade negra não pretendo resgatar a idéia de progresso e modernização tão amplamente vinculada à palavra, mas resgatá-la como um recurso discursivo, rico em profusão de sentidos amplamente difundidos, que podem ser percebidos na revista *Raça Brasil* em suas formas e estratégias de resgatar a memória da experiência negra no mundo após o processo de escravidão; na forma com a qual ela procura evidenciar uma compreensão da identificação cultural do negro; nos processos de racialização; nas inúmeras maneiras de intervenção social identificada por meio de seus fluxos de idéias, paradigmas conceituais e de referências identitárias construídas num circuito de intercâmbio transatlântico.

Nesse sentido, o termo aqui utilizado procura resgatar as formas com as quais os negros dispersos em diversas partes do mundo buscam re-significar e reconstituir uma experiência em comum ao compartilhar a condição de escravo, liberto e, atualmente, discriminados racialmente. Essa noção se aproxima daquilo que Azevedo definiu como “*mundo atlântico*”, ao procurar demonstrar o caráter hídrico das culturas negras modernas e o intenso sistema de trocas de idéias, de histórias, de intercâmbios de pensamentos e de influência mútua na qual as produções culturais de diversos grupos são interligadas em diversos pontos do mundo por meio do “[...] Oceano Atlântico como um espaço hídrico que liga as

Áfricas com as Américas num movimento de fluxo e refluxos que se fizeram e se refazem [grifo meu] ao longo da História Atlântica”.¹⁰⁹

Essa compreensão da modernidade negra, em conformidade com as reflexões de diversos autores, expressa, sobretudo, por Hommi Bhabha – no livro *O Local da Cultura*¹¹⁰, onde o autor resgata idéias centrais como pós-colonialismo, identidade e nação, identificando o caráter híbrido da constituição cultural negra; discutida por Stuart Hall – nos livros *Da Diáspora* e *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*¹¹¹, nos quais problematiza a idéia da formulação das identidades e das mediações culturais implícitas nesse processo; presente nos estudos de Kwame Anthony Appiah – no livro *Na Casa de Meu Pai*¹¹² onde o autor faz uma crítica à idéia de raças humanas e problematiza a visão reducionista da concepção identitária africana, colocando em questão a necessidade de se pensar a sua diversidade étnico-cultural como um elo fundamental para a compreensão da modernidade e do mundo contemporâneo.

Nessa mesma direção Cornel West, em seu trabalho *Questão de Raça*¹¹³, ao retomar a discussão sobre o universalismo, faz uma crítica ao economicismo dos liberais, ao moralismo dos conservadores, bem como ao posicionamento isolacionismo dos nacionalistas e dos afrocentristas, pondo em xeque a noção de raça e atentando para a necessidade de se implementar uma política plural como caminho para o enfrentamento e a superação dos conflitos multiculturais na

¹⁰⁹ Amailton Magno de AZEVEDO, *A memória de Geraldo Filme. Os sambas e as micro-áfricas em São Paulo*, p.11.

¹¹⁰ Homi k. BHABHA, *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

¹¹¹ Stuart HALL, *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003 e do mesmo autor: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

¹¹² Kwame Anthony APPIAH, *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

¹¹³ Cornel WEST, *Questão de Raça*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

América. Tais perspectivas demonstram a fragilidade de conceitos recorrentes utilizados até então, ampliando a compreensão da dinâmica da formação cultural ao revelar o caráter viajante da cultura negra, de suas formas de interação e do caráter translocal que permeia a construção de conceitos como nação, povo, raça e etnia.

Nesta perspectiva, é extremamente provocador perceber a construção discursiva ou imagética¹¹⁴ apresentada por *Raça Brasil*, na qual é possível apreender um intenso processo de intercâmbio cultural na orientação de sua organização, bem como nas definições que orquestram suas concepções e seu posicionamento diante das “*coisas de negro*”.¹¹⁵

Os primeiros indícios que corroboram com essa proposição podem ser visualizados nas trajetórias de seus editores, que ao constituir as memórias de suas referências étnicas, políticas e identitárias¹¹⁶, fundamentam-nas a partir de padrões estéticos, políticos e culturais que ultrapassam a estrutura referencial da dinâmica nacional para se situarem num contexto de expectativas intercultural e transnacional.

Aroldo Macedo, primeiro editor de *Raça Brasil*, por exemplo, procura situar sua decisão em fazer a revista, justamente no contexto de seu retorno dos Estados Unidos, onde vivera por seis anos. Esse fato lhe permitiu uma vivência diferenciada, em um espaço onde a abertura a novos canais de comunicação e trocas de idéias era fluída. Isso se torna ainda mais provocador ao situar seus primeiros objetivos de fazer um filme sobre capoeira e levar para além mar um

¹¹⁴ Cristiane NOVA, *A “História” diante dos desafios imagéticos*, p. 141-62.

¹¹⁵ Conceição Corrêa das CHAGAS, *Negro: uma identidade em construção*.

produto marcadamente nacional, já que a capoeira tornou-se um signo de identificação étnica, associada, sobretudo aos negros brasileiros e veiculada como um dos elementos da cultura nacional, sobretudo a partir da década de 1930 com a política de nacionalização implementada por Getúlio Vargas.¹¹⁷

É bastante significativo perceber também os direcionamentos dados à revista durante a sua permanência na direção editorial, onde, ao investir numa conscientização de seu leitor e incentivá-lo à reivindicação da cidadania por meio do Estado de Direito, deixava transparecer um ideal da luta anti-racista amplamente respaldada pela luta do movimento negro contemporâneo brasileiro do início do século¹¹⁸, mas espelhada, sobretudo, no movimento de luta pelos direitos civis reivindicados pelos negros norte-americanos na década de 1960. Dessa forma, torna-se compreensível a escolha do título de seu editorial, *Linha de Frente*, e o peso semântico expresso por ele.

Outro dado bastante interessante pode ser visualizado no depoimento do terceiro editor da revista, Francisco de Oliveira, ao relatar o seu interesse pela revista americana *Ebony*; a sua proximidade com a cultura produzida pelos negros de lá e sua admiração por eles, acompanhando “tudo” o que eles faziam por considerar o negro americano “uma espécie de ídolo do negro brasileiro” devido sua auto-estima elevada, sua consciência étnica, seu posicionamento e

¹¹⁶ Stuart HALL, *A identidade cultural na pós-modernidade*.

¹¹⁷ Letícia Vidor de Sousa REIS, *O mundo de pernas para o ar. A capoeira no Brasil*, p. 23-83.

¹¹⁸ João Batista FELIX, *Pequeno histórico do movimento negro contemporâneo*, in: *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*, p. 211-216.

por suas referências políticas como o *black Power* e a luta de seus diversos movimentos sociais empenhados na luta pelos direitos civis.¹¹⁹

A mesma proximidade com a cultura negra norte-americana é relatada por Conceição Lourenço, quarta editora da revista, quando ao se referir à Ângela Davis – um ícone da luta pelos direitos civis norte-americanos na década de 1960, 1970 –, exalta a ativista como uma importante referência na sua vida. Um exemplo em quem teria se espelhado de tal forma, a ponto de se sentir influenciada até mesmo nas opções que fizera pela sua formação profissional e suas escolhas pessoais.¹²⁰

Essa perspectiva, ao que se apresenta, corresponde à advertência explicitada por Stuart Hall de que essa identificação extranacional corresponde às transformações do contexto global, nas quais as mudanças atuais a que estamos vivendo favorecem um deslocamento dos modelos de alta cultura da Europa para a emergência dos Estados Unidos “como potência mundial e conseqüentemente como centro de produção e circulação global de cultura”.¹²¹

Essa aproximação com o Estados Unidos, com os padrões e modelos produzidos por eles e, em particular, às referências culturais americanas, não devem, no entanto, ser entendidas como meras formas de apropriação ou adaptação nos mais distintos países. É preciso o cuidado para não fazer uma análise simplista, na qual os diversos países estariam assimilando passivamente os produtos oriundos dos Estados Unidos. Nesse sentido, é importante perceber a

¹¹⁹ Revista Raça Brasil. Toque Direto. *Um sonho em forma de papel*. 6 (56) p. 3. Ver também: depoimento pessoal de Francisco de Oliveira in: Eliana Bonfigli, O que aconteceu com a revista Raça Brasil, entrevista/anexo

¹²⁰ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *Feliz ano novo!* 7 (72), p. 6.

dinâmica na qual esses padrões de culturas são re-elaborados, re-inscritos dentro de uma nova conjuntura e aplicados dentro do contexto desordenado de cada país.

Assim, é significativo destacar que, para além dos exemplos particulares apresentados acima, a presença de referências norte-americanas presentes de uma maneira generalizada na revista *Raça Brasil*, que vai desde às escolhas estéticas – como o estilo *black power* - às referências ao *black is beautiful*, à exaltação de esportistas negros - sobretudo do basquetebol e do boxe - , ao destaque dado aos artistas negros americanos, (passando pela produção musical, pela produção cinematográfica, à produção literária), aos grandes ícones da luta anti-racista e na defesa dos direitos civis americanos - onde se destacam personalidades tais como Martin Luther King, Malcolm X, Jesse Jackson e ativistas do movimento Black Panther, - cumprem um papel específico na busca de referências aos próprios negros brasileiros.

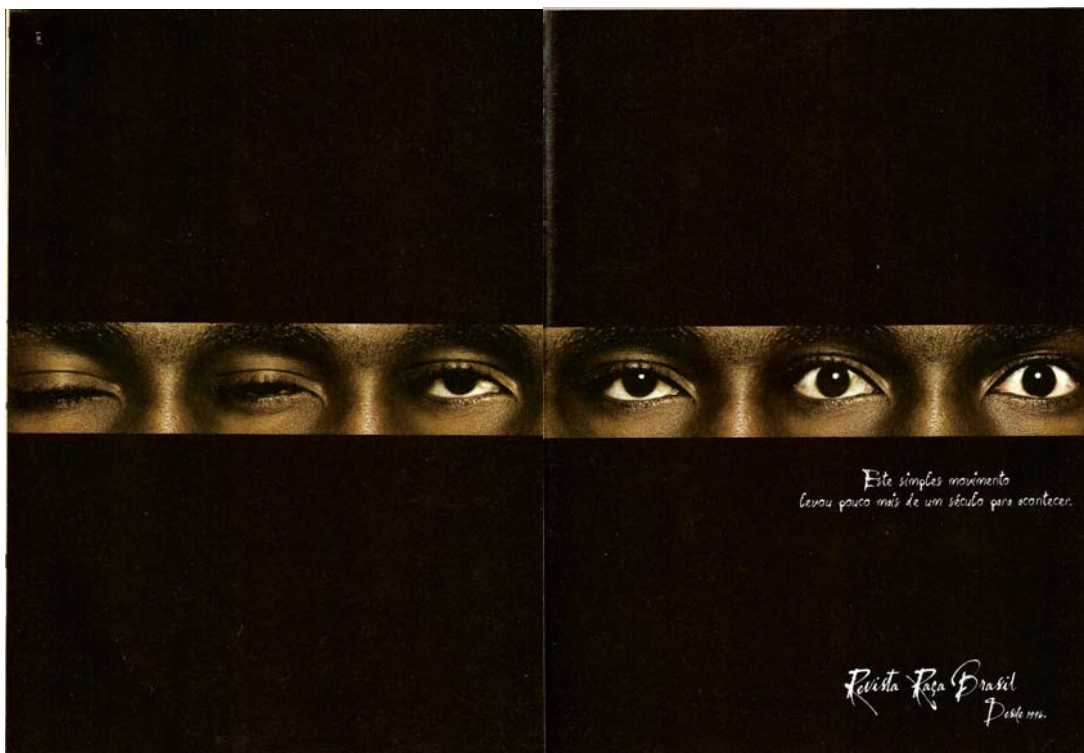
Diante dessa irrupção temática privilegiada, caberia perguntar de que maneira essas referências a padrões culturais norte-americanos contribuíram ou orientaram a postura política da revista, ou mesmo como essas escolhas influenciaram na consolidação de uma perspectiva de seu projeto editorial. Parece imprescindível esse questionamento, visto que o esforço aqui empreendido é desvelar os nexos desse discurso e o sentido da incidência dessas imagens presentes na revista *Raça Brasil*, bem como apreender em que medida essa postura correspondia com uma perspectiva política expressa pela revista, ao reforçar os laços de solidariedade e trocas estabelecidos por ela.

¹²¹ Stuart HALL, *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*, p, 336.

Essas questões assinaladas acima estão diretamente vinculadas à maneira de compreender as formas de interação estabelecida pelos negros, o caráter da cultura negra e a dinâmica dessa cultura dentro daquilo que se entende como modernidade negra. Isso é evidente na forma como a idéia de modernidade é expressa na revista. Ao problematizar a necessária retomada de consciência do negro, é perceptível um movimento que compromete esse processo com o próprio desenvolvimento de uma consciência nacional, uma vez que:

Depois daquele 2 de setembro, o país nunca mais será o mesmo. Ali, naquela tarde fria da avenida Paulista – e nas bancas do Rio, de Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador... – o Brasil limpou o espelho para ver o próprio rosto. E descobriu que era negro. E que era lindo!¹²²

Ao apelar por essa dupla identificação, a étnica conjuntamente com o de seu pertencimento à nação, procura-se conciliar a idéia de progresso com o processo de reconhecimento de seu povo, o negro. Desta forma, essa mensagem deixa evidente que é necessário que o país reconheça a si próprio, suas origens e sua composição étnica para que, de fato, possa desenvolver completamente suas potencialidades. Essa percepção estava preocupada em reconhecer as características do povo brasileiro. Contudo, a imagem que a revista reivindica do Brasil, a imagem que ela postula que deve ser reconhecida é a imagem de um Brasil negro.



Imagens retiradas da Revista Raça Brasil, número 86, p, 14;15

Esse ponto de vista expresso na revista permite um entendimento de que, na medida em que o negro olhar para si, descobrirá suas potencialidades desvelando de sua identificação nacional. *Raça Brasil* subverte, assim, a imagem do negro: ao que é feio diz bonito; ao que é ruim diz bom; ao que é excluído aponta caminhos de inclusão se propondo romper, de forma maniqueísta o estereótipo sobre o negro. Ao mesmo tempo reivindica a construção de uma auto-imagem positiva como forma de romper com os estigmas herdado da escravidão. Assim, ela cria uma identificação baseada na idéia de uma nação negra, para qual o negro deveria abrir seus olhos para participar.

¹²² Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente. *Essa é pra você!* 1 (01), p. 4.

Stuart Hall nos chama a atenção para esse fenômeno de identificação argumentando que, embora as identidades não sejam impressas no nosso gene, há sempre um esforço para transformá-la em algo essencial como se fizesse parte de nossa natureza. No mundo moderno as culturas nacionais se constituem numa das maiores fontes de identidade cultural na qual a nação se institui não apenas como uma entidade política, mas acima de tudo por produzir sentido, uma vez que as pessoas não participam de uma mesma idéia de nação apenas por serem cidadãos/ãs legais, mas por partilhar uma "idéia de nação"; mas uma nação como uma comunidade simbólica, da qual todos partilham de um ideal comum.

Ainda de acordo com seu pensamento: "uma nação é uma comunidade simbólica e é isto que explica seu "poder" para gerar um sentimento de identidade e lealdade"¹²³. Mais adiante ele nos chama a atenção para o fato de que: "Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza, tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos".¹²⁴

Levando esses dados em consideração, é possível perceber que para construir uma auto-imagem positiva, há uma seleção entre aquilo que se quer mostrar, lembrar e aquilo que se quer ser esquecido e apagado.¹²⁵ De outro modo, seria a aquilo que Stuart Hall nos apresenta como as formas de articulação entre o sujeito e sua prática, entre os atributos de sua identificação – que enfatiza seu

¹²³ Essa discussão, apresentada por Stuart Hall, também é trabalhada por Benedict ANDERSON em sua obra *Imagined Communities*. Londres: Verso, 1983.

¹²⁴ Stuart HALL, *Identidade cultural a pós-modernidade*, p, 47-66.

¹²⁵ Gevanilda Gomes dos SANTOS, *A visibilidade mercadológica*, p. 01.

processo de subjetivação - e aquilo que se diferencia desta.¹²⁶ Nessa perspectiva, ao se propor elaborar essa nova imagem a revista extrapola o limite do nacional, uma vez que ela não se utiliza unicamente de referências nacionais, como se poderia esperar, mas se situa num circuito transnacional, recorrendo aos mais diferentes padrões políticos, econômicos, étnicos, estéticos e culturais, no qual o padrão americano se sobressai.

De acordo com Santos, o padrão norte-americano sempre teve uma predominância no gosto e na estética nacional. Isso se apresenta independente da classe social, embora o maior impacto seja nas classes em ascensão, que buscam reforçar seu status social, sobretudo, no plano do consumo e da estética. Segundo a autora, isso se explica devido “a possibilidade mercadológica” aberta pelo *black is beautiful*, construída a partir dos referenciais estéticos e políticos das décadas de 1960 e 1970, na qual fatores emergentes apontavam as contradições do sistema capitalista no tocante à exclusão do negro através do racismo.

Neste contexto a política racial brasileira, bem como a norte-americana e a sul-africana, apontavam uma certa universalidade na qual, apesar da especificidade de cada modelo sócio-racial, o negro estava excluído socialmente. A partir desse período, vários fatores concorreram para mudar a representação do negro diante da sociedade e dos meios de comunicação de massa nos quais o consumo estético ganhou maior dimensão, devido à visibilidade que este proporcionava aos negros.¹²⁷

¹²⁶ Tomaz Tadeu da SILVA (Org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p, 105.

¹²⁷ Gevanilda Gomes dos SANTOS, *A visibilidade mercadológica*, p, 1.

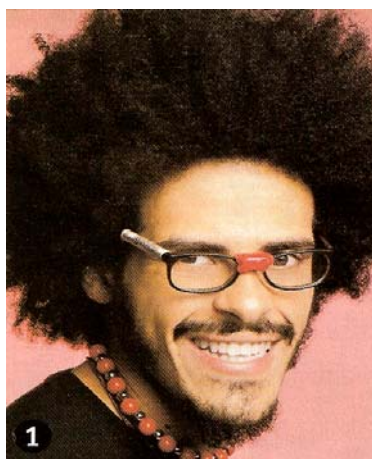
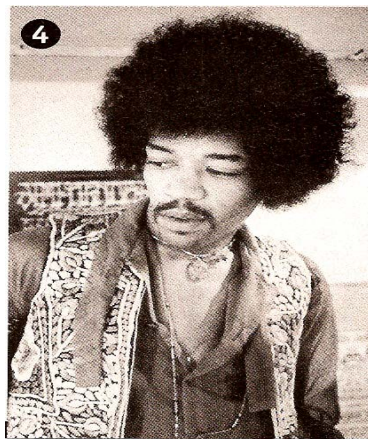
Nesse tocante é possível compreender a imagem do negro norte-americano apresentada pela revista, que procura ressaltar suas características, sobretudo por serem considerados negros com uma alto-estima elevada, por terem atitude, serem bonitos, bem sucedidos e fazerem sucesso. Essa é a imagem que se pode perceber, por exemplo, na matéria sobre os ídolos do basquete identificados como superatletas mundiais.

Eles voam, fazem assistências incríveis, passes perfeitos e enterradas fantásticas. São lindos, famosos e senhores de uma técnica apurada que beira à perfeição. Atletas como Michael Jordan, Shaquille O'neal e Dennis Rodman valem milhões e milhões de dólares na bolsa do basquete americano. E a mania já atingiu em cheio o brasileiro.¹²⁸

Como se pôde ver, a preocupação em demonstrar as características do negro norte-americano do basquetebol, passa por sua habilidade em quadra, por suas características estéticas, mas, sobretudo, pelo seu poder aquisitivo; pois todos são considerados donos de uma fortuna considerável. Dessa forma, são elencadas características com as quais o negro brasileiro poderia se identificar.

Essa iniciativa em criar referências próprias para os negros brasileiros sugeria, também, uma aproximação com o negro americano no campo da estética. Isso é perceptível no esforço em utilizar como exemplos modelos brasileiros que reforçam os padrões americanos do *black power* para mostrar que o negro brasileiro estava, enfim, tomando consciência de sua negritude.

¹²⁸ Revista Raça Brasil. Caderno Esporte: NBA. Saiba tudo sobre os magos do basquete americano, 1 (1), p, 86-89.



Imagens retiradas da Revista Raça Brasil número 38, p, 25; 27.

Na revista de número 38 essa preocupação aparece impressa já na capa, onde, reforçando a imagem de um casal negro com os cabelos ao estilo *black power*, é colocado em destaque a chamada de capa para a matéria *New Afro: os anos 70 estão de volta e os cabelos retomam sua função de símbolo de consciência orgulho racial*.



Imagem de capa: Revista Raça Brasil ano 4 nº 38

Na matéria disposta no interior da revista, a mesma tônica apresentada pela chamada de capa pode ser apreciada de forma a não deixar dúvida ao seu leitor de que o estilo *black power*, para além de uma opção estética, era também um posicionamento político.

Se na década de 70, o movimento Black Power ganhou as ruas em forma de protesto, como atitude de valorização da cultura negra e da luta pelas ações afirmativas e maiores direitos sociais ente negros e brancos, hoje também não se deve ver o New Afro apenas sob a ótica estética. Por trás do estilo existe uma reafirmação das características étnico-raciais.

“É uma espécie de ‘a luta continua’ com avanços. Para os negros, ela não acabou.”¹²⁹

É dessa forma que podemos compreender a chamada da revista, que procurava mostrar a nova consciência negra dos jovens brasileiros ao se expressarem por meio das [...] roupas, cabelos e, principalmente, na música *quando* [grifo meu] dizem com todos as letras: a onda agora é ser black”.¹³⁰

Para além do estilo de roupas, cabelos e da música, outra imagem que é bastante trabalhada na revista é a do negro vencedor, da negra vencedora. Daqueles que venceram os obstáculos na vida e haviam se destacado através das suas escolhas pessoais. Neste sentido é considerável o número de pessoas apresentadas na revista e que demonstravam o resultado de uma nova consciência e atitude do negro. Eram atrizes, cantores e modelos e profissionais das mais diversas áreas, impressos em suas capas, matérias e publicidades, que buscavam resgatar a idéia do negro lindo, talentoso, de atitude, que venceu na vida e, que por isso estavam em destaque.

Como veremos posteriormente, a imagem do negro elaborada a partir dessas personagens cumprem múltiplos papéis: são exemplos de determinação, garra e atitude, representando, por isso, um espelho com os quais os negros poderiam se inspirar. São também referências pela luta anti-racista e pela reivindicação ao direito e ao exercício da cidadania, com os quais se esperava que o negro alcançasse o *status* de igualdade com o branco. Desta forma, os

¹²⁹ Revista Raça Brasil. Caderno Beleza. *New Afro: Depois da enxurrada de cabeças raspadas, o estilo black power retorna com a mesma força dos anos 70*, 4 (38), p. 24-8.

¹³⁰ Revista Raça Brasil. Caderno Comportamento. *A onda agora é ser black. Jovens assumem sua negritude e declaram ter orgulho da raça*, 1 (03), p. 64-67.

negros e negras destacadas pela revista são apresentados como exemplos para os demais devido à sua luta pela superação e pela consciência de sua negritude.

No livro escrito por Aroldo Macedo em parceria com o escritor, jornalista, dramaturgo e colaborador da revista Oswaldo Faustino, essa perspectiva já é expressa na apresentação quando os autores expõem os aspectos tratados pelo livro, que tem como base organizadora um conjunto de entrevistas, na qual: “o foco das entrevistas estaria nas personalidades negras brasileiras que servem de exemplo não só para a nossa comunidade, como também para o país todo”.¹³¹

A cada uma dessas pessoas chamaremos aqui de personalidade-espelho, por meio das quais podemos refletir sobre nós mesmos, nossos sonhos, lutas, dificuldades e estratégias para sobrepuja-las, possíveis derrotas e a reação em busca da superação. Aliás, auto-superação é aqui a palavra-chave que servirá como uma espécie de termômetro para medir o sucesso de cada entrevistado.¹³²

A importância dessa discussão parecia tão evidente, que fora criada na revista a seção “*Gente*”,¹³³ com o intuito de dar visibilidade para essas negras e negros. Com essa mesma intenção fora criada, nessa mesma seção, a sub-seção: *Nossa Gente* com a finalidade de mostrar os “negros que se destacam em sua área”, exaltar suas qualidades e demonstrar que os mesmos reconhecem sua negritude.

¹³¹ Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, *A cor do sucesso. Sete razões de orgulho para a comunidade negra*, p.11.

¹³² *Ibid*, p.15-16.

¹³³ Essa seção “*Gente*” e a sub-seção que a acompanha foram publicadas do número 01 até o número 85, quando fora substituída pela seção “*Perfil*” que manteve as mesmas características.

A atriz Camila Pitanga é uma referência para exemplificar essa proposição, uma vez que, ao sair como matéria de capa na revista de número dois, juntamente com seu pai se destaca uma frase atribuída a ela, na qual a atriz afirma: “tenho orgulho de ser negra”.

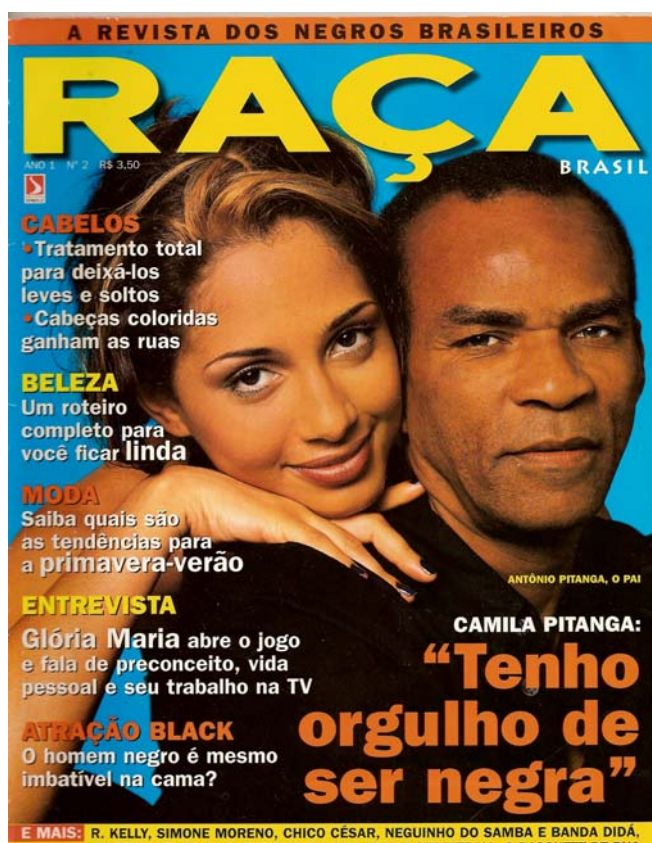


Imagem de capa: Revista Raça Brasil ano 1 n° 2

Nesta entrevista concedida por Camila Pitanga, ela é apresentada como alguém que se destacou na sua área como musa, encantando a todos por sua beleza física ao se destacar em uma programação importante da rede globo.

Assim, ela aparece como uma mulher “realizadíssima”, onde seu destaque profissional e o casamento marcam os pontos altos de sua realização pessoal.

Camila Pitanga. Ela está nos sonhos de muitos brasileiros. Já foi MUSA de verão e hoje encanta a todos com sua bela forma física na pele de Alex, um personagem rebelde e misterioso de Malhação. Casadíssima e feliz com a vida, só uma coisa a aborrece. É quando lhe dizem que é bem clarinha. Com todas as palavras responde em alto e bom som: “Tenho orgulho de ser negra”.¹³⁴

Isso não é tudo. Ao finalizar a entrevista, o autor conclui sua matéria ressaltando que as conquistas de Camila não foram por acaso, mas resultados de seus objetivos de “atuar em grande estilo no cinema” e de suas metas que incluíam “lutar pelo espaço do negro no meio artístico”. Essas características, segundo o autor, demonstravam o reconhecimento de sua negritude e da consciência das necessidades do negro “Afinal, sua fase camaleoa se resume à mudança de visual e à lapidação feita por vários cursos para se transformar em uma grande atriz. Camila não muda de cor tem sangue negro correndo em suas veias”.¹³⁵

Chama a atenção a forma como é elaborada a construção desta proposição. As qualidades atribuídas à Camila justificam-se pelo seu pertencimento ao grupo étnico negro, no qual o vínculo é estabelecido por meio de suas atitudes e do seu “sangue negro”. Tal afirmação retoma o resgate de uma

¹³⁴ Revista Raça Brasil. Caderno Gente, *Camila Pitanga*, 1 (02); p. 41-43.

¹³⁵ *Ibid.*

origem negra que não deve ser somente preservada, mas estimulada com a função de resgatar a consciência do grupo para pontos importantes de sua história e para o reconhecimento dos processos que devem organizar suas ações enquanto grupo. Identificar um passado comum, um elo que permita compartilhar experiências comuns, é posto como necessário para criar um elo entre os negros.

Esse elo criado como meio para reforçar os laços de parentesco entre os negros, não era, contudo, automático. Conforme nos sugere Stuart Hall, “[...] a identidade muda de acordo como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser [sic] ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada”.¹³⁶ Essa questão pode ser visualizada, por exemplo, na imagem criada sobre a África. Uma imagem emblemática, portadora de mensagens ambíguas, que permitem a construção de uma visão mistificada sobre o continente negro, podendo ser vistos de formas distintas.

As Áfricas¹³⁷ eram portadoras de referências e imagens que se procurava resgatar e dar espaço na revista em suas diferentes páginas. Contudo as imagens das Áfricas que aparecem são contextuais, temporais e geograficamente diferentes e antagônicas entre si. Um exemplo que contempla essas duas proposições aparece na fala de Carlinhos Brown durante uma entrevista concedida a Aroldo Macedo e publicada no primeiro número da revista. Com destaque na capa e espaço privilegiado de cinco páginas Carlinhos Brown fala de sua descoberta do continente Africano, da imagem que ele tinha antes e a que

¹³⁶ Stuart HALL, *Identidade cultural a pós-modernidade*, p. 21.

¹³⁷ Ao utilizar aqui o termo Áfricas, pretendo chamar à atenção para a dimensão da África real e simultaneamente as imagens que dela é construída.

passou a ter depois, bem como de sua identificação com o povo de alguns países africanos.

[...] eu não sabia que até viajar, e pensei que preto veio de um lugar escuro, no meio do mato, perdido na África, caçado na boca de cachorro. Eu achava que era isso. Não sabia que existia o norte da África, que os mouros tinham aquele império de riqueza toda. Eu identifico hoje o canto no Brasil com o canto argelino. Como é que identifico? Eu sou berbere, mouro. Não sou Daomé, não sou Gana, não sou mesmo do interior da África.¹³⁸

Na fala de Carlinhos Brown é visível que a África que ele se identificava era diferente daquela amplamente veiculada pela mídia, que procurava mostrar a miséria e as mazelas sociais de certos países africanos. Em contrapartida ele reivindicava uma origem ativa do povo africano com quem buscava laços de identificação. Esse esforço ligava-se diretamente com a imagem que ele fazia da África, sem dúvida; mas dizia respeito também ao lugar que ele queria ocupar, à memória que ele queria guardar como descendente direto de africanos.

Essa questão é importante ser mencionada na medida em que, ao realizar esse esforço, Carlinhos Brown reinventa uma África e edifica um passado mítico¹³⁹ com o qual ele queria ser identificado, ao mesmo tempo em que nega um outro: a escravidão e a condição do negro enquanto escravo. Esse deveria se apagado por representar aquilo que ele, enquanto negro, negava como parte de sua identidade cultural, da herança que seus antepassados lhe teriam deixado como legado.

¹³⁸ Revista Raça Brasil. Caderno Gente, *Carlinhos Brown*, 1 (01), p. 15.

¹³⁹ Kwame Anthony APPIAH, *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*, p. 19-52; 111-126.

[...] adoro pertencer à etnia da África, mas não queria nascer lá de jeito nenhum. Naquela miséria? Com ebola, com gente morrendo de fome? Aquele lugar pra mim? Não é. A África com toda sua fragilidade aceitou ser colonizada, escravizada. Isso é coisa de um povo fraco. Isso é o “meu” povo? Meu povo é o mesmo que construiu o Brasil, mas não um que se deixa engolir pelo Brasil.¹⁴⁰

É importante notar como, em sua fala, Carlinhos Brown, demonstra desconhecer a África da qual ele tanto fala. Mesmo depois de sua viagem a alguns países africanos, sua percepção sobre o continente negro ainda se mostra impregnada por num pensamento Ocidental que nega o processo histórico que o continente africano viveu ao longo dos últimos seis séculos. Prova disso está no fato de que a África contemporânea e seus problemas políticos, econômicos e culturais atuais estão completamente fora de questão, não merecendo sequer destaque.

Essa perspectiva era amplamente respaldada pela revista e estava de acordo com a imagem do negro que esta queria veicular. Na matéria veiculada sobre Pierre Verger essa preocupação aparece de forma bastante esclarecedora onde é negado o passado negro como escravo para exaltar seu lado altivo e orgulhoso como sacerdotes e princesas.

Na extensa obra de filmes, fotos e livros de Verger, *Orixás* é leitura obrigatória. Bíblia da negritude, é um tratado sobre a cultura afro-

¹⁴⁰ Revista Raça Brasil. Caderno Gente, *Carlinhos Brown*, 1 (01); p, 13.

brasileira. É onde se conhece o negro não como escravo sofredor e despojado de tudo na senzala, mas sim como sacerdotes e princesas, orgulhosos e altivos. Verger nos desvenda a origem de toda a beleza africana. Quando morreu, em 11 de fevereiro deste ano, ainda vivia em Salvador, em uma casa pintada de vermelho. “é pra lembrar que sou filho de Xangô”, costumava dizer.¹⁴¹

Embora esse posicionamento da revista constitua uma espécie de atavismo africanista, que ignora e nega o processo histórico para exaltar uma origem primordial, por outro lado ele também pode ser entendido como um esforço para se construir uma nova imagem da África, para além de sua experiência aviltante com a escravidão, para criar uma nova imagem do negro e resgatar, assim, a sua humanidade.

Esse posicionamento pode ser entendido dentro de uma perspectiva altamente moderna, na qual a luta pelo reconhecimento dos negros enquanto parte da civilização Ocidental faz parte de um intenso mal-estar causado pela civilização europeia diante de sua irracionalidade política, travestida em guerras e nos horrores da escravidão, que deu início a uma mudança na representação dos negros, tanto por parte dos ocidentalizados como pelos próprios negros.

Essa perspectiva corresponde à preocupação que impulsionou C.R.L. James a reescrever a história do povo africano a partir da saga da Revolução de São Domingos, no Haiti. De acordo com relato proferido no preâmbulo do livro *Os jacobinos negros: Toussant L'Ouverture e a revolução de São Domingos*, James,

¹⁴¹ Revista Raça Brasil. Caderno Sempre em Frente, *Pierre Verger, o sacerdote de Ifã*, 1, (01) p, 90-91.

se convenceu da necessidade de contar a história dos povos africanos sobre outro prisma que deveria considerar suas trajetórias e suas necessidades.

Convenci-me da necessidade de escrever um livro no qual assinalaria que os africanos ou seus descendentes, em vez de serem constantemente o objeto da exploração e da feridade de outros povos, estariam eles mesmos agindo em larga escala e moldando outras gentes de acordo com as suas próprias necessidades. Os livros sobre a revolução no Haiti que eu tinha lido até então não possuíam um sério rigor histórico.¹⁴²

De acordo com Guimarães, para que essa modernidade se constituísse, foi preciso, em primeiro lugar, que os europeus desenvolvessem uma “representação de si sob uma matriz mais inclusiva, o que só começa com o romantismo, quando o culto às origens deixa de se referir apenas ao panteão grego-romano” e, em segundo lugar, que os africanos e seus descendentes gozassem de um estatuto formal de liberdade e igualdade.

Portanto, a modernidade negra se inicia, de fato, como a abolição da escravatura, nos meados do século XIX. Significa, em termos bastante gerais, a incorporação dos negros no Ocidente enquanto ocidentais civilizados, e acontece em dois tempos que às vezes coincidem, às vezes não: um primeiro, em que muda a representação dos negros pelos ocidentais, principalmente através da arte, fruto intelectual do mal estar provocado pelas guerras e pela luta de classe na Europa; o segundo se inicia com a representação positiva

¹⁴² C.R.L. JAMES, *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*, p. 11.

de si, feita por negros para si e para os ocidentais.¹⁴³

Esse processo de incorporação dos negros no Ocidente, enquanto civilizados, ao mudar a representação dos negros pelos ocidentais e pelos próprios negros, corresponde a uma concepção de modernidade negra que busca ressaltar o papel do negro enquanto sujeito histórico. Assim vale perguntar quais atributos estavam implícitos na re-elaboração da construção da narrativa impressa sobre a trajetória de tantos sujeitos que se destacaram por suas concepções, atuações e bandeiras.

Paul Gilroy nos dá uma explicação esclarecedora que ajuda a compreender essa questão quando discute as relações sociais implícitas em sua análise sobre a música. Para ele, é possível identificar alguns dos atributos distintivos das formas culturais negras que são, simultaneamente, modernas e modernistas. Essas expressões são modernas, devido, em primeiro lugar, às suas características híbridas e crioulas no Ocidente; em segundo, porque têm se empenhado em fugir ao seu *status* de mercadoria e da posição determinada pelo mesmo; e em terceiro por causa de “sua duplicidade, de sua localização instável simultaneamente dentro e fora das convenções, premissas e regras estéticas que distinguem e periodizam a modernidade”.¹⁴⁴

A dimensão das expressões culturais musicais da qual fala Gilroy pode ser visualizada de maneira elucidativa na revista, principalmente quando esta procura valorizar a experiência do negro e, por vezes, a de africanos, devido às suas

¹⁴³ Antonio Sérgio GUIMARÃES, *Intelectuais negros e modernidade no Brasil*, p. 2,3.

ações nobres ao lutarem pela condição de liberdade e de igualdade para todos os negros no Brasil. É sintomático destacar que, ao procurar veicular uma imagem positiva do negro, os referenciais apresentados pela revista buscam distinguir-se, sobremaneira, daqueles tão amplamente veiculados pela mídia em geral. Assim, para que isso fosse possível, era importante ressaltar as qualidades dos negros. Desta maneira, tais características foram imediatamente atribuídas, ora aos sujeitos que as desempenhassem, ora às ações que estes desenvolviam em prol da comunidade negra. É nesta perspectiva que diversos intelectuais, escritores, ativistas e líderes comunitários negros são apresentados como referenciais pela revista.

Castro Alves, por exemplo, é destacado por seu “comprometimento com as lutas do seu tempo”. Apresentado como “poeta dos escravos”, o autor das “mais belas poesias de sua época destacou-se como audaz defensor da abolição e do respeito aos direitos humanos”.¹⁴⁵

Ao relatar a trajetória de Lima Barreto, o autor é exaltado como “um sonhador, um aventureiro que soube antecipar os novos tempos, um homem especial, um negro especial”, que soube ambientar seus romances a dois acontecimentos fundamentais na história do Brasil: “o fim da escravidão e o início da república” na qual “sua principal preocupação foi lutar por uma identidade brasileira”.¹⁴⁶

¹⁴⁴ Paul GILROY, *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*, p. 159.

¹⁴⁵ Revista Raça Brasil. Caderno Sempre em Raça, seção Memória, *Castro Alves: Comprometido com as lutas de seu tempo*, 2 (11); p 106.

¹⁴⁶ Revista Raça Brasil. Caderno Sempre em Raça, seção Memória, *Lima Barreto: Um sonhador*, 2 (07); p. 44-45.

Ora, sob o manto escuro que transfigura a idéia de identidade nacional, o que estava em jogo naquele momento era a urgência da inserção do negro como um dos elementos que compunha a nova ordem social instituída pela república.¹⁴⁷ As implicações destas novas idéias estavam sendo incorporadas ao mundo dos negros com o objetivo de inseri-los na modernidade como sujeitos de direitos e, por isso mesmo, na qualidade de igualdade com os brancos.¹⁴⁸

Nesta perspectiva, a revista traduzia a trajetória de Lima Barreto como a de inúmeros outros sujeitos de destaque no início do século passado para ressaltar suas colaborações pela luta de inserção do negro na sociedade e com o seu papel na construção de uma cidadania baseada no uso dos instrumentos legais disponíveis, que deveriam reger a relação entre negros e brancos.

Essa expectativa expressa pela revista é patente, por exemplo, quando há referências aos descendentes de escravos que residem em inúmeros povoados denominados de quilombos, nos quais a ênfase está na forma de organizar as mobilizações, empreendidas nas diversas associações, para pressionar os governos - Federal, Estadual e Municipal - para que estes cumprissem a lei e eles pudessem, de fato, “conseguir a escritura de suas terras”.

Ao relatar a conquista dos habitantes do quilombo de Boa Vista, apesar do clima de festa que envolveu os festejos pela titulação, a preocupação com a morosidade da Justiça também se faz presente; pois, mesmo garantida por lei, a oficialização das escrituras ainda se mostra lenta em sua execução.

¹⁴⁷ José Murilo de CARVALHO, *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi*, p. 42-66.

¹⁴⁸ Marinalda GARCIA, *Os arcanos da cidadania. A imprensa negra paulistana nos primórdios do século XX*.

De acordo com Hédio SILVA JR, o artigo 68 prescrito no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, dispõe que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.¹⁴⁹ Contudo, de acordo com a matéria publicada pela revista, a conquista da titulação do município de Oriximiná, demorou mais de dez anos para acontecer, sendo motivo de comemorações.

Foram três dias de festas e muita cantoria acompanhada de vilões e tambores [...] O dia 25 de novembro de 1995 foi especial e decisivo na vida de Manuel Edilson Santos de Jesus, o Manduca, 30 anos, e de outros cerca de 700 habitantes do quilombo de Boa Vista, localizado no município de Oriximiná, no Pará. [...] O quilombo de Boa Vista foi o primeiro a conseguir a titulação, após quase dez anos de vigência do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que garante o direito da escritura das terras “aos remanescentes de comunidades quilombolas que estejam ocupando suas terras”.¹⁵⁰

Essa preocupação expressa na revista, ao procurar destacar a necessidade de lutar por um tratamento igual perante a lei, encontrava amplo respaldo em diversos interlocutores, sobretudo, nos movimentos a favor dos direitos civis dos negros norte-americanos - sobretudo da década de 1960 e 1970 - e de inúmeros interlocutores de países distintos que lutavam pela conquista de um tratamento igualitário, pela melhoria da situação da comunidade negra e pela supressão das desigualdades raciais.

¹⁴⁹ Hédio SILVA JR, *Anti-racismo. Coletânea de leis brasileiras (Federal, Estadual, Municipal)*, p, 6.

Essa perspectiva permitiu, assim, que houvesse uma ampliação dos laços de solidariedade e, sobretudo, de identificação entre os negros de diversas partes do mundo. Conforme nos aponta Lívio Sansone, ao apresentar o livro *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência* de Paul Gilroy, esses processos de identificação, bem como “os processos de racialização, os ideais anti-racistas, embora se apresentem muitas vezes como nacionais ou até regionalistas, são construídos num circuito transatlântico que abrange o Novo Mundo, a Europa e a África. Pois os fluxos internacionais estão na base da própria construção da noção de ‘negro’”.¹⁵¹

É neste sentido que podemos compreender, por exemplo, o artigo que é apresentado sobre os *Black Panther*, um dos principais grupos organizados que constituíram o movimento *Black is Power*:

Punhos cerrados, erguidos bem alto, cabelos arredondados com o auxílio de garfos, olhar cintilante, postura altiva e frases de efeito que serviam principalmente para elevar a auto-estima e o orgulho do negro afro-americano. Assim eram os Panteras Negras, a grande força jovem que, juntamente com outros grupos organizados constituíram a principal base do Movimento Black Power (Poder Negro). Eles não temiam o confronto direto com a polícia. Conheciam, antes de tudo, os próprios direitos e as leis americanas. Andavam armados, uma vez que Constituição americana e as leis de seu Estado, a Califórnia, lhes garantiam esse direito naquela época.¹⁵²

¹⁵⁰ Revista Raça Brasil. Caderno Comportamento. Quilombos: *Conheça a luta dos remanescentes de quilombos para conquistar a escritura de suas terras*, 2 (3); p, 79.

¹⁵¹ Lívio SANSONE, in: *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*.

Como se vê, a estética dos Black Panther é apresentada como algo fundamental para a elevação da auto-estima do negro norte-americano. Contudo o conhecimento da lei é exaltado como garantia de uma condição de igualdade dos negros em relação aos brancos. Assim, mesmo quando estavam frente a frente com a polícia, os conhecimentos das leis, que lhes asseguravam o porte das armas, vale lembrar, garantiam-lhes uma condição mínima para suas reivindicações na luta pela superação de uma cidadania de segunda classe, bem como lhes assegurava a auto-defesa diante da violência incontida e injustificada da ação policial.

Esses procedimentos legais, legítimos e legitimados pela ação dos negros norte-americanos, eram entendidos e apresentados na revista como um passo importante do negro norte-americano rumo à sua integração na sociedade. Essa compreensão pode ser alentada pelo perfil apresentado de Martin Luther King, bem como pela trajetória de sua luta pela integração racial dos negros norte-americanos.

Em matéria publicada sobre o ativista político, após relatar o contexto de seu ingresso no universo religioso no qual havia assumido recentemente o papel de Pastor da Igreja Batista, é destacada sua consciência perante os aspectos degradantes do segregacionismo norte-americano, que regulamentavam todos os espaços e aspectos do convívio cotidiano, referindo-se aquele estabelecido pelas Companhias de Ônibus como um dos mais aviltante para os negros. Descreve seu envolvimento com a causa negra a partir do conhecimento do acontecimento

¹⁵² Revista Raça Brasil. Caderno Comportamento. *Black Power. Conheça a base do movimento que combateu o racismo nos EUA nos anos 60/70 e que provou ao mundo todo que "black is Beautiful"*, 2, (08), p. 104.

de 1º de dezembro de 1955, na qual Rosa Parks, uma negra de meia idade, fora presa por recusar-se a levantar e ceder seu lugar a passageiros brancos. E conclui afirmando que “esse episódio deu início à luta pelos direitos dos negros de Martin Luther King. Ele participou do boicote aos ônibus que, idealizado para durar um dia, se estendeu por 382!”,¹⁵³ revelando com isso o caráter da personalidade polêmica de Martin Luther King e o seu compromisso com a causa negra.

Ele sempre foi uma personalidade polêmica nos EUA. Participou de inúmeras campanhas pela integração racial, com manifestações de protesto pelas segregações nas lanchonetes, Jornada pela Liberdade, manifestações pelos direitos civis, Marcha sobre Washington, Campanha de Registros de Eleitores e outras.

¹⁵⁴

O caráter do ativismo de Martin Luther King e as polêmicas as quais ele inevitavelmente se envolvia, dizia muito a respeito da opção política feita por ele ao tentar conciliar sua opção religiosa com a doutrina pacifista de Mahatma Gandhi¹⁵⁵. Contudo, o grande destaque dado às suas escolhas estavam no fato de Martin Luther King se utilizar delas para desafiar a administração pública em todas às suas esferas, com o único objetivo de acabar com a segregação racial e toda e qualquer forma de injustiça social.

Esse posicionamento de King era apresentado pela revista como um verdadeiro grito de liberdade, que teve seu ponto final com seu assassinato

¹⁵³ Revista Raça Brasil. Caderno Sempre em Raça, seção Memória, *Martin Luther King: a luta pela liberdade*, 1; (02), p, 52-53.

¹⁵⁴ *Ibid.*

¹⁵⁵ Martin Luther KING, *Não podemos esperar*.

provocado pelo “misterioso John Willard” um homem branco que o alvejou de um prédio em frente ao motel onde estava hospedado.¹⁵⁶

Muitos outros exemplos presentes na revista poderiam ser aqui elencados. No entanto, me atarei a outros dois bastante significativos para os objetivos deste texto. Nestes, os artigos publicados na revista se preocuparam em relatar as trajetórias de Malcolm X e de Steve Biko.

No primeiro gostaria de chamar a atenção para o fato de que, embora Malcolm X tenha adquirido fama mundialmente por sua agressividade e por salvaguardar o caráter político na reação violenta como forma legítima em prol da autodefesa¹⁵⁷, na revista ele é apresentado como um garoto bem comportado, um dos melhores alunos da classe, vítima dos dramas sociais no qual, ainda criança, perdera seu pai devido aos ataques organizados pela Klux Klux Klan e obrigado a afastar-se de sua mãe que apresentara sintomas de loucura e fora internada em um reformatório. Obrigado a viver com uma tia, cometera os primeiros delitos sendo preso em seguida. Ainda na prisão, passou a receber cartas de Elijah Muhammad, líder religioso dos mulçumanos, de quem tomou conhecimento pessoalmente após sua saída da prisão tornando-se um de seus principais ministros.

Esse contato com Elijah Muhammad, despertara em Malcolm uma grande necessidade de conhecer a história de seu povo tornando-se um conhecedor e defensor da causa negra.¹⁵⁸ A despeito de sua rápida ascensão na hierarquia

¹⁵⁶ Revista Raça Brasil. Caderno Sempre em Raça, seção Memória. *Martin Luther King: a luta pela liberdade*, 1; (02), p, 52-53.

¹⁵⁷ Cornel WEST, *Questão de raça*, p, 111-124.

¹⁵⁸ MALCOLM X, *Autobiografia de Malcolm X*, p, 167-185.

religiosa e dos inúmeros desentendimentos com Elijah Muhammad, bem como das divergências com diversos setores sociais que o reconheciam como o “homem mais perigoso da América”, que culminou com sua morte em 21 de fevereiro de 1965, valeu destaque e reconhecimento na revista seu esforço pessoal, seu autodidatismo e exame penetrante sobre si - ou seja, uma auto-reflexão sobre sua condição enquanto cidadão negro norte-americano - tornando-se por isso, uma referência para as comunidades negras do mundo todo.

Malcom morreu aos 39 anos, no dia 21 de fevereiro de 1965. Uma rajada de balas pôs fim a vida do ex-condenado que se redimiou através da disciplina, do autodidatismo e do exame penetrante de si mesmo. Suas últimas palavras foram: “paz, vamos manter a calma, irmãos”. [...] Hoje, nas comunidades negras a história de sua vida é mostrada como exemplo para os jovens. Sua posição de desafio ao *status quo* e seu orgulho das raízes africanas são um guia político para os jovens negros que estão em busca de soluções e heróis.¹⁵⁹

É interessante notar que na construção da narrativa operada pela revista, o papel desempenhado por Malcolm na luta pela supressão da opressão racial é automaticamente ligado à sua condição social e, ao mesmo tempo, às escolhas que o mesmo fizera. De outro modo, a explicação acima dá margem a uma compreensão estabelecida pela seguinte equação: Malcolm, um menino pobre, oriundo de uma família desestruturada, devido ao seu empenho, disciplina, aplicação nos estudos - ainda que de forma autodidata -, torna-se uma referência para os negros do mundo todo.

¹⁵⁹ Revista Raça Brasil. Caderno Sempre em Raça, seção Memória. *Malcom X*, 2; (0 8), p, 66-67.

Diferentemente dos demais exemplos citados acima, Steve Biko, não é norte-americano, é sul-africano. Contudo, sua plataforma política e sua atuação prática nos permite elencar inúmeros elos, aproximando-o de um diálogo frutífero com os movimentos sociais negros dos Estados Unidos.

No artigo publicado pela revista, ele é apresentado como uma pessoa sábia, bem informada, amável, sensível e apaixonado pelo futebol e pela música, destacando-se como um exímio dançarino, mas profundamente amargurado pela opressão do regime do apartheid vigente em seu país. Esse sentimento que o angustiava impulsionou-o a desistir do curso de medicina para dedicar-se à atividade política, dando início a sua luta a partir da divulgação de inúmeros fanzines que criticavam o apartheid e, posteriormente, da criação da OESA - Organização dos Estudantes da África do Sul - na qual ele fora presidente. Após sua saída da OESA, Biko torna-se um líder da comunidade negra sul-africana ao dedicar-se aos inúmeros programas voltados para a comunidade negra.

Depois que deixou a presidência da OESA, o líder concentrou suas energias na criação dos Programas da Comunidade Negra. Esses programas eram centralizados numa igreja e incluíam vários projetos dedicados aos negros, como alfabetização na língua inglesa. Isso porque uma das crenças de Biko era de que seu povo só poderia combater o inimigo se falasse a sua língua.¹⁶⁰

Para as autoridades locais, o posicionamento de Biko era visto como um ato de sublevação perigosa às atividades do governo local passando a persegui-

lo e a proibi-lo de circular pelo país, bem como de proferir seus discursos em locais públicos.¹⁶¹ Ignorando tais determinações, Biko “continuou a viajar exercendo o papel de dirigente e organizador do Movimento Consciência Negra” por onde quer que fosse, até que um dia foi levado para o Port Elizabeth - uma cidade localizada a sudoeste da África do Sul, considerada um importante centro industrial do país - onde fora covardemente assassinado pela polícia local pondo fim à sua luta em prol da causa negra.

Durante uma dessas viagens Steve Biko foi levado para Port Elizabeth, cuja polícia tinha fama de violenta. Naquele 12 de setembro, de 1977, a África do sul e toda a nação negra pararam para chorar a morte de Steve Biko. Era mais um negro, entre os milhares daquele país, a dar sua vida pela causa da liberdade.¹⁶²

No relato, a morte de Steve Biko é rapidamente transformada em um símbolo. Da sua ação política cotidiana, na qual ele representava apenas “mais um negro”, passa, com sua morte, a representar um exemplo para os “milhares de negros [grifo meu] daquele país” por “dar sua vida pela causa da liberdade”. Assim, de uma forma rápida e incisiva, a morte de Steve biko é ligada à causa negra em sua luta pela liberdade, entendida aqui como sendo a luta contra o regime do apartheid e tudo o que ele representava para os negros, cuja vida sob

¹⁶⁰ Revista Raça Brasil. Caderno Cultura e Lazer, seção Controle remoto: Memória. *Steve Biko: Há 20 anos, morria o líder contra o apartheid*, 2; (13), p, 122.

¹⁶¹ A esse respeito é bastante ilustrativo seu livro, *Escrevo o que eu quero* contrabandeado de seu país e publicado no Brasil pela Editora Ática em 1990. É significativo também o filme *Um grito de liberdade* que retrata o contexto dos últimos anos de vida de Steve Biko e sua atuação política contra o regime do apartheid na África do Sul.

¹⁶² Revista Raça Brasil. Caderno Cultura e Lazer, seção Controle remoto: Memória. *Steve Biko: Há 20 anos, morria o líder contra o apartheid*, 2; (13), p, 122.

a opressão física, psíquica, moral, política, econômica, e cultural negavam a humanidade do negro, uma vez que tal regime era baseado na supremacia de uma minoria branca sobre a maioria da população nativa negra do país.¹⁶³

Ainda nesse contexto é importante destacar que, muito embora essas reportagens digam muito sobre a vida de Martin Luther King e sua trajetória, bem como sobre a de Malcolm X, a de Biko e tantos outros que por ventura pudessem ser veiculadas, a construção dessa narrativa, diz muito sobre os sujeitos que se apropriam dela. Aqui vale lembrar as considerações de Portelli para quem “a narrativa, seja justa ou equivocada, a interpretação que se deu ao momento constitui um ato fundamental na construção da narrativa de si. É aí onde a narração se separa de uma forma mais radical da pretensa objetividade do depoente para inclinar-se no sentido da auto-reflexão”.¹⁶⁴

Nessa perspectiva, embora os editores Aroldo Macedo e Francisco de Oliveira tenham se preocupado em distinguir a revista *Raça Brasil* de qualquer outra produção internacional, alegando se tratar de realidades específicas, o que se pôde perceber é que a revista se vê imersa em questões que ultrapassam as barreiras das fronteiras nacionais. Ao levantar problemáticas comuns que dizem respeito aos negros de diversas partes do mundo, cujo às condições de discriminados racialmente os obrigam a re-elaborar suas referências continuamente - a revista se insere em um diálogo mais amplo e comum, onde o

¹⁶³ A esse respeito ver: Antony SAMPSON. *O ouro e o negro. Magnatas, revolucionários e o apartheid*. São Paulo, Companhia das letras, 1988 e Francisco José PEREIRA. *Apartheid. O Horror branco na África do Sul*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

¹⁶⁴ Alessandro PORTELLI. *A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e fontes orais*, p, 68.

elo entre essas diversas identidades é efetivado pela condição de exclusão imputada aos negros e na luta pela superação desta realidade.

De acordo com Stuart Hall

O que essas comunidades tem em comum, o que elas representam através da apreensão da identidade black, não é que elas sejam, cultural étnica, lingüística ou mesmo fisicamente, a mesma coisa, mas que elas são vistas e tratadas “como a mesma coisa” (isto é não brancas como o outro) pela cultura dominante. É a sua exclusão que fornece aquilo que Laclau e Mouffe chamam de “eixos comuns de equivalências” dessa nova identidade. Entretanto apesar do fato de que esforços são feitos para dar a essa identidade black um conteúdo único ou unificado ela continua a existir como uma identidade ao longo de uma larga gama de outras diferenças.¹⁶⁵

Em conformidade com Hall, podemos afirmar que a invisibilidade da diversidade cultural dos diversos grupos étnicos negros pela cultura dominante se traduz na homogeneização de características culturais distintas, que conduzem a um achatamento da identificação étnica. Por outro lado, a exclusão dessas especificidades culturais permite a criação de parâmetros capazes de promover a aproximação entre os diferentes grupos, impulsionando-os à construção de uma nova identidade por meio daquilo que Hall chama de “eixo comum de equivalência”. Neste sentido é importante perceber que, embora às referências aos padrões estéticos, culturais, econômicos, políticos, éticos e morais norte-americanos apareçam de forma recorrente na revista *Raça Brasil*, elas cumprem o papel de reforçar os laços de identificação entre esses pólos culturais distintos

com o intuito de criar um outro referencial, que possa orientar o negro brasileiro em sua luta pelo status de igualdade na sociedade.

Como veremos no capítulo seguinte a preocupação difundida na revista sobre a identificação étnica e a luta pelos direitos civis refletem uma conjuntura do contexto local na qual a revista expressa o desejo impresso de alcançar a tão almejada integração do negro na sociedade. Desta forma, o que veremos a seguir é uma tentativa de sintetizar essa proposta impressa na revista ao longo de seus dez anos considerando suas diferentes fases e momentos nos quais foi possível perceber algumas mudanças em sua orientação, sempre preocupada em manter-se fiel aos princípios estabelecidos por ela nos seus caminhos e contradições na tentativa de pavimentar os caminhos que possibilitasse o rompimento do véu da invisibilidade que recai sobre o negro e cindir os entraves da construção da condição de uma cidadania plena.

¹⁶⁵ Stuart HALL, *Identidade Cultural na pós-modernidade*, p. 86.

Capítulo III

Das Dores da Cor

Capítulo III: Das Dores da Cor

Esses gritos medonhos ao nosso redor
são o que vocês chamam de silêncio.

O enigma de Kaspar Hauser, de Werner Herzog.

O Dilema da integração do negro brasileiro

A integração¹⁶⁶ do negro na sociedade brasileira é um assunto presente na historiografia de uma forma mais incisiva desde, pelo menos, a segunda metade do século XIX, quando há uma preocupação explícita da sociedade em reavaliar a presença do negro no Brasil, num momento em que a elite da época procurou redefinir dentro de novos paradigmas a relação entre negros e brancos. Esse contexto marca a instauração de um dilema que perdurou ao longo do século XIX

¹⁶⁶ O termo integração é aqui entendido enquanto a incorporação dos variados elementos das diferentes matrizes que compõe a sociedade, de modo a proporcionar uma participação pautada na equidade de direitos e oportunidades de acesso aos bens comuns a todos os membros da população.

sendo retomado novamente no século XX e, embora esteja atualmente sob certas rasuras¹⁶⁷, o termo se mostra vivo de significados.

Assim, a preocupação com a presença do negro na sociedade conserva consigo um eco do período da escravidão que faz repercutir as vozes de debates calorosos que toaram ao longo do século XIX e XX atualizando e re-significando essa discussão - na forma como o negro re-atualiza e re-significa suas heranças africanas e seus dilemas na sociedade brasileira - e se apresenta como um paradoxo vivenciado pela sociedade brasileira de tal modo, que subsiste ainda hoje¹⁶⁸ de uma forma que sua tônica ressoa em aparente contradição com os princípios democráticos instituídos pela sociedade.

A eminência do negro na guerra do Paraguai em 1870, a promulgação da lei do ventre livre em 1871, as constantes rebeliões e fugas de escravos, a introdução de teorias pseudocientíficas de bases iluministas, a proibição do tráfico de escravos em 1850, a chegada de grandes correntes migratórias em São Paulo, o fim da escravidão considerado irrevogável, de acordo com o artigo 10 do tratado de comércio firmado com a Inglaterra em 1810¹⁶⁹, o eminente advento da república corroboravam com a situação de um acelerado processo de mudanças na sociedade pondo em xeque o sistema escravista como um todo.

O negro que até 1900 aparecia de forma esporádica e marginal na literatura ou nas impressões idílicas de viajantes estrangeiros “passa a freqüentar

¹⁶⁷ Termo utilizado por Stuart Hall para designar o uso modificado do conceito para o qual o mesmo fora criado, mas que, contudo não pode ser descartado definitivamente. Ver Stuart HALL, *A Identidade cultural na pós-modernidade*.

¹⁶⁸ Ver: Silvia Hunold LARA, *Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*, p. 25-38.

¹⁶⁹ Este contexto é analisado por Nelson Werneck SODRÉ in: *As razões da independência*.

constantemente as diferentes seções dos grandes jornais da época¹⁷⁰, ocupando espaço privilegiado onde o tema central dos debates discutiam os novos rumos que os senhores deveriam tomar frente aos problemas do regime escravocrata.¹⁷¹

Nesse momento, o negro ganha visibilidade e destaque privilegiado na imprensa da época, nas preocupações dos incontáveis reformistas, cientistas, parlamentares e compatriotas, que procuraram demonstrar a incompatibilidade do negro com os valores de uma sociedade republicana. Buscando soluções para uma melhor organização da sociedade brasileira, diversos setores passaram a questionar o sistema escravista, bem como o problema da mão-de-obra escrava e a sua conseqüente transição para o regime de trabalho livre.

Essa apreensão se concretizava em variados projetos como as propostas emancipacionistas, abolicionistas e imigrantistas, revelando, com isso, o teor de uma sociedade altamente racista, através as estratégias que seriam utilizadas pelos mais diferentes agentes da sociedade para pulverizar uma discussão que questionava as formas de inserção do negro dentro de uma sociedade competitiva e, sobretudo, o lugar que este deveria ocupar frente a sua inserção em uma sociedade de base republicana.

Dessa forma o termo integração, enquanto categoria analítica, revela-se um conceito fundamental para compreendermos a relação entre negros e brancos no Brasil de uma forma esclarecedora, ao centralizar, ou ao menos canalizar, o debate teórico e político do *modus operandis*, no qual a sociedade direciona sua

¹⁷⁰ Lilia Moritz SCHWARCZ, *Retrato em branco e negro. jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, p.15.

¹⁷¹ João Baptista Borges PEREIRA, *Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil. Aspectos históricos e tendências atuais*, p. 2.

atenção para inserir ou não os negros, bem como os índios e orientais - sobretudo os chineses e japoneses.

O termo integração deve, sem dúvida, sua popularização (ao menos acadêmica) ao estudo *A integração do negro na sociedade de classes* realizado por Florestan Fernandes em 1965. Contudo, é possível afirmar que sua preocupação se insere na dinâmica dos estudos sobre o negro brasileiro que, de acordo com João Batista Borges Pereira,¹⁷² podem ser divididos em três fases distintas.

A primeira fase, caracterizada pelo determinismo racial e climático rompe o século XIX e se mantém até a primeira década do século XX. Nela, o negro aparece como expressão de sua raça. Suas características são explicadas em termos patológicos fundamentados na idéia de raça, amplamente respaldada pela antropologia física e pela medicina, que procuravam hierarquizar os grupos em termos raciais.

Desse período dispensam apresentações os nomes de Raimundo Nina Rodrigues, Sílvio Romero, José Bonifácio, Louis Couty, Joaquim Nabuco, Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Tobias Barreto e Euclides da Cunha. Adeptos das teorias racialistas iluministas, cada um a sua maneira, buscava explicar as diferenças entre as raças por meio de suas características físicas, biológicas e morais, justificando, desta forma, a inferioridade da raça negra, sua incapacidade para a auto-determinação e sua incompatibilidade com os valores de uma sociedade

¹⁷² João Baptista Borges PEREIRA, *Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil. Aspectos históricos e tendências atuais*, p. 2.

republicana. De acordo com Santos, a perspectivas destes autores estavam comprometidas com a idéia de que:

As raças que dividiam a humanidade de forma irreversível sobrepõem-se à igualdade dos cidadãos nas cidades. A realidade racial supera qualquer teoria do direito. Desse modo, a cada raça cabe um lugar no mundo e seus direitos são definidos pelo grau de importância que ocupam na ordem evolutiva. Ou seja, cada raça teria um direito determinado por sua natureza.¹⁷³

Conforme podemos perceber, esses autores atribuíam a inferioridade dos negros às diferenças de fenótipos e naturalizavam, assim, o tratamento desigual direcionado a este seguimento pela sociedade.

A segunda fase caracterizada pelas análises culturalistas surge a partir da segunda década do século XX, quando a busca por uma identidade nacional é assumida pelos intelectuais como uma responsabilidade de explicar a realidade do país, como uma verdadeira “missão política”.¹⁷⁴ Nesse momento, a pressuposta inaptidão bio-psíquica do negro é colocada em segundo plano juntamente com os atributos das hierarquias raciais.

Nesse momento, a integração do negro na sociedade passa a ser vista como resultado de sua miscigenação física e cultural. De acordo com Guimarães, é a partir de então que “o Brasil passa a se pensar a si mesmo como uma civilização híbrida, miscigenada, não europeia, mas produto do cruzamento entre

¹⁷³ Gislene Aparecida dos SANTOS, *A invenção do ser negro no Brasil: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*, p. 49.

brancos, negros e índios”.¹⁷⁵ Essa mistura entre as diferentes matrizes seriam capazes de abraçar as diferentes manifestações culturais de seu povo, amplamente difundidas e sintetizada na idéia de democracia racial, tão cara a Gilberto Freyre por causa de seus estudos e concepções, que reforçavam o ideal de branqueamento da população ao enfatizar “as maneiras vividas como a elite branca adquiria traços culturais no mútuo contato com o africano e com o índio em menor escala”.¹⁷⁶

É bem verdade que essas idéias, não foram somente resultado das conclusões elaboradas por Gilberto Freyre. De certo modo, Getúlio Vargas, Sérgio Buarque de Holanda, Artur Ramos de Azevedo, Caio Prado Júnior, José Lins do Rego, Jorge Amado, Mário de Andrade, Monteiro Lobato inventaram o Brasil moderno. Isto é, procuraram explicar o processo de formação do povo brasileiro e de uma cultura genuinamente brasileira a partir de suas diferentes matrizes. No dizer de Antônio Sérgio Guimarães, “Vargas na política; Freyre, nas ciências sociais; os artistas e literatos modernistas e regionalistas, nas artes; esses serão os principais responsáveis pela solução da questão racial, diluída na matriz luso-brasileira e mestiça de base popular”.¹⁷⁷

Essa tendência de estudos perdurou, grosso modo, até meados da década de 1950. O fim da segunda Guerra Mundial faz emergir novas problemáticas nas qual o conceito de raça é retomado como realidade empírica, capaz de explicar a realidade social dos diferentes grupos humanos. As análises estruturalistas de

¹⁷⁴ Daniel PÉCAUT, *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*, p. 24.

¹⁷⁵ Antônio Sérgio Alfredo Guimarães. *Classes, raças e democracia*, p. 117.

¹⁷⁶ Lilia Moritz SHWARCZ, *Retrato em branco e preto: jornais e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, p. 27.

¹⁷⁷ Antônio Sérgio Alfredo GUIMARÃES, *Classes, raças e democracia*, p. 120.

meados de 1950 – 1960, opacas ao entendimento dos indivíduos na sociedade, passam a focar seus estudos na análise do coletivo. Assim, a terceira fase busca caracterizar o negro enquanto expressão social.

A partir dos estudos financiados pela *UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizations*, surge a Escola Paulista de Sociologia, como ficou conhecido o grupo no qual Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Fernando Henrique Cardoso e Luiz de A. C. Pinto eram seus membros diletos. Para esses intelectuais, a questão racial era subentendida como uma questão de classe, na qual as estruturas sociais conformavam as ações coletivas nas sociedades capitalistas.

Para Florestan Fernandes, em particular, a participação desigual e marginalizada do negro no século XX era resultado de sua herança da escravidão, do conseqüente “esboroamento final da sociedade de castas e [d]o processo de elaboração da ordem social competitiva”na qual:

Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou outra qualquer instituição assumissem encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. O liberto viu-se convertido, sumário e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva.¹⁷⁸

¹⁷⁸ Florestan FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, p. 01.

A análise de Florestan Fernandes era de que, com a destruição das sociedades de castas, as sociedades de classes passaram a condicionar a sociabilidade própria à modernidade e ao capitalismo ocidental. Neste sentido, a escravidão é considerada como um marco divisor de dois brasis, onde diversos autores opõem, de uma maneira irreconciliável, a possibilidade de adaptação do negro numa sociedade dita “de classes”.

Dessa forma o racionalismo das análises marxistas asfixiou os estudos das manifestações negras quando, ao analisar a relação de exploração entre capital/trabalho, subtraiu “todas as formas de coerção não-econômicas que pudessem conspurcar essa relação”. O argumento político para tal postura se justifica pela influência do evolucionismo do século XIX de que “as classes sociais capitalistas se formam prescindindo destas formas de sociabilidade, consideradas a partir daí como formas arcaicas, a serem superadas pelo próprio regime capitalista”.¹⁷⁹

Neste mesmo sentido, numa explanação mais detalhada e exemplificada, Sílvia Hunold Lara afirma que o antagonismo presente nos estudos realizados na década de 1960, em que opunham a experiência do negro enquanto escravo e do trabalhador livre, conferia historicidade à própria idéia de ruptura presente naquele momento. Para essa autora:

Termos como *substituição*, *transição* e *formação* conferiam historicidade àquela ruptura. Por que teriam lugar na história seres coisificados, “incapazes de ação autônoma”? Ecoando palavras proféticas de Nabuco (e de

¹⁷⁹ Antônio Sérgio Alfredo GUIMARÃES, *Classes, raças e democracia*, p. 09-10.

alguns outros abolicionistas), a produção acadêmica dos anos [19]60 sobre o tema transformou em explicação histórica, idéias e concepções que, quase cem anos antes, faziam parte de um intenso jogo político. A exaltação do imigrante branco, associada à idéia da incapacidade do negro para o trabalho e à afirmação da passividade dos nacionais, devidamente depuradas de seus termos racistas, reapareceu na base das teses formuladas por sociólogos e historiadores do século XX sobre a transição da escravidão para o trabalho livre, da substituição do escravo negro pelo imigrante. Certas dicotomias que durante muito havia orientado o trabalho dos estudiosos, como as oposições entre campo e cidade, entre arcaico e moderno, apareciam agora, neste contexto, associadas à oposição entre escravidão e capitalismo. É no interior dessas postulações que podemos compreender o aparecimento da idéia de *transição, de passagem* de um mundo ao outro.¹⁸⁰

Assim, a opção de grande parte dos autores ao abordar a questão da história do trabalho no Brasil, a partir das primeiras décadas do século XX ou mesmo no final do século XIX, silencia a experiência negra, enclausurando-a no seu passado ao justificar à suposta inaptidão do negro à “nova” sociedade. Esse posicionamento, segundo Sílvia Hunold Lara, “contém, em si mesma, um processo de exclusão: nela não figura o trabalhador escravo. Milhares de trabalhadores que, durante séculos, tocaram a produção e geraram a riqueza no Brasil ficam ocultos, desaparecem num piscar de olhos”.¹⁸¹

Essa exclusão revela, de uma maneira bastante intrigante, a forma na qual o negro é tratado no Brasil desde a sua vinda a este país. Hoje, diversos autores procuram demonstrar que, ao longo desses séculos, a sociedade relegou ao negro uma invisibilidade perversa ocultando as relações sociais conflituosas e

¹⁸⁰ Sílvia Hunold LARA, *Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*, p. 25-38.

complexas estabelecidas na sociedade, cristalizando uma percepção estereotipada sobre o negro que o vincula à sua experiência escrava. Tais idéias conduzem a uma percepção distinta da modernidade, que desumaniza o escravo, o liberto e, posteriormente, o negro discriminado racialmente pela sociedade. Neste sentido, para Paul Gilroy:

No período posterior à escravidão, a memória da experiência escrava é evocada em si mesma e utilizada como instrumento adicional, suplementar com o qual construir uma concepção distinta da modernidade. Quer essas memórias evoquem ou não a lembrança de um terror que ultrapassa a apreensão do discurso ideal, gramatical, elas apontam no presente para uma transformação utópica da subordinação racial.¹⁸²

Seguindo o raciocínio, podemos concluir que, embora a memória da experiência escrava seja evocada em si mesma para construir uma “concepção distinta da modernidade”, ela também é dotada de potencial para subverter essa realidade, apontando para “uma transformação utópica da subordinação racial”. Dessa maneira, atentar para essas formas de expressões negras, bem como para as formas com as quais a problemática negra estão sendo colocados revelam um exercício importante para repensarmos os caminhos da nossa ação prática possibilitando subverter os ditames dessa realidade.

Analisar a proposta editorial da revista *Raça Brasil* é um esforço empreendido neste capítulo, na tentativa de compreender as formas como esse

¹⁸¹ *Ibid.*

¹⁸² Paul GILROY, *O Atlântico Negro: a modernidade e a dupla consciência*, p. 154.

periódico busca re-significar a experiência negra ao procurar situar sua discussão temática em assuntos que versam sobre a atual situação do negro, propondo-se veicular uma imagem positiva, sedimentando os caminhos que conduziriam para uma integração total do negro na sociedade.

Raça Brasil: uma nova proposta de integração para o negro brasileiro.

A revista *Raça Brasil*, ao longo de seus 10 anos de existência, articulou-se com a finalidade de reivindicar a integração total do negro à sociedade. Reconhecendo que a invisibilidade que recai sobre o negro representa um dos maiores percalços à concretização de tais objetivos - devido à prática cotidiana de uma sociedade racista e excludente que coloca à margem o negro, bem como o produto de sua participação social e relegando-o a uma condição perversa - a revista se coloca a missão de dar visibilidade ao negro brasileiro.

Compreendendo que para subverter tal realidade, era necessário ao negro mudar de comportamento, se posicionar perante tal situação e “lutar por proteção igual perante a lei, oportunidades iguais, acesso igual e divisão justa”¹⁸³ do

¹⁸³ Revista Raça Brasil. Caderno Gente. *Jesse Jackson no Brasil*. 2 (05), p. 4.

produto social, desde o primeiro momento a revista assume um papel político ao se posicionar na discussão que versa sobre a atual situação do negro na sociedade, clamando seu desempenho ativo no processo de transformação das relações existentes na sociedade.

Transformando suas “páginas em exemplos de luta e determinação” para que as experiências dos seus entrevistados servissem de “espelhos” para a própria luta pessoal¹⁸⁴ de seus leitores, a revista *Raça Brasil* se atribuiu a responsabilidade de difundir uma imagem positiva do negro; uma imagem que se propunha romper com o estereotipo secular atribuído a ele; que permitisse, ao mesmo tempo, uma auto-afirmação, uma identificação e uma auto-valorização positiva de seu pertencimento étnico-racial.

É perceptível o esforço realizado para elevar a auto-estima do negro por meio de seus conteúdos e mensagens que, ao mesmo tempo, procurava conscientizá-lo de sua posição dentro da sociedade, incentivando-o na busca do exercício da cidadania plena. Deste modo, por meio da revista, acreditava-se criar caminhos para que o negro, de fato, pudesse alcançar o status de uma participação efetiva na sociedade. A integração total do negro adviria de uma necessária mudança de seu comportamento, que deveria cultivar uma atitude ativa diante das adversidades vividas por ele.

A análise de *Raça Brasil* demonstrou que, no seu percurso existencial, a revista passou por diversas transformações que resultaram em inúmeras mudanças, afetando seu projeto gráfico sem, contudo, alterar sua proposta editorial, que esteve preocupada, desde o início, com a valorização positiva da

atitude e do comportamento ativo do negro. Neste sentido foi possível constatar que houve, pelo menos, quatro mudanças na ênfase de direcionamento das preocupações da revista e que foram se alterando compassivamente pelas suas necessidades, demonstrando um amadurecimento de seus organizadores e, sobretudo, uma reavaliação dos posicionamentos dos editores e diretores que estavam à frente da revista e no diálogo com o público leitor.

Num primeiro momento, ficou evidente o comprometimento com a questão da auto-afirmação, da auto-valorização do negro na sociedade e com a questão do exercício do direito como caminho ao exercício da cidadania plena. Num segundo momento a ênfase dada abre espaço para questões de âmbito social enfocando as ações de inúmeras instituições de cunho privado e Ong's que procuravam, a partir de sua prática criar condições de uma vida mais digna para o negro. Num terceiro momento a preocupação expressa, passa a centrar suas temáticas em questões direcionadas ao universo da mulher, procurando trabalhar como um guia, onde suas maiores preocupações estavam direcionadas ao público feminino. Finalmente num quarto momento a revista passa a pontuar sua preocupação para questões em torno da educação visando o preparo do negro para a sua inserção no mercado de trabalho.

As mudanças ocorridas na revista, bem como a ênfase dada em cada momento de seu projeto editorial, revelam os embates travados por seus editores, os dilemas e as escolhas que estes tiveram que optar em momentos específicos da trajetória da revista. Neste sentido, o perfil da revista confunde-se com a

¹⁸⁴ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Divisão Raça Brasil*. 2 (10), p. 4.

própria trajetória de seus editores e diretores que influíram diretamente no periódico a partir de seus referenciais e experiências.

Para visualizarmos essas distintas fases, torna-se importante verificar os diferentes momentos pelos quais a revista passou e as diferentes ênfases presentes em sua proposta editorial, uma vez que tais mudanças na postura da revista refletem algumas questões postas ou vivenciadas por seus organizadores e idealizadores expressas, sobretudo, por seus editores e diretores.

A revista *Raça Brasil* teve cinco editores e diretores. Cada qual com uma experiência particular, que, aliada aos seus posicionamentos, enriqueceram a discussão proposta pela revista. O primeiro deles foi Aroldo Macedo, que acompanhou a revista desde o processo de criação e permaneceu junto à equipe da revista até março de 2000. Durante esse tempo exerceu a função de editor-chefe por sete meses, assumindo posteriormente a função de diretor responsável, onde permaneceu até assumir sua nova função como diretor de projetos especiais do *Grupo Raça* exercendo-a até sua saída definitiva da editora.¹⁸⁵

Aroldo Macedo, além de editor-chefe da redação - responsável em estabelecer o diálogo direto com o público leitor -, desenvolveu um papel significativo dentro da revista, uma vez que foi também um dos organizadores e idealizadores da *Raça Brasil*. A sua intervenção contribuiu sobremaneira para a formação do perfil da publicação, pelo fato dele ser um negro que transitava facilmente no “meio negro” e por estar ao mesmo tempo tão afinado com o “mundo das comunicações”. Ele trabalhou na televisão, atuou como modelo, era fotógrafo, vídeomaker: fazia filmes, era bem sucedido, tinha certa facilidade de

transitar nos meios de comunicação e a partir de então, tornou-se editor da revista, logo após retornar dos Estados Unidos.¹⁸⁶

Por ocasião de uma palestra ministrada na UNICAMP em 1996, ao relatar seu envolvimento com a revista, Aroldo Macedo afirmou que ela surgiu meio que por acaso; mas desde cedo comprometida com objetivos sérios e princípios bem definidos devido à bandeira hasteada e pelo comprometido de seus organizadores na sua elaboração. Até mesmo o seu envolvimento neste projeto era bastante significativo, considerando que, a princípio, esses nem eram seus ideais.

Naquele momento, depois de morar durante seis anos em Nova York, Aroldo Macedo retornava ao Brasil com objetivos de fazer um documentário sobre capoeira. Contudo, seus planos mudaram ao reencontrar Joana Woo, a diretora presidente da editora Símbolo. Naquele momento, sua adesão ao projeto foi tão imediata que mal começou a falar no assunto com Joana Woo e já estava delineando os caminhos que deveriam seguir, o nome para a revista e tudo o mais.

Após relatar o reencontro com Joana Woo e os motivos de sua decisão de fazer a revista *Raça Brasil*, Aroldo Macedo afirmou que tudo fora muito rápido porque o projeto gerava em torno de si uma energia mágica porque envolvia toda uma causa que superava os objetivos mercadológicos de “ganhar dinheiro”. De acordo com seu relato:

¹⁸⁵ Revista *Raça Brasil*. Editorial Linha de Frente: *Adeus, Nunca*. 4 (43), p. 4.

[...] esta revista tem um tom mágico que eu digo sempre, bom vou contar uma breve história para vocês. Eu morei seis anos em Nova York e daí vim para o Brasil. Eu trabalhava, eu era vídeo-maker, fazia vídeos, e como fotógrafo também, e vim para o Brasil tentar um patrocínio para um filme de capoeira. Bate aqui, bate ali, tentando dinheiro para fazer o filme me lembrei da Editora Símbolo. Eu conhecia a Joana Fu (sic), e fui até a Editora Símbolo. No meio da conversa, vamos fazer. Quer dizer, foi uma coisa que surgiu, e surgiu mais porque a Joana Fu (sic) é uma empresária extremamente moderna e tem uma visão extremamente ágil. E não teve naquele momento, assim, vamos ganhar dinheiro, ou vamos vender tanto, não. Vamos fazer uma revista para os negros, porque não existe e é necessária. E no dia seguinte a gente já estava conversando sobre o projeto, o nome surgiu na hora.¹⁸⁷

O envolvimento com o projeto foi tão instantâneo que o resultado era perceptível pela rapidez e coerência das decisões tomadas em relação a elaboração da revista, pensada nos seus mínimos detalhes. Exemplo disso se vê até na escolha do nome, que, embora tenha surgido de forma espontânea, estava em plena sintonia com os objetivos de seus organizadores.

Ao escolher o nome da revista, os organizadores responsáveis e os idealizadores recorriam, assim, a um termo amplamente utilizado pela população negra, vinculado sobretudo ao movimento negro e que permitia uma auto-identificação imediata com a comunidade negra. Essa escolha estava ligada também a uma das pedras angulares que orientavam a elaboração da revista, uma vez que o termo permitia um verdadeiro e complexo jogo semântico em que podia ser trabalhado tanto em seu sentido de origem, como também no sentido de

¹⁸⁶ Eliana Melhado BONFIGLI, *O que aconteceu com a revista Raça Brasil?*, p. 46.

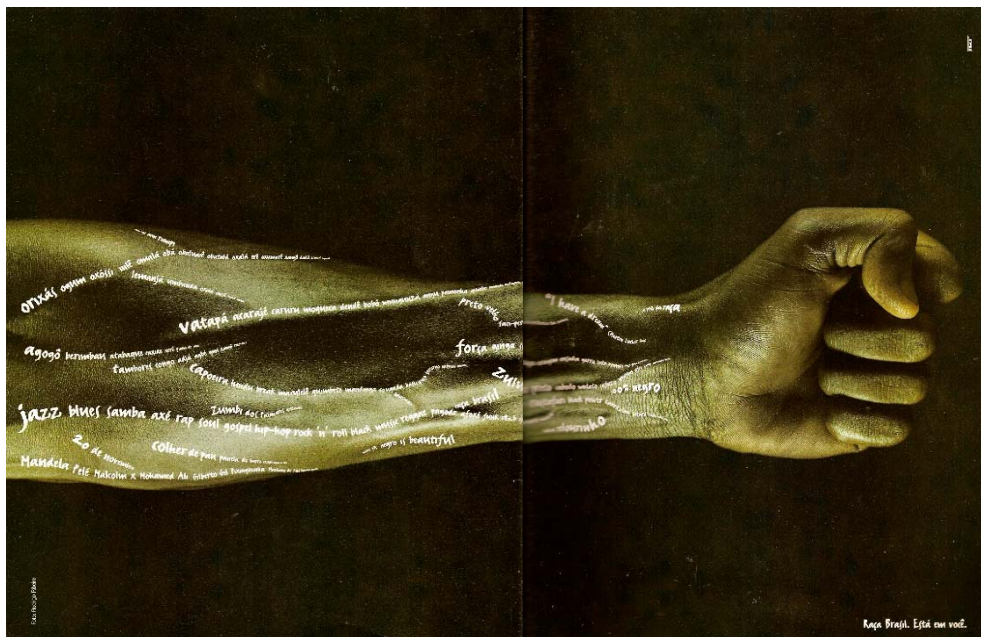
¹⁸⁷ Depoimento de Aroldo Macedo, *Gênero e Raça, em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*, in: *Cadernos Pagu: Raça e Gênero*, (6-7), p. 250.

que o negro tem raça, ou seja, tem atitude e pode com isso superar todos os obstáculos.

Raça funde, aqui, negritude, brasilidade, internacionalismo (black), cidadania, consumo. Raça aponta para garra, pique. Raça Brasil inverte alguns dos atributos de “negro” e “negrice” no Brasil: ao feio, diz bonito; a pobre, diz, é rico; ao cabelo ruim, diz cabelo bom; reforça alguns dos atributos: ginga, balanço, sensualidade. A revista recria um lugar identitário”.¹⁸⁸

Para Kofes, ao executar esse movimento a revista funde diversos conceitos; inverte e reforça algumas das características socialmente atribuídas recriando um lugar identitário para o negro. Desta maneira, raça poderia tanto ser utilizada “no sentido de garra, como dizendo, tem uma identidade racial, mas depende de você, depende de seu esforço, depende de você como indivíduo, chegar lá. A revista oferece esse modelo”, que, alias, é compartilhado pelos próprios organizadores da revista.

¹⁸⁸ Suely KOFES, *Gênero e Raça, em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*, in: *Cadernos Pagu: Raça e Gênero*, (6-7), p. 299.





Imagens publicadas nas edições 86 e 87 respectivamente.

Diferentemente do que estamos acostumados a ouvir recorrentemente, que “a questão da identidade passa pela cor, na revista Raça ela está passando pela origem” e pela atitude.¹⁸⁹ De acordo com a autora, essa explicação tinha uma lógica que estava amplamente afinada com os objetivos da revista. Afinal, para Aroldo Macedo, a revista “Raça Brasil não foi criada para os negros que lamentam sua condição. Foi concebida, isso sim, para os negros que têm orgulho e consciência de saber que pertencemos a uma raça que nunca perdeu sua dignidade”.¹⁹⁰

É nesse sentido que ele se pergunta:

¹⁸⁹ *Ibid.*

¹⁹⁰ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *O Brasil Nunca Mais Será o Mesmo!*, 1 (03), p. 4.

Quando se trabalha a auto-estima, você tem que colocar pessoas vencedoras, do começo ao fim. Se a gente falasse de miséria na revista, onde eu vou buscar a força do negro? Dentro dele somente... Isso ele vê o dia inteiro, ele quer ver, eu quero me ver digno, eu quero me ver bonito, eu quero me ver vencedor. E esta identificação, este boom que teve a Raça Brasil foi imediato, porque a gente falou diretamente à alma deste negro.¹⁹¹

Aroldo Macedo demonstrava bem o posicionamento da revista nesta questão. Intitulando de *Linha de Frente*, seu editorial deixava subentendido o limiar de uma guerra travada contra o racismo, onde a maior batalha seria do negro contra sua própria condição. Nesse sentido, em seu primeiro editorial, faz um verdadeiro *check-up* da atual situação do negro na sociedade. Após realizar seu *diagnóstico* afirma que, apesar do negro ser um sujeito dotado de direitos e, portanto, estar em condição de igualdade com os demais brasileiros, a invisibilidade que recai sobre ele obriga-o a lutar cotidianamente por seu espaço, por respeito e por dignidade. Neste sentido, o papel da revista era o de ajudar o negro nessa luta cotidiana.

Todos os meses, RAÇA BRASIL vai falar de nossos problemas e apresentar soluções. Vai ajudá-lo a se cuidar melhor, a viver com mais alegria e segurança. Vai também discutir nossa identidade, resgatar nossa herança cultural e mostrar que a negritude é alegre, rica, linda. Estaremos atentos para negar o preconceito, mas, acima de tudo queremos afirmar nossas

¹⁹¹ Depoimento de Aroldo Macedo, *Gênero e Raça, em Revista: debate com os editores da revista Raça Brasil*, in: *Cadernos Pagu: Raça e Gênero*, (6-7), p. 286.

qualidades.¹⁹²

Nesse momento, a preocupação da revista é, acima de tudo, com o resgate da auto-estima do negro. Assim, era necessário mostrar que a negritude é linda, destacando as qualidades do negro para que pudesse sentir “orgulho de ser negro”. A partir dessa compreensão a revista passa a destacar tais qualidades do negro e de seu pertencimento étnico/racial tais como: negro “é bonito”, “forte”, “poderoso”, “repleto de qualidades”, a raça negra é “possuidora de ginga e balanço”, “é black”, é “colorida”.

A revista destacava em suas capas pessoas negras famosas, que exaltavam o orgulho e as qualidades de ser negro. Isso é perceptível, já em suas primeiras edições. Na edição de número quatro, por exemplo, há destaque a uma frase atribuída a Djavan, na qual o músico afirmava: “Ser negro me faz ser feliz e corajoso”. Na capa de número dez aparece outra frase “Negra, sim!” Atribuída à atriz e poetisa Elisa Lucinda, afirmando em seguida: “Temos que ter a atitude de um negro que se posiciona”.

¹⁹² Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Essa é Pra Você!*, 1 (01) p. 4.



Imagens de capa da revista Raça Brasil, nº 10 e 24 respectivamente.

O mesmo pode ser percebido na edição de número vinte e quatro, onde a capa é ilustrada com uma foto de Alexandre Pires juntamente com seu irmão, Fernando Pires, e, logo abaixo, a chamada de capa com o título *Somos negros sim!*, referindo-se, naturalmente, aos dois irmãos. Sobreposta por outra frase que destacava uma matéria veiculada em seu interior, o artigo, ressaltava as qualidades e o sucesso que os cantores apresentavam no comando do grupo de pagode *Só Pra Contrariar*.

Neste momento o esforço em apresentar as qualidades referidas ao negro, permitia a construção de uma imagem do negro de atitude, vencedor, empreendedor, que corre atrás de seus sonhos, de seus direitos; que não perde a chance que lhe aparece e, mesmo quando surgem as dificuldades, tem uma forma positiva para enfrentá-la. Mesmo diante do preconceito, o negro é aquele que não se permite sentir vergonha, por sentir-se superior. Quando é necessário protestar, o faz de uma maneira criativa, diferente, como compor uma música de

rap, ou expressa-se com qualquer outra forma de demonstração cultural, por meio do estilo afirmativo black, uma roupa étnica, ou uma “atitude superior” como o humor, mas sem com isso guardar rancor ou raiva por compreender que, o negro é igual aos demais brasileiros e que no fundo, a maior bandeira a ser hasteada é a do respeito, do direito, do espaço e da dignidade fundamentada nos princípios que devem reger uma sociedade democrática.

A imagem do negro era elaborada, a partir da utilização dos recursos da fotografia, da produção de modelos profissionais, de atores com grande repercussão na tv e no cinema, de músicos, como também pelo encaminhamento dos temas e das problemáticas apresentadas a partir dos relatos e entrevistas de pessoas famosas e bem sucedidas, que conseguiram alcançar a tão esperada marca da ascensão social. Pessoas que “batalharam e chegaram lá” e, por isso mesmo, deveriam se tornar referências para as demais.

Nesta perspectiva, a ascensão social significava o resultado de uma grande luta e de superação do negro, que tinha consciência de sua situação e também de seu potencial, não se deixando abalar pelas adversidades. É dessa forma que Aroldo Macedo comemorava a descoberta da classe média negra em seu editorial de número quatorze:

[...] fomos descobertos! Como diria aquela propaganda: “Que maravilha! Passamos a existir, a nos tornar visíveis. E como quem desperta para o mundo, começamos a levantar questões. Junto com elas vieram as dúvidas: [...] Vamos eternamente declarar nossa exclusão da sociedade ou vamos partir para uma integração total? Vamos nos “engessar”

em discursos vazios ou vamos arregaçar as mangas e partir para o trabalho?¹⁹³

Para Aroldo Macedo, a descoberta de uma classe média negra significativa representava um verdadeiro símbolo de atitude e visibilidade para os negros. Partido dessa constatação, os negros teriam passado a existir, a serem visíveis aos olhos da sociedade como num passe de mágica. Contudo as implicações dessa descoberta eram ainda mais profundas para o editor

Ao fim de 1997, ironizando com a pergunta: “Foi bom para você?” Aroldo Macedo responde em seguida que com a descoberta da classe média negra, o negro não poderia mais ser ignorado. Significava que, a partir desse momento, ele teria de ser ouvido, atraindo a atenção dos investidores e das agências de publicidade, fato que contribuiria com o aumento de sua visibilidade e com esta, conseqüentemente, a sua participação na sociedade. Por isso, para o editor havia motivos de sobra para comemorar ao fim do ano, tanto para os investidores como para as empresas de publicidades e, sobretudo, para os negros. De acordo com seu pequeno relato:

Para nós, negros, foi um ano e tanto! Aliás, nunca estivemos tanto em pauta como agora. O grande desfecho foi a “descoberta” da classe média negra e com a divulgação da pesquisa feita por uma agência de publicidade. Ela revela, entre outras coisas, que existem mais de 8 milhões de negros que ganham acima de 20 salários mínimos. Vocês já fizeram as contas? Pois é, são muitos milhões de reais, muitos zeros à direita, que atrairiam investidores, agências de publicidade ou

¹⁹³ Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Embaló Negro*, 2 (14), p. 3.

qualquer pessoa de negócios interessada em novos nichos. É claro que nós, negros, não estamos em leilão. Nosso rico dinheirinho vai ter que ser disputado com muito empenho. Nós teremos que ser ouvidos para futuras campanhas, para que não haja, por exemplo, distorções em seus slogans. Os publicitários terão de pesquisar o que sentimos e o que queremos, para nos oferecer o produto certo, o que desejamos. É muito simples.¹⁹⁴

A descoberta de uma classe média negra significava que, a partir desse momento, o negro passaria a ser levado em consideração pelas agências de publicidade. A partir de então seriam consultados sobre seus gostos e desejos e, com isso, os meios de comunicação não poderiam continuar a difundir uma imagem negativa sobre ele.

Na visão do editor, a ascensão social do negro significava um termômetro importante para medir o índice de obstáculos que os negros teriam para enfrentar. Significava, ainda um exemplo a ser seguido como um caminho para alcançar os mesmos fitos. Para ele, o fato mais importante revelado por esses dados era que, a partir deles, os negros teriam mais exemplos positivos para se espelhar. Isto contribuiria para que eles encontrassem referenciais que os ajudassem a romper com a invisibilidade e a exclusão social.

Como se previsse uma crítica à sua maneira de encarar a situação, o editor procura se defender antecipadamente. Enaltecendo a classe média negra, Aroldo Macedo ignora a grande maioria da população negra. Consciente do impacto que sua postura causaria no debate sobre a discussão racial - na qual se sobressaem os militantes e ativistas do movimento negro - o editor passa a atacar os “negros

¹⁹⁴ Raça Brasil: Editorial Linha de Frente: *Papai Noel Existe*, 2 (16), p. 3.

engajados e formadores de opinião”, considerando que, sua visão era retrograda e míope que emperrava os avanços da comunidade.

Ao mesmo tempo, os negros engajados e formadores de opinião deveriam olhar esses números reveladores de uma forma mais positiva, ou seja, uma garrafa com água pela metade deveria ser vista como “uma garrafa meio cheia”. Porque se continuarem a fazer as contas ao contrário, ou seja, pensando apenas que existem mais de 80 milhões que não ganham mais de R\$2.400,00, nós corremos o risco de passar a vida inteira reclamando. E isso não ajuda ninguém. O importante é ter certeza que alguém chegou lá, pois precisamos de exemplos positivos.¹⁹⁵

Essa não era a única crítica feita por ele aos negros militantes. Na verdade, sua opinião se distanciava muito daquela dos negros ativistas e mais precisamente do movimento negro que, para ele, já não acompanhava o ritmo das novas mudanças que surgiam devido, principalmente, a forma de conduzir seu “discurso inflamado e incisivo”. Neste sentido, sem diminuir a importância das inúmeras organizações negras que visam romper as barreiras das desigualdades raciais e lutar contra a discriminação racial, ele ressaltava que:

A importância de organizações negras no Brasil é indiscutível. O Movimento Negro Unificado, a mais atuante delas, é um exemplo. Vigilante, o MNU não dá tréguas aos muitos episódios de discriminação que ainda acontecem todos os dias em nosso país. A partir do MNU outras organizações não-governamentais foram criadas e muitas consciências negras se mobilizaram. É claro que o discurso do MNU

¹⁹⁵ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: Papai Noel existe. 2; (16), p. 3.

não consegue atingir todos os negros da mesma forma, até porque as pessoas têm diferentes experiências e opiniões. Esse é o preço pago por toda liderança: precisa estar sempre um passo à frente, mas ocorre o risco de se isolar e perder contato com seu povo principalmente quando usa um discurso inflamado e incisivo.¹⁹⁶

Ora, embora Aroldo Macedo não diga diretamente que o MNU perdeu o compasso da caminhada na luta em prol do negro, a construção de seu texto não deixa dúvidas sobre esse ponto. Embora em diversos momentos, ele mesmo afirmasse acreditar firmemente que “o mais importante para o nosso desenvolvimento era dirigirmos nossa energia para o progresso da nossa comunidade” saindo das conquistas puramente individuais para as coletivas,¹⁹⁷ o espaço destinado aos movimentos negros brasileiros em seu editorial e nas matérias publicadas na revista demonstravam seu posicionamento contrário.

Isso é perceptível, por exemplo, na seção comportamento onde os movimentos negros norte-americanos são exaltados por suas ações e suas conquistas em detrimento do movimento negro brasileiro. Assim, na matéria sobre o black power podemos perceber como eles são apresentados como referências para o mundo todo.

Black Power: no fim dos anos um grupo de jovens americanos resolveu agir contra a discriminação criando o movimento que provou para os EUA e para o mundo que Black is beautiful e Black is power.¹⁹⁸

¹⁹⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Para todos os negros*, 2 (12), p. 4.

¹⁹⁷ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *A Consciência não pode parar*, 2 (15), p. 3.

¹⁹⁸ Revista Raça Brasil. Caderno Comportamento: *Black is Power*, 2 (08), p. 103.

Em outra matéria, também sobre os negros americanos, a mesma assertiva fica evidente quando, ao destacar os seus avanços no campo do direito e de suas conquistas enquanto cidadãos há uma crítica implícita ao movimento negro brasileiro e às suas dificuldades em trazer conquistas reais aos negros brasileiros.

Era uma vez a América: os negros norte-americanos enfrentaram leis discriminatórias e atos de violência racista, mas graças à sua luta, conquistaram seus direitos como cidadãos. Nós, que sempre sofremos um racismo velado, ainda temos muito a caminhar.¹⁹⁹

Nicolini, ao analisar essa discussão em seu trabalho de mestrado *Revista Raça Brasil: Negros em movimentos*, afirma que a revista “ao evidenciar que o negro americano é mais mobilizado, que luta por seus direitos e combate o racismo efetivamente, compara com a tenuidade da luta negra nacional, como se, no Brasil, os negros não soubessem ou não quisessem se mobilizar para lutar por seus direitos como cidadãos.”²⁰⁰

Desta maneira a revista *Raça Brasil* ignora a trajetória histórica do movimento negro, silenciando a sua luta pela superação das desigualdades raciais e colocando-se como um verdadeiro marco na história do negro brasileiro por considerar que, ao dar visibilidade ao negro em suas páginas, estava,

¹⁹⁹ Revista Raça Brasil. Caderno Comportamento: Era uma vez a América, 3 (21), p. 74.

²⁰⁰ Veridiana Kunzler NICOLINI, Revista Raça Brasil: Negros em movimento (1996-2004), p. 167.

sozinha, revolucionando a realidade do negro brasileiro.

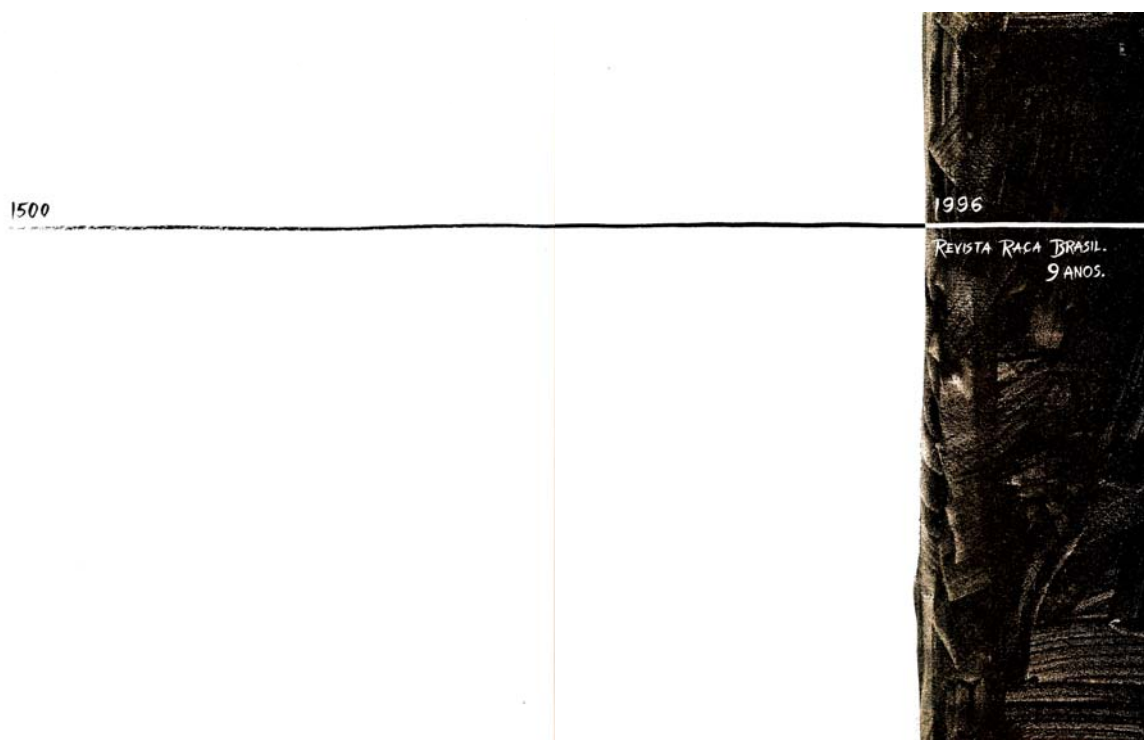


Imagem retirada da revista Raça Brasil ano 9 nº 90

Aroldo Macedo estende sua crítica aos negros mestiços por considerar que, se aproveitando da ascensão social que lhes é facilitada e mesmo pela a tonalidade de pele mais clara que tinham, distanciavam-se de sua identidade étnica e cultural, aproximando-se mais das referências do padrão branco enfraquecendo, assim, a luta e o processo de mudanças esperadas para o negro brasileiro.

Tachando a questão como “o problema do mestiço”, o editor ressaltava a

ambigüidade da situação. Afinal, para ele, se a tonalidade da pele representava uma probabilidade real de fuga de suas raízes, ela nunca era de forma completa, pois “os mestiços [que] se identificavam com o padrão branco (...) vivem em permanente receio de ser confundido com os negros”.

Ao se referir ao contexto de Salvador, a situação não lhe parece diferente, e embora essa situação seja possível de acontecer em qualquer outro lugar, a peculiaridade de Salvador é que “lá ainda se perpetuam classificações de cor como ‘moreninha’, ‘Mezo-pardo’, ‘pouca tinta’ e assim por diante” colaborando ainda mais com a indefinição do mestiço. Partindo desta constatação o editor conclama:

Ô meu rei, ô minha rainha, desçam do muro.
Vamos assumir essa negritude linda. Em vez
de mentir para a si próprio e aumentar suas
angústias, valorize seus antepassados
africanos, pois só assim chegaremos a
verdadeira solução do problema racial no
Brasil.²⁰¹

Numa outra oportunidade, opinião semelhante é deflagrada contra o mestiço. Para Aroldo Macedo era inaceitável a postura do mestiço em não se reconhecer como negro. Pois ao tentar fugir da realidade, ele acabava se condenando à condição de “cidadão de segunda classe” por não reconhecer a sua própria imagem, enfraquecendo-a e perdendo a auto-confiança de quem ele realmente é. Isso o obrigava a mandar um novo recado:

²⁰¹ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Salve Salvador!*, 1 (04), p. 4.

[...] mestiço, é melhor vir para o nosso lado, para de se achar “meio clarinho”, porque na hora H vão considerá-lo “meio escurinho”. Ou seja, lá na frente, podem te tirar de cima do muro. E você vai ficar sem espelho. Nesse momento, a realidade e a decepção podem ser duras pra você.²⁰²

É dessa forma que o mestiço é chamado a “sair de cima do muro”, assumir sua negritude, livrar-se do fardo da ambigüidade, da dúvida, da rejeição, assumir o ônus de sua identidade étnica e contribuir para solucionar o problema racial no Brasil juntamente com os negros que ainda não descobriram “a sua própria força”.

Ao participar do Carnaval de rua em Salvador, Aroldo Macedo constatou uma situação que considerou constrangedora, ao verificar “a submissão dos trios elétricos e blocos em suas homenagens exageradas a governantes locais, quando passavam em frente a seus camarotes” se constituindo num exemplo “de servilismo inconcebível num carnaval supostamente tão espontâneo e popular”. Desse modo, o grande questionamento que Aroldo Macedo se fazia era “se realmente um dia veremos brilhar o corte do cordão umbilical da festa popular com o poder político, para que, assim, os negros baianos possam descobrir a sua própria força. Já está quase passando de hora”.²⁰³

Neste sentido outro que também é convidado a abrir os olhos para perceber as inúmeras mudanças que estavam acontecendo na sociedade e assumir a sua negritude era o policial negro, duramente criticado por sua atuação

²⁰² Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Espelho, espelho meu...*, 3 (24), p. 3.

²⁰³ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *tá quase passando da hora...* 3 (20), p. 3.

ostensiva contra os negros, que se apoiava no senso comum de que negro é sempre igual a marginal para justificar suas “atitudes arbitrárias”:

O grande problema é que não se alterou na consciência policialesca de que o Brasil está mudando. Pois, infelizmente, o popular “sabe com quem está falando?” Ainda livra a cara de muita gente fina que, pelo “currículo”, poderia ficar pelo menos uns bons 20 anos na cadeia. No inconsciente dos policiais, de um modo geral, ser negro significa ser marginal. Não sei de onde eles tiraram isso, pois segundo dados oficiais, a maior parte da população carcerária do Brasil é composta de brancos e jovens.²⁰⁴

Embora Aroldo Macedo ignore os dados que demonstram que se a população branca nas grandes penitenciárias é maior que a negra, isso é devido às mesmas atuações arbitrárias dos policiais, que nem chegam mesmo a conduzir os negros para as cadeias: matam antes. Entretanto, isso é compreensível considerando que a sua proposição busca destacar, com a referência ao popular “sabe com quem está falando”, que também existem negros importantes e de classe média que como ele estavam lutando pela sua dignidade na sociedade. Daí que ele conclui seu editorial com a seguinte frase, que tentava dar mais um “toque” nesse “irmão”. “Policial negro, se toca, você é mais um dos nossos irmãos”.

De uma forma não menos pedagógica, Aroldo Macedo admite que em certos casos, ao lidar com o policial negro é necessária uma atuação mais incisiva, precisa em atitude e, sobretudo, que articule mecanismos dispostos ao

²⁰⁴ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Policiais negros*, 3 (21), p. 3.

nosso alcance para fazer valer nossos direitos. Um caso que chamou a sua atenção neste sentido foi o incidente que aconteceu com o Secretário dos negócios Jurídicos da Prefeitura, Edvaldo Brito, que alegou ter sido parado mais de cinco vezes em menos de um ano pela polícia, sendo que da última vez ficou mais de uma hora e meia sofrendo constrangimentos de um policial negro. Aroldo Macedo não faz rodeio e vai logo ironizando a situação na tentativa de mostrar quem é que está permitindo que isso aconteça por falta de iniciativa e de atitude:

Ora, me desculpe senhor secretário, mas acho que, numa hora dessas, a gente pega o celular e até tira o prefeito da cama, se for necessário. Ou, então, liga-se para o comandante da PM, relatando o ocorrido. O que não podemos é ficar privados do seu tempo, que deve ser caro e contado, porque o secretário dos Negócios Jurídicos está sofrendo vexames em plena avenida Dr. Arnaldo, com um PM insistindo que coloque as mãos na cabeça. O senhor é uma autoridade e, como tal, tem de ser respeitado. Se esse incidente não der em nada e acontecer o sexto episódio, me desculpe pela petulância, mas quem vai ficar de olho vivo é a gente.²⁰⁵

Para o editor, o mais importante era abrir os olhos às mudanças que estavam acontecendo, uma vez que “estávamos vivendo um momento de grandes mudanças”, com novas posturas, sem abandonar, contudo, os anseios de sempre; ou seja, de alcançar a “igualdade e a integração”²⁰⁶ numa sociedade “sem preconceitos ou diferenças, constituindo uma única raça, um único povo”²⁰⁷.

Essa proposição expressa por Aroldo Macedo pode ser constatada na

²⁰⁵ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *De quem é a culpa?*, 3 (22), p. 3.

²⁰⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *A Consciência Não Pode Parar*, 2 (15), p. 3.

²⁰⁷ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Um Povo Chamado Brasil*, 2 (13), p. 4.

edição de número quinze, que traz em sua capa uma imagem muito singular, intrigante tanto quanto reveladora da mensagem produzida e transmitida pela revista. Nela é possível visualizar uma fotografia com duas modelos muito distintas no que tange suas características físicas. Uma branca, loura de cabelos lisos e olhos verde-claros. A outra, uma negra de cabelos encaracolados e olhos castanho-escuros. Sorridentes, com os rostos e as mãos coladas uma à outra, a imagem sugeria, desta forma, uma relação de proximidade, intimidade, de harmonia e alegria entre as duas.

Isso não era tudo, o título “RAÇA” impresso em maiúsculo na parte superior da revista em tom vermelho dividia espaço com o slogan: “A revista dos negros brasileiros” escrito em preto sobre uma tarja amarela no cabeçalho da revista. Na parte inferior o enunciado: “Viva a integração!”, escrito em letras brancas seguido pela chamada de capa: “100% negros: eles nasceram brancos, mas adoram a cultura black!” e “Ações afirmativas. Entenda as leis que podem mudar este país” dava o tom da mensagem que poderia ser reforçada pela combinação das baby-loock verde e amarela utilizadas pelas modelos na qual a revista buscava deixar evidente sua proposta de integração, pacífica, sem rupturas, sem atrito com a sociedade branca e mesmo com o status quo. Para Aroldo Macedo grandes mudanças estavam acontecendo na prática para tornar essa integração uma realidade, de modo que o grande exemplo disso era a descoberta da classe média negra.



Imagem de capa da revista Raça Brasil, ano 2 nº 15

Um verdadeiro símbolo de visibilidade para o negro que, segundo ele, devido à sua postura silenciosa, mas ativa, demonstrava uma grande vitória sobre o preconceito por atingir aquilo que o movimento negro durante tantos anos almejou conquistar para a população negra: elevá-la a condição de igualdade ao branco.

[...] sem alarde, sem aviso, os negros trataram de ocupar espaço e conquistar, na prática, o que o movimento negro sempre almejou: ver os negros em movimento. Vencendo o preconceito no cotidiano e ocupando cargos. Tendo acesso aos bens, serviços e posições que nos eram negados. Se antes diziam que para ter sucesso precisávamos ser artistas ou jogadores de futebol – profissões muito dignas, diga-se de passagem – hoje também “jogamos” no campo dos médicos, advogados, engenheiros executivos e empresários. É comum dizer que temos de ser duas vezes mais competentes que um branco para ocupar o mesmo cargo.

Pois sejamos!²⁰⁸

Para o editor, a revista também desempenhava um papel importante neste sentido. É desta forma que, reconhecendo a relevância da revista um ano depois de sua primeira publicação, em um editorial intitulado *Um povo chamado Brasil*, ele concluía:

Com 1 ano apenas, aprendemos a caminhar. Mas com passos firmes e muita fé. Agora temos certeza: algum dia surgirá no horizonte deste país a consciência coletiva de que fazemos parte de um povo maravilhoso. Sem preconceitos ou diferenças. Um povo de raça. Um povo chamado Brasil.²⁰⁹

Com essas palavras, o editor procurava resumir todo um esforço, todo o trabalho desenvolvido durante aquele ano. Todo um projeto que se dignava promotor e difusor de uma consciência que houvera contribuído para que o Brasil pudesse de fato, se olhar no espelho para ver o próprio rosto. Assim o editor buscava ressaltar que as mudanças estavam acontecendo e, embora fossem muito lentamente, impescindiam do negro como sujeito ativo das transformações necessárias.

Apenas alguns anos após a data ter sido decretada – 20 de novembro é o dia da consciência negra -, já temos motivos para comemorá-la com muito otimismo. Não que o Brasil tenha deixado o preconceito de lado. No fundo, quem mais mudou fomos nós. Nossa atitude nossa esperança e nosso orgulho. A

²⁰⁸ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Negros em movimento*, 1 (03), p. 4.

²⁰⁹ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Um povo chamado Brasil*, 1 (13), p. 4.

forma mais fácil de nos acomodarmos é colocar a culpa nos outros e não nos enxergarmos como parte de todo um processo. [...] Queremos o Brasil com uma sociedade mais justa, uma cidadania mais bem exercida e uma renda bem mais distribuída. [...] Esse é o país em que vivemos e ele é lindo! Nós somos lindos! A nossa cor é linda! Como já dizia a canção “o negro é a soma de todas as cores”.²¹⁰

A revista sugeria, desta forma que tal superação dependia mais do negro se auto-valorizar, retirando de si todo um leque de estigmas para que pudesse participar como um cidadão na sociedade. Neste, caso, a invisibilidade é apresentada como um dos maiores percalços da trilha do negro rumo ao exercício da cidadania plena. Uma invisibilidade que tinha nome, chamada preconceito, ignorava a participação social do negro fazendo com que um país inteiro não o enxergasse. Indignado com tal situação Aroldo Macedo pergunta-se: “como pode um país inteiro não enxergar mais da metade de seu povo?” Incrédulo na realidade de tal situação, continuava ele, felizmente, “os tempos estão mudando. Nadando conta a corrente, vamos aos poucos conquistando espaço, respeito e dignidade”.²¹¹

As dificuldades para vencer estas barreiras pareciam ser muitas. Mas ao olhar da revista era preferível perceber as mudanças positivas que cotidianamente e apesar dos obstáculos, vão consolidando as conquistas de espaço, respeito e dignidade do negro. Recusando-se a fazer parte de uma população que lamenta e chora, Aroldo Macedo levanta uma de suas bandeiras e

²¹⁰ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Consciência*, 3 (27), p. 3.

²¹¹ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Essa é pra você!*, 1 (01), p. 4.

sintetiza de uma forma direta o lema da revista de que o negro “não pode trazer mudanças na política pública sem visibilidade”.²¹²

Sem negar o preconceito existente na sociedade, a revista procurava enfatizar que as transformações esperadas de conquistas sociais, não podiam prescindir da cultura negra e deviam advir do próprio negro. Deveria nascer da própria atitude do negro frente às adversidades impostas pela discriminação. A revista insinuava, assim, que os problemas do negro deveriam ser resolvidos por ele mesmo. A pobreza, o fracasso profissional, o preconceito tantas vezes evidenciado pela sociedade, as várias situações de discriminação sofridas pelo negro surgiam, dessa forma, como um problema pessoal e não social. Ser pobre e fracassado na vida era entendido mais como uma falta de esforço pessoal, individual, de empenho e até mesmo como resultado do comodismo que impedia o negro de buscar alternativas para superar os obstáculos da vida.

A esse respeito Aroldo Macedo é bastante severo, pois via nesse ato uma atitude de comodismo do próprio negro. Por isso procurava enfatizar e dar visibilidade aquele negro que superou essas barreiras, embora isso não o impeça de lançar sua crítica, aos “males da raça”.

Nesse período era perceptível a veiculação de matérias que enfocavam temas como beleza, auto-estima, relacionamento interétnico, auto-afirmação, preconceito e discriminação racial, bem como as formas de atuação na sociedade que enfatizavam a necessidade do exercício da cidadania. Essa preocupação é expressa em sua primeira edição, quando se destacava a pauta a ser discutida pela revista.

²¹² Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Jesse Jackson*; 2 (05), p. 4.

Ao expor sua proposta em seu editorial revelava seu comprometimento com as questões pertinentes ao seguimento negro na atualidade, como combater o preconceito e afirmar suas qualidades, acreditando, com isso, contribuir para o fortalecimento da auto-estima do negro, o que culminaria numa atitude positiva e no exercício de uma cidadania melhor exercida.

É nesse sentido que poderemos compreender a declaração de Aroldo Macedo ao constatar que “todos os dias nascem milhares de negros e negras neste país. Negros de todos os tons. Nascem exatamente como os outros brasileiros: com direito à vida e a dignidade”, e por isso precisavam orgulhar-se da sua cor e a revista tinha surgido, “(...) para dar a você, leitor, o orgulho de ser negro. Todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima: ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, dançando, cantando, consumindo. Vivendo a vida feliz”.²¹³

A partir dessa compreensão do negro enquanto cidadão e das desigualdades que o atingem recorrentemente, o editor passa a incitar seu leitor na busca do exercício da cidadania como forma de buscar a equidade para os negros. Nesse momento, é perceptível na revista a preocupação com o Estado de Direito do cidadão negro brasileiro.

Neste sentido, criou-se uma seção exclusiva para denunciar os atos de racismo e discriminação do negro, sempre incentivando-o a recorrer à Justiça para fazer valer seus direitos. A solução para os problemas negros é vista como resultado de uma tomada de consciência do próprio negro que deveria então, recorrer aos cânones da lei para garantir o acesso e a permanência do negro à

sociedade.

É nessa perspectiva que ao apresentar o perfil de Pelé, Aroldo Macedo antecipa a discussão de uma entrevista - que tinha um título bastante sugestivo: "Rei Pelé, Cidadão Edson", - deixando entrever o que se iria ler na reportagem que buscava saber as formas como o Rei conseguia "driblar o preconceito racial":

RAÇA BRASIL, com perguntas pertinentes sobre o assunto, não só encurralou Pelé na pequena área, como também "colocou o Rei cara a cara com o gol" para fazer o seu gol de placa perante a dúvida que persiste sobre suas colocações raciais. Parece-me, a princípio, que "a dúvida" fez o papel de um bom goleiro. E as conclusões ficam a cargo de você, leitor.²¹⁴

Com esse mesmo tom descontraído o assunto é retomado na edição 19. Ao apresentar as matérias que contavam com a participação de pessoas como as cantoras Leci Brandão, Dona Ivone Lara, Jovelina, Pérola Negra e a ativista norte-americana Ângela Davis em um momento que antecedia o dia das mulheres, é retomado a preocupação com a consciência política do negro, buscando destacar não somente a contribuição delas das entrevistas, mas, sobretudo; o papel que as mesmas desempenhavam na sociedade:

Este mês, RAÇA vem de "saías rodadas". Vamos acompanhar lutas e conquistas de mulheres especiais. Ângela Davis, a grande revolucionária e uma das percussoras dos movimentos civis nos Estados Unidos vai estar com você nesta edição. Temos a Leci Brandão, que, além do samba verdadeiro nas veias, exerce a sua cidadania como ninguém.

²¹³ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Essa é Pra Você!*, 1 (01), p. 4.

²¹⁴ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Rei Pelé, Cidadão Edson*, 2 (09), p. 4.

Grandes damas pedem passagem. Dona Ivone Lara e Jovelina Pérola Negra estão chegando! E quanto à arte popular brasileira deve a elas! Conheça um pouco de direitos humanos, com a americana Frances Berry – presidente da comissão dos direitos humanos dos EUA – nas páginas da sua RAÇA BRASIL.²¹⁵

Mas nem tudo parecia estar em clima de festa. Com um tom de seriedade Aroldo Macedo retoma o assunto resumindo seu ponto de vista. “Nós os negros, queremos harmonia, respeito e também justiça. Justiça para todos” o que não significava que devemos deixar passar “em branco” cenas de discriminação racial. “Se houver uma fé renovada em nosso sistema e justiça, um dia a Justiça será mais forte que a fraqueza do próprio homem”. Nesta perspectiva, ele se colocou preocupado com a situação de discriminação racial sofrida por uma professora no Rio de Janeiro e cobra um posicionamento do negro.

Todos nós sabemos que racismo é crime, não é verdade? Pois bem, no ano passado, um comerciante foi preso em flagrante no Rio de Janeiro por ofender uma professora negra. Ofensas essas que incluía “sua nega safada”. Muito bem, RAÇA BRASIL descobriu que o sujeito esta solto. Mais solto que a impunidade nesse país, que desconhece a dor moral, que deixa marcas profundas no psicológico de uma pessoa quando ela é ofendida na sua honra e, principalmente, na sua auto-estima. Como a lei é para ser cumprida e crime de racismo é inafiançável, nessa afronta contra a professora existe algo de errado. Precisamos apurar isso.²¹⁶

Apesar do editor demonstrar como o racismo está arraigado na sociedade,

²¹⁵ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Mulheres, sempre as mulheres*. 3 (19), p. 3.

a ponto de cegar a justiça no exercício de seu papel, para ele a solução para tal situação está nas mãos dos próprios negros que deveriam ter atitude e fazer valer o seu direito. Dessa forma, embora descrevesse ou mesmo se referisse às situações em que o negro está em desvantagem, na sua opinião o negro deveria tomar a iniciativa para mudar essa realidade. A falta de consciência e o comodismo do negro são considerados as grandes causas que atravancam a luta do negro contra o preconceito e a discriminação, uma vez que ao se acomodar o negro coloca a culpa nos outros, não se percebendo como parte desse processo.

É por isso que Aroldo Macedo se recusava a fazer parte desse contingente que só “lamenta e chora” e se propunha, por meio da revista, “levar uma mensagem de esperança e otimismo – e não de lamúrias”. O Brasil, para ele, era um país maravilhoso com “recursos minerais inesgotáveis, uma riqueza tão evidente que poderíamos imaginar um grão de feijão brotando no asfalto... No entanto, o que vemos a nossa volta? Lamentos, miséria, violência e corrupção. Puxa vida, mas será que isso é tudo?”²¹⁷

Para o editor era preciso ver esta situação sob uma nova ótica, se realmente queremos construir um Brasil fundamentado nos critérios de uma “sociedade mais justa e uma cidadania mais bem exercida e uma renda mais bem distribuída”. Para que isso se tornasse possível, parecia óbvio para o editor que “deveríamos exercitar o nosso lado mais forte, que é o do otimismo e da esperança”.²¹⁸ Embora, “infelizmente ainda encontramos pessoas que preferem

²¹⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Pra tudo se acabar na quarta-feira*, 3 (18), p. 3.

²¹⁷ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente. *Consciência Negra*, 3; número, 27, p. 3.

²¹⁸ *Ibid.*

ficar lamentando e fazem da miséria o seu reduto de queixas”²¹⁹ isso, não deveria ser no entanto, motivo para desanimar, mas ao contrário:

Acho que, este ano que se inicia, recomeçaremos finalmente a ditar nossos próprios passos e a pavimentar nossos caminhos de liberdade. Recuperaremos nossa “voz” para a retomada ao nosso diálogo fraternal-racial-étnico-cultural. Lamento informar, mas nos recusamos a fazer parte daquela população brasileira que lamenta e chora. Ao contrário, “fabricamos lenços” com o nosso otimismo.²²⁰

A partir desse momento, o editorial não se detém exclusivamente a nenhum tema, passando a se preocupar, de uma maneira geral, em resenhar as diversas matérias veiculadas pela revista, dedicando-se, com isso, em apresentar uma visão panorâmica do conteúdo interno. Ela reduz seu espaço crítico e, mesmo quando volta a tecer comentários, o faz de uma maneira muito sutil, rápida e superficial. É o caso, por exemplo, da edição de número 30, quando, por ocasião do carnaval, contagiado pelo clima festivo, Aroldo Macedo afirma que:

Apesar de tudo e de alguns que insistem em nos tornar infelizes. Vocês sabem a quem estou me referindo. Eles mesmos. Os mesmos... mas, política à parte vamos louvar entre outros assuntos, nesta edição da RAÇA, a comunidade da Rocinha.²²¹

²¹⁹ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente. 1999!, 3 (29), p. 3

²²⁰ *Ibid.*

²²¹ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente. *É carnaval!*, 4 (27), p. 3.

Aroldo Macedo já não define, afinal a quem especificamente está se referindo. Nem o leitor consegue fazê-lo, pois logo em seguida ele já muda de assunto. O mesmo acontece na edição de número 34, que vinha com o título: “Polêmica” e colocava em discussão a personagem Jorge Laffond; nesta, alguns a criticavam por achar que “reforçava estereótipos” enquanto outros achavam que sua postura “detonava o mito da masculinidade negra”. No entanto, o editor se posiciona e sua postura difere demais. Para ele era:

Pura bobagem. Laffond é uma personalidade única. Por que não podemos ter nossos ícones com defeitos e qualidades como qualquer etnia? Agora se você quer saber quem é o namorado dele na seleção brasileira de futebol, leia a reportagem neste número da RAÇA. Aliás, fofoca foi a maior invenção depois do telefone... Vai descobrir que no Rio de Janeiro, além do pagode e do charme, cultura rap, o ritmo que cresce e embala o mundo atualmente.²²²

Embora a postura do editor seja, na sua essência, preconceituosa por considerar a homossexualidade um defeito, outra coisa que nos chama a atenção é perceber que a partir daquele momento há mudanças na revista. Esta perspectiva ficaria marcada num momento posterior, quando a revista estava sob a responsabilidade de Amélia Nascimento.

A mudança na postura do editor-chefe da revista correspondia, ao que se apresenta, a uma mudança da própria postura da revista junto ao seu público que passa então a enfatizar a ação social como um dos caminhos para a integração do

²²² Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente. *Polêmica!*, 4 (34), p. 3.

negro à sociedade. A partir desse momento, a revista passa a enfatizar a ação social dando visibilidade às instituições privadas, ONG's e associações que buscavam valorizar e promover o resgate da auto-estima do negro.

Interessante notar que na revista já não se fala da exclusão social nem do papel do negro enquanto agente transformador único. Isto fica evidente no número trinta e sete, onde é suprimido da capa o sub-título "*a revista dos negros brasileiros*" circulando apenas com o título *Raça Brasil*.

O leitor constante poderia não entender essa mudança pela qual a revista estava passando. Principalmente quando no número trinta e cinco, Aroldo Macedo começa seu texto apelando para as convencionais provocações interclubes, para apresentar o jogador Júnior e termina seu editorial se referindo à sua paixão pelo Flamengo.

Assim, a crítica aguçada dos primeiros exemplares parece diluída e amena, e, embora ele enfoque a questão de atitude, de determinação e da superação do negro, já não há mais um sujeito específico a quem ele direciona a sua crítica. Ele censura a atitude dos seguranças dos bancos por serem preconceituosos e até a má programação da tv, afirma que Salvador é uma cidade racista, mas não faz referência a nenhum sujeito social específico.

Esse posicionamento do editor, já prescrito desde o número quatorze, anunciava assim, a mudança na postura da revista quando apresentava as alterações em sua postura editorial, e sua preocupação em oferecer muito "mais informação e recursos modernos [...] para que a leitura da revista fosse, a mais agradável possível".

Nesse contexto, a revista anunciava a diversidade temática que ela abrangeria a partir daquele momento, bem como as suas preocupações. É assim que o editor informa ao leitor que naquele mês havia aberto o leque dos temas trabalhados pela revista que iriam do “humor escrachado do Hélio “Casseta” de La Peña às ações comunitárias”.²²³

Esse pensamento, em consonância com sua postura explícita no editorial de número 07, buscava resgatar a idéia de que o negro é igual ao branco²²⁴ e, portanto, que essa igualdade efetiva deveria repercutir nas condições de sua efetivação. No entanto, frente à disparidade entre o ideal e o real, o autor aconselha que sua realização deve ser almejada, mas de uma forma silenciosa e branda.

A reivindicação “barulhenta” de ficar reclamando para ele está fora de moda, “tão fora de moda, como, por exemplo, fumar”. Para ilustrar, Aroldo Macedo fala dos exemplos de superação e determinação, refere-se à Ivanir dos Santos – Subsecretário dos Direitos Humanos de Brasília, que conseguiu dar a volta por cima e superar todos os obstáculos encontrados no caminho. Ao fazer a crítica a aqueles que ficam “reclamando por qualquer bobagem na vida deveria se espelhar nos exemplos como o de Ivanir”.²²⁵

Diante disto, ele propõe aquilo que considera ser realmente importante para se obter às novas mudanças tão esperadas. “[...] Hoje, temos mais é que

²²³ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Embaló Negro*, 2 (14), p. 3.

²²⁴ “O prefeito Pitta só não pode cair na armadilha de aceitar que o negro tem de se esforçar o dobro para ter o mesmo valor do branco. Esse é um raciocínio enganoso, montado para criar insegurança. Por que trabalhar em dobro? Por acaso somos “metade”? Nossa única diferença é a cor. Afinal somos seres humanos e, como tal, sujeitos a falhas. Se colocarmos na balança, todos os outros erraram. E erraram muito”. Raça Brasil. Linha de Frente: *Estamos Chegando Lá*, 2 (07), p. 6.

FAZER! Temos que transformar aquele velho e surrado grito de revolta num sussurro, para ensinar e proteger aquelas crianças que estão ao nosso lado ou logo ali na esquina, pois elas, sim, são o futuro”.²²⁶

Dessa forma Aroldo Macedo evidenciava como a partir daquele momento encararia a realidade do negro e os caminhos de sua superação passando a dar visibilidade para aquilo que considera os primeiros passos dessa transformação. Assim aparece em seu editorial as “ONGs [que] se proliferam por toda parte” com “pessoas anônimas [que] arregaçam as mangas e executam trabalhos sociais de uma maneira eficiente e desprovida de interesses escusos”.

Embora essa transferência de responsabilidade demonstrasse um lado negativo nessa luta por causa da omissão do Estado, o fato de que, pela primeira vez, se admitira oficialmente a existência de racismo no país era algo extremamente positivo, pois “a partir daí, podemos caminhar sem máscaras” e encarar os problemas de frente acelerando o processo de mudanças. “Nós, negros, temos pressa. Ansiosos por natureza, não podemos nem devemos desperdiçar a chance de agir”.

Com o intuito de divulgar as diversas iniciativas que contribuíam no processo de conscientização do negro e na luta contra o racismo, é criada a seção, *Negros em Movimento*, que procurava dar visibilidade às inúmeras instituições como a Fundação Palmares, o Geledés, Grupo Amma, Fala Preta, CEDENPA e o CEAP que se destacavam ao criar o “serviço para apurar casos de racismo”:

²²⁵ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Emoções, Eu Vivo!*, 4 (36), p. 3.

²²⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Novo Milênio!*, 4 (40), p. 3.

Depois de chamar a atenção da opinião pública para problemas como o trabalho e a prostituição infantil, o Ceap (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas) cria o SOS Racismo, serviço para apurar denúncias de preconceito racial. [...] Por todo esse trabalho a entidade recebeu no ano passado, por meio de Ivanir dos Santos, menção honrosa na categoria ONG (Organização Não-Governamental) em reconhecimento pelas atividades realizadas na luta pelos direitos dos cidadãos negros.²²⁷

Percebe-se que a grande questão proposta não se restringe ao exercício da cidadania via reivindicação dos direitos constituídos. A questão aqui colocada se amplia para a reivindicação dos direitos políticos que se efetivam com a intervenção na área político-social. Neste sentido Aroldo Macedo enfatiza o que seria, segundo ele, o caráter da passeata reivindicativa que aconteceu no transcurso da comemoração dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares em Brasília.

Aí surge, de repente, a “nova Inconfidência Mineira” (claro, que guardando as devidas proporções – e bota proporções nisso). Ela partiu de profissionais que, por não encontrarem espaço na mídia de seu próprio Estado, fizeram uma grande caminhada até Brasília para reivindicar espaço, inclusive nas campanhas do governo.²²⁸

Interessante notar que, essa referência à “nova Inconfidência Mineira”, ganha aqui um caráter reivindicativo. Porém pacífico, sereno, tranqüilo. Essa

²²⁷ Revista Raça Brasil. Caderno Sempre em Raça, seção Negros em movimento: *CEAP cria serviço para apurar casos de racismo*, 3 (21), p. 94.

comparação é compatível com um longo e duradouro consenso de que a “inconfidência” foi uma conspiração só de palavras. No entanto, de acordo com Chiavenato:

Apoiando-se nos Autos da Devassa alguns historiadores enfatizam que a revolta foi só de palavras. Isso é o que afirma também um funcionário da rainha, o desembargador Torres. Numa lista de acusados que comentou para o vice-rei ele disse que o mais difícil para apurar a culpa de cada um é que a “conspiração foi apenas de palavras”.²²⁹

Conforme adverte o autor: a conspiração “realmente foi só de palavras, porque foi sufocada ainda na fase conspiratória. Evidentemente, e por menos boa vontade que se tenha, se houvesse a derrama, existindo o pretexto para o levante armado, os atos espantariam o Brasil”. Tiradentes e seus colegas “foram longe demais”, sabiam que não podiam voltar atrás, não tinha mais retorno.²³⁰

Com certeza não é dessa dimensão histórica da Inconfidência Mineira que Aroldo Macedo estaria se referindo. Por ocasião do seu último editorial esta concepção parece bastante evidente quando enfatiza seu papel em lidar “diretamente com o público através de palavras”. Tal posicionamento não diminui a dimensão e a importância de sua ação, mas revela a perspectiva de sua luta. Aliás, isto é o que o permite se perceber como um agente de vanguarda em “prol da comunidade negra”.

²²⁸ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Mais atenção com as nossas crianças*, 4 (41), p. 3.

²²⁹ Júlio José CHIAVENATO. *As várias faces da inconfidência mineira*, p. 52.

²³⁰ *Ibid.*

Tenho novos desafios e algumas novidades para os próximos dias. Sabe, quando é inevitável, quase imperioso, ter que continuar a abrir novas frentes, novos atalhos para a nossa comunidade? Felizmente, essa é a minha missão de vida. Sem medos e sempre com muita fé. A única coisa que desejo, com toda sinceridade, é que, no “juízo final” – na hora do ajuste de contas - tenha pelo menos a certeza de haver tentado. De ter ido à luta, sem temer qualquer tipo de dificuldade.²³¹

Aroldo Macedo despede-se dos leitores, colocando-se enquanto modelo de atitude e determinação ao expressar seu desejo de abrir novas frentes de luta. Esse contexto, no entanto, revelava questões que a revista estava enfrentando naquele momento e com a sua saída ficavam mais explícitas.

De acordo com Bonfigli, ao analisar a situação de *Raça Brasil* no período de 2000/2001, quando procurava levantar os motivos da crise interna que quase culminaram com o seu fechamento, várias eram as causas. Dentre eles estavam os problemas com o alto custo do papel que oscilava continuamente no mercado, os embates internos causados pela defesa de posturas pessoais, a inserção de pessoas na equipe com o intuito de dar continuidade à revista que criava um clima de instabilidade e competições, e o próprio direcionamento da revista a seu público.

De acordo com a entrevista concedida por Francisco de Oliveira, a grande causa da crise da revista, não era o fator econômico. É claro que “o fator econômico pesa, mas é muito relativo. O peso não é tão preponderante senão a

²³¹ Revista Raça Brasil. Editorial Linha de Frente: *Adeus, Nunca*, 5 (43), p. 4.

Veja não venderia ou fecharia metade dos títulos que estão nas bancas, porque esta difícil para todo mundo, não só para a população negra”. Para ele, porém, foi o grande desinteresse do público leitor a grande causa da crise vivenciada por Raça Brasil. É neste contexto em que ele relata sua saída da editora por um período em que ficou distante da revista, por mais ou menos um ano e meio devido aos seus posicionamentos e divergências quanto às propostas de elaboração da revista que ignoravam o público leitor. Nesta mesma circunstância, é relatada a saída de Aroldo Macedo,

Mais ou menos nesse período Aroldo Macedo também saiu. Fran comenta que estavam acontecendo brigas, em que todos da editora defendiam suas teses pessoais. Porém o público estava sendo esquecido. Joana Woo começou a trazer outras pessoas para dar continuidade à revista. Primeiro veio Maria Amélia Rocha Lopes, Diretora da TV Cultura, que percebeu que a revista era praticamente uma instituição.²³²

Neste contexto, em abril de 2000 Amélia Nascimento assume o cargo como a nova editora-chefe da revista passando a assinar o editorial da publicação até a sua saída em março de 2001.

Jornalista e psicoterapeuta especializada em neurolingüística, Amélia Nascimento marcou um período de mudanças já apontado anteriormente. De modo geral, procurou enfatizar o papel da revista na transformação da realidade do negro, bem como nas ações que culminariam em mudanças que vinham ocorrendo e que eram almejadas. Para a nova editora, o objetivo continuava

sendo o mesmo, por isso a revista não fugia da sua responsabilidade que tinha “entre suas missões dar visibilidade ao negro”.²³³

Ela não disfarçava que esse era apenas um dos inúmeros passos necessários para que houvesse uma mudança efetiva na realidade do negro brasileiro. No editorial de número 50, por exemplo, ela constata que o “Brasil [só] vai virar uma nação de verdade quando parar de rejeitar parte de sua população”.²³⁴ Ela deixava claro que isso, porém, não era motivo suficiente para ficar lamentando; pois as mudanças importantes estavam acontecendo e a revista fazia parte dessas mudanças que deveriam ser contabilizadas com muitas outras pela importância do papel que desempenhavam.

Na edição de número quarenta e seis, com um nome específico, o editorial que até então era designado apenas com o genérico *Editorial* passa a ser denominado: *Primeira Página*. Nele a editora começa seu diálogo com o público se referindo ao seu encontro com Mbulelo Rakwena, embaixador sul-africano, e das reflexões que este encontro lhe possibilitou. Pois, segundo ela as pessoas desse país deveriam ser muito felizes hoje, depois de ter “sua cidadania negada por conta de um regime desumano” – o apartheid - que perdurou por mais de quatro décadas. Mas as coisas estavam mudando, confirma a editora, pois os problemas enfrentados não tiram a grandeza das conquistas que valeram muitas lutas e muitas vidas.

Ao fazer um balanço das inúmeras transformações incluindo as que vinham passando a sociedade norte-americana, ela se pergunta sobre a realidade do

²³² Eliana Melhado BONFLIGLI, *O que aconteceu com a revista Raça Brasil?*, p. 57.

²³³ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Aqui estamos, aqui ficaremos* 5 (49), p. 3.

Brasil e ressalta que inúmeras mudanças estavam acontecendo por aqui também:

E o Brasil? Também mudou e a nossa revista, com toda certeza, é um dos símbolos disso. E o passado de resistência, luta e coragem do povo negro prova isso. Precisamos contabilizar todas as transformações e conquistas, não para nos conformarmos com a nossa realidade, mas para que essa emocionante contabilidade se transforme em motivos para continuar transformando a nós mesmos e o país, como, aliás, sempre fizemos, embora falsos especialistas insistam em nos tachar de acomodados.²³⁵

Dentre tais “falsos especialistas”, estavam os profissionais da comunicação, que mereceram um amplo espaço em sua *Primeira Pagina*. No editorial intitulado “Cegueira psicológica”, a editora se refere a um encontro ocasional com um publicitário “politizado e aberto”, “conhecido e bem informado”, que desacreditava no potencial da “RAÇA (pode considerar o trocadilho)” e na existência de personagens para ilustrar as páginas da revista. Em outra ocasião faz alusão a incredulidade de uma “pretensiosa especialista de comunicação”, que colocava em xeque a existência de um “público para uma revista como essa no Brasil”.²³⁶

Além dos já citados “falsos especialistas” havia também outras categorias que estavam no alvo das críticas da editora. Dentre estes se destacavam, por exemplo, os “teóricos da luta anti-racista”, os “defensores das desigualdades e

²³⁴ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *A pomba ainda é branca*, 5 (50), p. 4.

²³⁵ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *E o mundo não pára de mudar...* 5 (46), p. 3.

²³⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Cegueira psicológica*, 5 (48), p. 3.

profetas do elitismo”.²³⁷

Como alguém que está cansada da mesma falácia, se refere a um “tipo incrédulo, [que] já está reclamando alguma coisa”²³⁸ antes mesmo de fazer, de tentar. Respondendo a carta de um leitor que se referiu a ela como uma pessoa muito otimista, sua resposta foi bastante direta. Para ela os problemas da nação não são causados por otimismo ou pessimismo, mas sim pelos irresponsáveis “[...] que complicam as nossas vidas, [...] avançam os sinais de trânsito, dão tiros a esmo e, ao chegar ao poder, inventam mil formas de roubar nosso dinheiro”.²³⁹ Por outro lado, a editora afirmava também que “não dá para ficar muito triste com as bobagens tipo as daí do lado, por que o contrário também existe”.²⁴⁰

Para a nova editora para alcançar a realização dos sonhos, vencer na vida e obter êxito era necessário três coisas: “sonhar” “acreditar”, “projetar”. Construir um caminho firme e seguro dependeria do valor atribuído a estes verbos, o exemplo disso vinha daqueles que alcançaram êxito na vida. “Pode acreditar que, antes de qualquer coisa, eles tiveram coragem para sonhar. Da grandeza desses sonhos tiraram forças para lutar e mudar a realidade. É verdade que a grande maioria é composta de felizes anônimos, mas não é mentira afirmar que, caminhando devagar e com passos firmes, eles estão deixando de ser exceções”.²⁴¹

Exemplo disso se materializava nas reportagens de capa que a editora fazia questão de destacar. A primeira matéria apresentava Alessandra Costa. “A

²³⁷ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Aqui estamos, aqui ficaremos*, 5 (49), p. 3.

²³⁸ Revista Raça Brasil. Editorial: *Tudo começa com um sonho*, 5; (45), p. 3.

²³⁹ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Consciência e responsabilidade*, 5 (47), p. 4.

²⁴⁰ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Cegueira psicológica*, 5 (48), p. 3.

jovem pobre e bem-comportada que, levando uma vida humilde no interior, ousava sonhar com o dia em que brilharia como profissional de sucesso. Estudava e trabalhava, enquanto fortalecia a crença de que o êxito viria um dia. Porque acreditava, teve forças para agarrá-lo quando surgiu”.²⁴²

A segunda matéria com quatro páginas relatava histórias de mulheres que, “sonharam, desejaram, projetaram” e, sozinhas, lutaram contra a pobreza e conseguiram vencer na vida. “[...] Foram à luta e realizaram seus maternais desejos [...] venceram os obstáculos e hoje podem sentir o orgulho de ver seus meninos transformados em adultos bem-sucedidos, tanto moral quanto profissionalmente”.²⁴³

Amélia Nascimento insiste em ressaltar os inúmeros exemplos de pessoas que superaram os obstáculos e venceram na vida, procurando enfatizar que não se tratavam de casos isolados.

[...] exceções? Nem tanto. Nossas páginas são poucas para contar as experiências de sucesso de muitas outras pessoas que, exatamente, venceram os obstáculos e hoje podem sentir o orgulho de ver seus meninos transformados em adultos bem-sucedidos, tanto moral quanto profissionalmente.²⁴⁴

Acreditando nos anseios da própria revista, a editora afirmava que o importante era dar visibilidade ao negro e focar a atenção para as mudanças

²⁴¹ Revista Raça Brasil. Editorial: *Tudo começa com um sonho*, 5 (45), p. 3.

²⁴² *Ibid.*

²⁴³ *Ibid.*

²⁴⁴ Raça Brasil. Editorial. *Tudo começa com um sonho*, 5 (45), p. 3.

“nem sempre percebidas,”²⁴⁵ mas que estavam acontecendo num contexto onde o negro deveria tomar as rédeas dos acontecimentos para acelerá-los ao máximo.

O Caminho para isso parecia fácil: “[...] Só precisamos acelerar essas irreversíveis transformações. De que forma? Analisando, criticando e divulgando [...]”.²⁴⁶ Era por isso que ela comemorava acreditando que “[...] pelo menos na parte que cabe a nós, negros brasileiros, temos motivos de sobra para crer que, cada dia mais, estamos arregaçando as mangas para fazer as mudanças acontecerem”. Um exemplo disto era “a turma do black chat da RAÇA” que dava um verdadeiro show de atitude e consciência.

Esses rapazes e moças não ficam só na paquera virtual. Eles se instruem, se encontram e crescem juntos, respeitando e aprofundando sua negritude. E quem acredita que os meninos do plug não se interessam por coisas sérias deve ficar avisado de uma coisa: eles vivem roçando textos sobre a história e os problemas enfrentados pelos negros. Quer dizer que, além dos passeios, bailes e reuniões nos barzinhos, a moçada se preocupa em debater questões raciais e se empenha para que um número cada vez maior de pessoas faça o mesmo.²⁴⁷

Outros exemplos dessas mudanças ocorriam também em diversas outras áreas, como as que estavam em andamento no campo da medicina, da mídia e do consumo. A medicina, ao desmistificar cientificamente alguns dos preconceitos relacionados às “características étnicas”, colaborava com a abertura de espaço para o negro na mídia, reduzindo o preconceito racial e impulsionando o mercado

²⁴⁵ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *E o mundo não pára de mudar...*, 5 (46), p. 3.

²⁴⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Do jeito que momo gosta*, 6 (55), p. 5.

de cosméticos “[...] para a nossa gente que, até há bem pouco tempo, nem era vista como consumidora”.²⁴⁸ Mas esse tipo de assunto a editora deixa de lado. Prefere olhar o lado positivo e o mais importante: perceber que eles existem e em um número grandioso, expresso por um contingente que exerce a cidadania plena e lutam para reduzir as injustiças sociais.

Dúvida? Então veja a matéria Solidariedade não tem cor, na página 84, lá você vai provar uma coisa que a gente sabe e, por vezes, esquece: os revolucionários, os que lutam por mudanças, não são apenas os que pegam em armas. São também, e em número infinitamente maior, os que exercem a cidadania plena e, por isso, trabalham como podem para diminuir as injustiças sociais. Incontáveis vezes são cidadãos comuns e em poucas outras, autoridades.²⁴⁹

Para Amélia Nascimento, o grande símbolo das mudanças que a sociedade necessitava naquele momento, estava acontecendo na prática, por meio das ações de inúmeras instituições que, “ao conciliar competência e generosidade com um profundo desejo de mudanças contribuíam com um verdadeiro processo de transformação do mundo”.

Esse era o caso do Projeto Travessia, uma instituição atuante na área de promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, que focava sua ação de trabalho na população em situação de risco pessoal e social com vivência na rua. Com uma entrevista de quatro páginas, a revista destacava sua atuação ao

²⁴⁷ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Salve a nova era*, 6 (53), p. 5.

²⁴⁸ Revista Raça Brasil. Editorial: *Consciência e responsabilidade*, 5; (47), p. 4.

²⁴⁹ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Cegueira psicológica*, 5 (48), p. 3.

relatar a experiência de Esmeralda Ortiz, uma adolescente que há três anos, com o apoio da ONG “[...] fez um tratamento e se livrou do crack. Arrumou emprego, alugou uma casa, fez novos amigos”.²⁵⁰

Como você pode verificar nas páginas iniciais, ela ainda menina, conheceu o martírio das drogas, da fome, das mais variadas agressões e conseguiu sair do inferno no qual sua vida se transformou. Sozinha? Claro que não. Foi descoberta pelo Projeto Travessia. A garota sofrida, revoltada e assustada pôde, com o auxílio adequado, perceber e utilizar seu potencial de mudança. Esmeralda, que viveu sua infância nas ruas, conseguiu renascer para a juventude produtiva. Quando se mistura competência com generosidade e desejo de ajudar com ação adequada, o mudo se transforma.²⁵¹

Dessa forma, a editora retoma a discussão já iniciada por Aroldo Macedo e procura dar visibilidade às diversas iniciativas de instituições privadas, ONG’S, associações de bairro e ordens religiosas que buscavam reduzir o quadro de injustiças sociais.

Para ela, “a nossa luta ampla e quase irrestrita” deveria passar por todos os campos onde houvesse a injustiça, desde a luta pelo ensino de qualidade ao acesso e a permanência no mercado de trabalho. No entanto, isso só seria possível com a ação daqueles que realmente estavam mudando nossa realidade na prática.

Na edição de número quarenta e nove a editora, após fazer uma crítica aos

²⁵⁰ Revista Raça Brasil. Caderno Gente: *Esmeralda Ortiz: entrevista com a jovem que venceu o vício e a marginalidade*, 5 (52), p. 12-15.

“teóricos da briga anti-racista”, fez questão de situar a Sociedade Cultural Dombali como um dos exemplos práticos de transformação social ao investir em jovens em situação de pobreza, transformando-os em profissionais no campo das imagens.

[...] louvamos as investidas práticas visando a mudar a tradição da injustiça. Nada contra os teóricos da briga anti-racista, mas não negamos que nossos aplausos mais entusiasmados vão mesmo para os práticos dessa batalha, como a Sociedade Cultural Dombali, que, desde 1990, oferece cursos para jovens em situação de pobreza – principalmente negros da periferia de São Paulo – no campo da imagem. Eles serão iluminadores, diretores de vídeo, fotógrafos, etc.²⁵²

Amélia busca dar um enfoque mais amplo às temáticas trabalhadas pela revista ressaltando o caráter social como um dos caminhos possíveis para solucionar os problemas e modificar a situação do negro, sem deixar de incentivá-lo a lutar contra a sua situação de exclusão social. É nesse momento, porém que Amélia deixa o seu cargo de editora e sai da revista.

Sua permanência à frente do editorial da revista foi curta, apenas 12 edições (da quarenta e quatro à cinqüenta e cinco). Por ocasião de sua saída, Amélia procurou enfatizar o esforço de sua pequena equipe, preocupada em oferecer aquilo que houvesse de melhor para o leitor. Contudo não consegue esconder sua frustração diante das mudanças ocorridas dentro da própria revista. Quanto aos objetivos de seu trabalho, afirmava a editora que somente o leitor poderia dizer se, de fato foram alcançados. Mas quanto à revista, os objetivos desta já não estavam mais em sintonia com Amélia por apresentar “um novo

²⁵¹ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *E dezembro chegou...*, 5 (52), p. 4.

projeto, mais jovem, mais bonito e simpático”.

Sob nova direção. No próximo número, esta página estará sendo assinada por Francisco Oliveira, novo editor-chefe. Competente, ele é também uma pessoa mais jovem, mais bonita, mais simpática. Portanto, preparada para fazer uma revista mais jovem, mais bonita, mais simpática. Longa vida à RAÇA BRASIL! Adeus²⁵³

As angustias relatadas por Amélia Nascimento faziam parte de uma contínua instabilidade vivenciada na revista, na qual a preocupação em afinar o projeto com o leitor causava inúmeras e constantes divergências internas criando áreas de atrito entre os organizadores e idealizadores do projeto que não chegavam a um acordo quanto aos caminhos que deveriam trilhar.

Essa discussão já vinha acontecendo há bastante tempo, quando houve uma queda significativa da vendagem da revistas. Várias tinham sido as propostas para reconquistar os leitores perdidos. Contudo nem mesmo o lançamento da versão encadernada que ofereciam “duas revistas pelo o preço de uma” relembrando os tempos áureos da revista e sua grande aceitação, escondia os problemas que esta enfrentava para atingir seus leitores. Nem mesmo as constantes promoções de diversos exemplares resolveram a questão. Isso é perceptível pela durabilidade da promoção - que oferecia a revista com um desconto de aproximadamente 10% - que se iniciou no número vinte, mantendo-se nos próximos quatro números subseqüentes sendo retomada em outros

²⁵² Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página: *Aqui estamos, aqui ficaremos*, 5 (49), p. 3.

²⁵³ Revista Raça Brasil. Editorial Primeira Página. *É só alegria*, 6 (55), p. 5.

números esparsos da revista com destaque para os números 43, 44, 45, 46, 57 (ver anexo).

Esses problemas da revista com o público refletiam também no seu projeto editorial que era sucessivamente repensado. De acordo com Sandra Almada, jornalista e colaboradora contínua da revista, no período mais grave da crise foram convidados os colaboradores mais próximos para repensar os rumos a serem tomados, sendo organizados dois grupos de discussão: um preocupado com as questões mercadológicas e o outro com as questões político-editoriais.

[...] o meu analisava questões de ordem político-editorial. (Politização da RAÇA) Nossa conclusão foi que deveríamos politizar a Raça. Verificamos que sobre a publicação caíam estigmas de que estava estetizando e despolitizando a questão negra, caminhando em sentido contrário ao das forças progressistas e efetivamente não colaborando para o avanço da luta dos movimentos sociais negras por estimular o individualismo, a ascensão individual e o voluntarismo, independente das condições absolutamente absurdas que excluem os negros da possibilidade de ascensão.²⁵⁴

A preocupação em politizar a revista possibilitou uma maior aproximação de sua problemática articulada com questões sociais, bem como com o movimento negro. Fora responsável também por uma aproximação com temáticas voltadas para as classes com menor poder aquisitivo expressas por questões que colocavam em evidencia temas como a favela da Rocinha, a Cidade Tiradentes ou mesmo a preocupação dos famosos que não perdiam os vínculos com às suas

antigas comunidades e voltavam para ajudá-las.²⁵⁵

Todas essas mudanças pela qual a revista estava passando, revelavam a inquietação de seus organizadores diante das inúmeras críticas desses setores, que se afastavam da revista e contribuíam para o enfraquecimento da mesma na sociedade, ao expressar suas divergências em relação à postura da revista por não se sentirem contemplados nem se verem representados nela.

Desta forma, o período em que Amélia Nascimento esteve à frente da revista *Raça Brasil*, a crítica ao movimento negro fora mais amena do que no período em que a revista fora dirigida por Aroldo Macedo, havendo até mesmo a divulgação de determinadas entidades e personalidades que se destacavam.

É neste contexto, que podemos perceber a matéria publicada na edição de número cinquenta e um, na qual a editora após relatar a *Conferência Mundial de Combate ao Racismo* que estava acontecendo na África do Sul, destaca “alguns representantes brasileiros dessas batalhas [que] estão na matéria *Por que virei militante* .na qual apareciam em destaque nomes de pessoas como Jumu Minka, um dos poetas fundadores dos Cadernos Negros, Edna Roland, presidente da Fala Preta e Ivanir dos Santos, assessor especial da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, dentre outros que, apesar de seus diferentes posicionamentos, se uniam em torno de uma única bandeira.

Por que virei militante. Os motivos para assumir a luta são variados. Os processos de

²⁵⁴ Sandra ALMADA, *Mídia e Racismo*, p. 54-55.

²⁵⁵ Essa problemática pode ser visualizada em diversos exemplares editados neste período, com destaque de capa para os números, 26, 29, 30, conforme anexo.

conscientização também. Mas todos têm um objetivo comum de fazer com que a igualdade racial se torne uma realidade brasileira.²⁵⁶

De acordo com Francisco Oliveira, foi nesse momento, que a revista passou a ser feita em cima da carta do leitor, a ser mais densa, com menos entretenimento.²⁵⁷ Assim era perceptível a convergência do posicionamento expresso pela editora com as cartas que eram publicadas, que procurava demonstrar, dessa forma, que havia harmonia entre a revista e os leitores que estavam em sintonia na luta em prol do negro. Isso pode ser exemplificado na edição de número cinquenta e dois, quando uma suposta leitora refere-se com entusiasmo à entrevista *Por que virei militante*, publicada na edição anterior.

No momento em que o país passa por uma intensa discussão sobre suas instituições políticas, precisamos ter uma militância negra mais atuante e com poder de se fazer notar. Parabéns pela reportagem veiculada na edição de novembro, *Por que virei militante*.²⁵⁸

Para Francisco de Oliveira, nem mesmo a tentativa de elaborar a revista baseada na carta dos leitores e a busca pela aproximação com os movimento negro conseguiram sanar a questão do baixo índice de leitores. É neste contexto que Amélia Nascimento deixa a revista abrindo espaço para que ele retornasse à revista com o intuito de “garimpar” os leitores perdidos.

Francisco Oliveira, um profissional que estava no mercado editorial há

²⁵⁶ Revista Raça Brasil. Caderno Comportamento. Por que virei militante. 5 (51), p. 34.

²⁵⁷ Eliana Melhado BONFLIGLI, *O que aconteceu com a revista Raça Brasil?*, p. 57.

bastante tempo, com um currículo que incluía trabalhos nas revistas *Caras*, da editora Abril e na *Principal* publicada pela própria editora Símbolo, depois de atuar como repórter e diagramador da revista *Raça Brasil*, assume o comando editorial no número 56 em abril de 2001 e permanece nele até dezembro de 2003. Contudo, sua presença na revista remete aos primeiros momentos de sua elaboração, quando fora convidado por Joana Woo a se integrar à equipe.

Como Aroldo Macedo, Francisco Oliveira havia acompanhado a *Raça Brasil* desde os primeiros rascunhos. Ao lembrar a sua história com a revista, relata que ela fazia parte de um sonho antigo, que tinha desde criança. Um projeto que sempre almejou ver realizado. Nesta perspectiva ele relembra um bate papo que teve com Joana Woo. Naquele momento, ao externar seus desejos teve uma grande surpresa: “batendo papo com a Joana, falei, eu tenho um projeto para fazer uma revista para negros. Aí ela gelou. Porque estava juntando material, tinha um projeto também, etc. Brincando, falei que eu estava na frente, há três anos. Passados uns dois meses ela me chamou para uma reunião em que estava o Aroldo”.²⁵⁹

O caráter da reunião revelava a importância do projeto, “guardado a sete chaves”. A escolha de pessoas para comandar a revista era uma preocupação de seus organizadores em oferecer um produto que, de fato, expressasse uma maior identificação com o público alvo. Dessa forma, ao compor a equipe da revista, seus idealizadores conseguiram reunir um grupo de pessoas envolvidas pessoalmente com a mensagem que queriam passar. Dentre eles, estava

²⁵⁸ Revista *Raça Brasil*. Caderno Comportamento. Por que virei militante. 5 (52), p. 8

²⁵⁹ Depoimento de Francisco Oliveira, in: Eliana Melhado BONFLIGI, *O que aconteceu com a revista Raça Brasil?, entrevista/anexo*.

Francisco Oliveira. De uma forma descontraída, provocando risos pela forma espontânea de se expressar, ele demonstrou sua disposição em participar do projeto e a sua realização pessoal em fazê-lo, ainda que fosse apenas para servir o cafezinho.

Cinco anos depois do lançamento da revista, ao rememorar a trajetória da publicação, o novo editor procurava destacar a importância e o impacto causado pelo periódico na sociedade brasileira. Emocionado, ele revelava seu pressentimento, sua intuição, antes que a *Raça Brasil* fosse para as bancas e se transformasse num fenômeno editorial; “num verdadeiro marco na história editorial brasileira que havia mudado a cara do negro no Brasil e no mundo”.

Parece que eu sabia que o Brasil nunca mais seria o mesmo depois da revista. Ainda me lembro das palavras de minha amiga Aline quando saiu a primeira edição. A raça número 1, que levou seis meses até ficar pronta. A Raça fenômeno editorial, que mexeu com a mídia nacional e internacional. A Raça que despertou e desperta tanta paixão. Ao ver a revista em minhas mãos. Aline me perguntou se “aquilo” era o que eu imaginava. Com a voz embargada, respondi que sim. Pois é assim que eu vejo a Raça Brasil: um sonho em forma de papel. Um sonho que não é só meu. É de todos os brasileiros, negros ou não que querem ver um Brasil fraterno, harmonioso, plural.²⁶⁰

À frente da revista Francisco Oliveira sabia o papel que deveria desempenhar e suas responsabilidades neste contexto, pois assumia a revista em um momento em que a vendagem havia caído muito, resultando em diversas mudanças na publicação que passou a ser bimestral e com um número reduzido de páginas - uma média de 100 a 120 para 80 à 100 páginas.

Como editor-chefe da *Raça*, tinha a tarefa de conduzir esse projeto para um caminho cada vez mais afinado com o leitor. É dessa forma que ele insiste em reforçar o papel da revista, comprometida, desde o início, com a missão de dar visibilidade ao negro brasileiro, visando, com isso, chamar a atenção dos negros, das autoridades e da população em geral para a necessidade de abrir espaços para o negro, para que este pudesse, em um futuro bem próximo, desfrutar como cidadão brasileiro das condições de igualdade, e acesso irrestrito ao produto social.

Desde que surgiu, em setembro de 1996 RAÇA BRASIL tem procurado, assim como Itamar, fazer um trabalho inteligente que dê voz e visibilidade para os milhares de “negros ditos” desde imenso país. Em parte, ao logo destes sete anos, a revista tem cumprido seu papel. Longe de ser unanimidade, tem provado sua importância para a comunidade negra por ter se tornado um veículo moderno aceito e elogiado por negros e brancos. Sei que é difícil, para muitos, aceitar o novo, o diferente. Mas o novo, o diferente, nada mais é do que o reflexo dos nossos medos, que “alguém”, em algum momento, ousou colocar em prática. As mudanças, quando bem trabalhadas, nos apresentam algo novo, porém, de maneira consciente.²⁶¹

Para Francisco Oliveira, a revista *Raça Brasil* era um verdadeiro símbolo de conscientização e atitude, compromissada com a transformação da realidade social do negro brasileiro. Mesmo depois de 115 anos da lei Áurea assinada “ainda hoje, mesmo tendo passado mais de um século, nossa luta em busca de

²⁶⁰ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Um sonho em forma de papel*, 6 (56), p. 3.

²⁶¹ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Mudar é preciso*, 7(69), p. 6.

cidadania e auto-estima continua”.²⁶² E a revista era um exemplo dessa luta, um sonho concretizado, direcionado a todos os brasileiros que “querem um Brasil fraterno, harmonioso e plural”. Com páginas bem escritas, “com cores vibrantes, ginga e muita energia para combinar com fotos que revelam felicidade e auto-astal”.²⁶³

Francisco Oliveira ressaltava o papel de vanguarda desempenhado pela revista nessa luta. Contudo, adverte ele,: temos inúmeros outros motivos para comemorar e os exemplos disso advinham dos mais diferentes setores da sociedade e de cidadãos negros que exerciam sua cidadania como ninguém.

Além da revista, havia outras iniciativas que, com ações concretas e organizadas, davam maior visibilidade à batalha do negro devido às suas bandeiras que incluíam a luta pela auto-estima, pelo espaço, pelo acesso, pelo respeito, pelo direito, pela cidadania. O editor se referia, assim, às diversas ações organizadas que ocorriam naquele momento. Ao citar a Conferência de Durban, fala das inúmeras conquistas da comunidade negra e da tão almejada cidadania. Reforçava a necessidade da reunião para aventar a discussão sobre o racismo, e de sua importância em chamar a atenção das autoridades brasileiras:

A Conferência das Nações Unidas contra o Racismo – realizada em setembro último, em Durban, na África do Sul, mesmo esvaziada com a saída de cena da delegação dos Estados Unidos – foi importante para, pelo menos, chamar a atenção das autoridades. Alguma medida terá de ser tomada para reparar as injustiças que nos vem sendo

²⁶² Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Lei Áurea – 115 anos!*, 7 (68), p. 4.

²⁶³ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Um sonho em forma de papel*, 6 (56), p. 3.

infligidas nos campos da educação e do trabalho – só para citar alguns.²⁶⁴

Exemplos dessas iniciativas advinham, também de inúmeros indivíduos que, na sua prática cotidiana, “vêm conquistando espaço para mostrar o surgimento de uma nova consciência”.²⁶⁵ Destes, destacavam-se inúmeros artistas, pessoas ligadas ao desporto, ao “mundo das comunicações”, ao mercado editorial e publicitário.²⁶⁶ Havia, também, diversas pessoas anônimas que lutavam para serem reconhecidas como cidadãos. Todavia, o mais importante, segundo Francisco Oliveira, era que os negros deveriam caminhar com passos firmes rumo à escada da dignidade, reafirmando suas qualidades e confirmando com sua atitude a causa e o efeito das mudanças esperadas. Para ele, para que isso fosse concretizado, era necessário elevar a auto-estima do negro.

Embora a auto-estima se restringisse a dimensão de foro íntimo, é algo “que a gente vai adquirindo por nossos bons feitos ou respeitando e aplaudindo os bons feitos dos outros”.²⁶⁷ Assim, por meio da auto-estima, o editor procurava reforçar a idéia de que era imprescindível criar exemplos positivos em que o negro pudesse se espelhar rumo à integração total. Apesar desta ênfase aos negros, o editor busca direcionar as matérias contidas nas publicações que estiveram sob seu comando há um público específico: as mulheres.

Isso é perceptível pelo modo como ele passa a se referir ao público alvo da revista ao escrever seus editoriais. Pela primeira vez, ao apresentar os diversos

²⁶⁴ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Um brinde aos novos tempos!*, 6 (59), p. 3.

²⁶⁵ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Zumbi da era moderna*, 6 (65), p. 4.

²⁶⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *A festa é nossa!*, 7 (69), p. 6.

²⁶⁷ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Dignidade...*, 7 (71), p. 6.

espaços que estavam se abrindo ao negro, ele chama a atenção da mulher: “definitivamente, as portas estão sendo abertas para a beleza, a competência e o talento da mulher negra. Os exemplos estão aí. Então, leitora, pegue carona nas histórias dessas mulheres de fibra e conquiste seu espaço. É difícil. Mas não é impossível”.²⁶⁸ Francisco Oliveira acreditava que esse poderia ser um caminho diferente para resgatar o público leitor da revista que havia evadido. De acordo com sua entrevista concedida a Bonfigli:

Chegou um momento que se estava falando muito de preconceito e discriminação [...] Se você for falar de preconceito e discriminação, vai vender 100 mil números e vai esgotar o assunto e acabou. A gente não agüenta mais isso, sabemos do problema. Só que já passou a fase da lamentação. Parece que o negro tem que ter certos privilégios porque é negro, não é isso. Quando a raça entrou nesse caminho, a revista ficou contaminada. Foi nesse momento que eu saí, eu era uma voz pregando no deserto.²⁶⁹

Com o seu retorno à revista em setembro de 2000, ele procurou melhorar a aceitação da revista no mercado buscando livrá-la da rejeição por causa daquilo que ele chamou de contaminação. Assim, no editorial cinquenta e sete com o título *Três mulheres, três histórias*, o editor procura ressaltar casos de determinação e coragem de mulheres que tiveram a ousadia de mudar o que estava pré-estabelecido. É com esse mesmo tom que, ao completar sete anos de existência, a revista, elaborou uma edição comemorativa destacando a atuação de sete personalidades femininas que superaram todas as adversidades e estão em ascensão e em suas carreiras.

²⁶⁸ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Mulheres de fibra...*, 6 (62), p. 4.

²⁶⁹ Eliana Melhado BONFIGLI, *O que aconteceu com a revista Raça Brasil?*, entrevista/anexo.

Raça Brasil comemora 7 anos! Então estamos trazendo uma edição superespecial para nossos leitores. A começar pela capa, com sete lindas mulheres em formato diferente, como você pôde constatar. As atrizes Ildi Silva, Izabel Fillardis, Janaína Lince, Juliana Alves, Liça Oliveira, Taís Araújo e Thalma de Freitas [...] emprestaram não só a beleza para que pudéssemos compor uma capa maravilhosa, como também, deram seu depoimento sobre a revista e falaram à repórter Janaína Nunes do bom momento que estão vivendo em suas carreiras. Todas, em fase de ascensão. [...] ²⁷⁰

Deste modo o editor procurava enfatizar a importância da participação efetiva da mulher neste contexto onde as brechas se abriam, buscando demonstrar que não podiam se eximir em ocupar seu lugar dentro destes espaços. Entretanto, poder-se-ia afirmar que, de certa forma, a revista perde seu caráter de denúncia e de espaço de reivindicações, passando a priorizar matérias informativas e de entretenimento lidando com informações direcionadas, quase que exclusivamente, às mulheres. Nesse momento a revista passa a dar maior ênfase a matérias voltadas para o corpo, para a beleza, para a moda, notas práticas para o dia-a-dia, mexerico de gente famosa e programações para um casal idealizado em seus momentos românticos. Esta perspectiva no foco da revista perdurou até o número setenta e um, quando Francisco Oliveira deixa o editorial abrindo espaço para que Conceição Lourenço passasse a ocupar o cargo de editora-chefe.

Conceição Lourenço, graduada em Jornalismo e pós-graduada em Gramática da Língua Portuguesa, trabalhou em diversas revistas como repórter.

Trabalhou durante sete anos na revista *Exame*, atuou em revistas infantis (quadrinhos) da Editora Abril e colaborou em diversos outros jornais e revistas até o ano 2000, quando passou a trabalhar como editora de *Cultura* na revista *Uma*, da Editora Símbolo. De lá saiu para assumir a direção editorial da revista *Raça Brasil*.

Com uma trajetória profissional dedicada a área da comunicação impressa Conceição Lourenço demonstrava, já em seu primeiro editorial a preocupação em manter a credibilidade da revista junto ao seu público. Ao justificar sua responsabilidade em assumir a chefia editorial da revista, resgata a sua trajetória como jornalista e o desejo em trabalhar na *Raça Brasil*, reforçando o seu comprometimento com o leitor devido à sua atuação e a importância do papel que a revista desempenhava para o negro brasileiro.

A responsabilidade é grande, pois tenho de manter a mesma dignidade de meus antecessores. Neste ano completo 20 anos de jornalismo e acabei de lembrar que 20 é meu número de sorte, o que me tranqüilizou bastante. Comecei em jornais diários no começo dos anos 80, depois passei por várias revistas de assuntos variados. Há quatro anos estou na Editora Símbolo, passei pelas semanais e, nos últimos três anos, editei *Cultura* na revista *UMA*. Como vocês podem ver, já fiz quase de tudo, pois ainda não havia trabalhado na *Raça Brasil*, sonho que acalento há sete anos. Editar esta revista é uma missão muito especial. Não queremos só vender, queremos também passar mensagens de auto-estima, ser útil para nossa comunidade que trabalha para alcançar o espaço que tem direito nesta Nação e no mundo.²⁷¹

²⁷⁰ Revista *Raça Brasil*. Editorial Toque Direto: *Em ritmo de festas.*, 7 (70), p. 4.

A contratação de Conceição Lourenço coincidia com um processo de mudanças na postura editorial da revista, que retomava alguns de seus antigos anseios: dar visibilidade aos negros brasileiros mostrando-os “[...] de cabeça[s] erguida[s] e orgulhosos do merecimento de terem nascido com esta cor de pele.”²⁷²

A partir daquele momento, a revista passa a ser editada mensalmente. Contudo, essa não era a única inovação na revista. Ao assumir o editorial, Conceição Lourenço apresenta as diversas novidades que a revista ofereceria a partir de então. Destas destacavam-se a criação de novas seções ou mesmo o retorno de algumas antigas como *Negro Gato*, *Negra Gata* além da abertura à participação do leitor via cartas ou e-mail’s. Além destas novidades, é perceptível a preocupação em se aproximar dos diversos setores envolvidos na valorização da cultura negra e na luta contra o racismo.

No editorial de número setenta e três após destacar as inúmeras novidades que a revista traria em seu conteúdo, a nova Diretora de redação chama a atenção de seus leitores para a importância da SEPPIR e da atuação da Ministra que estava: “Um ano à frente da Secretaria da Igualdade Racial, a Ministra Matilde Ribeiro concedeu-nos uma saborosa entrevista contando planos e já comemorando vitórias”.²⁷³

Essa mesma impressão era reforçada no seu empenho em participar e dar visibilidade aos diversos eventos organizados para discutir a questão racial, referendando, com isso, uma nova perspectiva da revista que, ao se aproximar

²⁷¹ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto: *Feliz ano-novo!*, 7 (72), p. 6.

²⁷² *Ibid.*

dos movimentos sociais, dava um caráter mais coletivo à sua luta pela visibilidade do negro.

Conceição Lourenço estava pessoalmente envolvida na luta pela transformação da situação do negro na sociedade. Isto é perceptível nas idéias expressas em seu livro *Racismo. A verdade dói. Encare* publicado pela editora Terceiro Nome. Nele, a autora não nega a existência do racismo na sociedade brasileira, mas reconhece o caráter desse racismo nos trópicos e clama aos negros uma atitude ativa e consciente para romper com as barreiras sociais advindas desse tratamento desumano e desigual, prejudicial ao pleno desenvolvimento das potencialidades dos negros e negras no país. Essa perspectiva estava plenamente de acordo com suas posturas na revista, uma vez que, para ela, era necessário e urgente mudar a imagem historicamente difundida sobre o negro. É nesse sentido que a editora se pergunta afinal:

Quando será que a televisão ou o cinema brasileiro vai contar a saga do negro no Brasil? Mas contar de verdade, sem piegas e sem estereótipos. Contar da resistência, da contribuição cultural... etc. Aí, sim, nossas crianças e adolescentes vão ter mais orgulho de ser negras e partir para a vida com MUITO mais garra.²⁷⁴

Para ela, elevar a auto-estima dos negros era uma condição *sine qua non*, não se poderia pensar em qualquer tipo de transformação da realidade do negro brasileiro. Por isso, ela procurou enfatizar a importância do comportamento ativo do negro no combate ao racismo e quaisquer outras formas de xenofobia para

²⁷³ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *Estamos em festa!*, 8 (73), p. 4.

²⁷⁴ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *A história do negro*, 9 (83), p. 4.

que através da auto-estima elevada, o negro pudesse desenvolver as suas potencialidades e participar em condições de igualdade na sociedade.

Constatar-se-á nesse período a presença de palavras de ordem preocupadas em elevar a auto-estima do negro. Na edição de número oitenta e sete, por exemplo, a revista apresentava uma nova seção denominada “Atitude” que procurava dar destaque às pessoas em ascensão ou que haviam se destacados em suas áreas e suas ações. Nela, uma matéria também veiculada na capa, apresentava a seguinte chamada *Eu posso!!! A palavra-chave para você conquistar seus objetivos*. Na edição seguinte, na mesma seção outra matéria colocava em destaque o Mc Marcelo D2 a quem era atribuída a frase *Eu faço! Pense positivo, lute pelos seus sonhos e coloque a mão na massa*”.

Essas matérias estavam em plena consonância com o novo projeto gráfico da revista, apresentado na edição de número oitenta e seis, preocupado em apresentar ao leitor “uma revista linda, antenada, cheia de novidades e que o deix[ass]e envaidecido” Uma revista mais glamourosa, elaborada com um número maior de páginas, em novas cores e novo tipo de papel²⁷⁵ onde vislumbrasse um negro cheio de atitude.²⁷⁶

Com o novo projeto gráfico é criado também o projeto “Atitude é tudo”. Uma seção que se preocupava em divulgar ilustrações que reforçavam os laços de identificação étnica do negro, expresso, especialmente, por figuras presentes no corpo da revista com o objetivo de elevar a auto-estima do negro e ao mesmo

²⁷⁵ A revista que até então utilizava o papel Couché Starmax 115 g na capa e o top Print Plus Gloss 70 g no miolo passa a utilizar o papel Ripaza para a capa e o Inpacel no miolo considerados de melhor qualidade.

²⁷⁶ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *Merecemos o melhor*, 9 (86), p. 3.

tempo fortalecer a idéia de que a publicação era, um meio de conscientização do negro.

Simultaneamente a essa nova investida no resgate da auto-estima do negro, há uma ênfase no direcionamento de suas problemáticas para orientar o negro no que diz respeito aos caminhos a trilhar para alcançar a integração total na sociedade. Embora a permanência de Conceição Lourenço na revista tenha sido curta (abril de 2004 a agosto de 2005), seu posicionamento abriu caminho para uma renovação no perfil da revista que permaneceu mesmo após a sua saída.

Preocupada em enfatizar o papel da educação como um fator determinante à superação dos obstáculos enfrentados cotidianamente pelos negros, Conceição Lourenço se coloca como símbolo de superação. Ao referir-se a uma matéria que destacava o perfil de Ângela Davis, ela ressalta a importância da educação no processo de conscientização, tanto para Ângela quanto para ela mesma. “Neste mês de janeiro Ângela faz sessenta anos. É um pouco por causa dela que estou aqui hoje. Nunca havia visto tanta cultura, perseverança e raça juntas numa só mulher. Assim como no caso da Ângela a formação acadêmica foi o ponto chave”.²⁷⁷

No editorial de número oitenta e quatro, ao emitir uma breve resenha sobre o filme “Os donos da rua”, Conceição Lourenço relata a realidade de um garoto que, por ter um pai severo que o obriga a dedicar-se aos estudos, torna-se uma referência de empenho e superação ao conseguir terminar seus estudos primários e cursar uma universidade. Assim, segundo ela:

Laurence freqüenta as reuniões da escola, faz o filho ter obrigações domésticas, como varrer o quintal; o menino segue horários rígidos e é vigiado de perto pelo pai, que teme que o filho tenha um desvio de caráter por causa das más companhias do bairro. Sem querer contar o fim do filme e estragar a surpresa de quem ainda não assistiu, o filho de Laurence, de toda a turma, é o único que vai para a universidade e, ao que tudo parece, terá uma promissora carreira profissional. Na mesma semana, uma pesquisa do IBGE nos alarmou: dos jovens que abandonam os estudos no Brasil, 72% são negros. Chica Rodrigues foi atrás de especialistas para saber o que devemos fazer para manter nossos filhos em sala de aula (*O futuro Está nas escolas*, pág. 34), sim tem jeito.²⁷⁸

Apesar dos dados que confirmavam o abismo do exemplo que acabara de citar com a realidade escolar do negro brasileiro, Conceição Lourenço estava convencida do papel transformador da educação. Assim, ao referir-se a matéria *O futuro está na escola*, dá dicas de como superar essa realidade.

Por ocasião de uma palestra ministrada na sede da IBM computadores, ela não ignora a importância das diversas outras formas de luta por igualdade. Contudo, de acordo com seu ponto de vista, todas as outras formas deveriam advir dos resultados de uma boa formação acadêmica. Essa é a conclusão a que a editora chega em seu relato.

A convite da Afrobrás, fui à IBM, empresa de computadores, para contar um pouco da minha história e de nossa revista. Lá, tive contato com

²⁷⁷ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *Feliz ano-novo!*, 7 (72), p. 6.

²⁷⁸ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *A vida imita a arte*, 9 (88), p. 6.

estudantes e políticos americanos, empresários, funcionários, e vi como é importante a democracia. Democracia só se faz com igualdade. Igualdade social, racial e econômica. Igualdade econômica só se faz com bons empregos. Bons empregos só se consegue com bom currículo. Bom currículo só se alcança com boa formação acadêmica.²⁷⁹

Conceição Lourenço não esconde sua preocupação com o ingresso do negro no mercado de trabalho. No entanto, para ela isso só poderia ser possível com uma boa formação educacional. Ela admite que esse não era um passo fácil para ser dado; mas era necessária e urgente boas oportunidades de emprego, para “nossa comunidade virar o jogo no Brasil”. Para ela isso só seria possível com um bom preparo, com uma boa formação, com muito estudo. É por isso que, considerando a situação econômica dos negros, se apressa em ressaltar que:

Não precisa me lembra que tudo custa caro, que eu sei, vá atrás, dê um jeito, peça bolsa. Um semestre de um curso de inglês custa menos do que aquele tênis importado que você comprou com quatro cheques lá no shopping. Sempre dá-se um jeito. E vamos contar e apoiar com ações afirmativas que o governo deve pôr em prática este ano.²⁸⁰

Embora estivesse consciente das dificuldades vivenciadas pelos negros, Conceição Lourenço acreditava que ele não deveria desistir de sua luta. Exemplos de pessoas que haviam insistido para superar todos os obstáculos, não faltavam. “Nossa classe média está aí, 8 milhões de pessoas. Essas pessoas que

²⁷⁹ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *Vamos salvar o Brasil?*, 8 (76), p. 3.

²⁸⁰ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *2005, pode vir quente...*, 9 (82), p. 4.

chegaram lá são empreendedoras de uma maneira ou de outra. Não se conformaram e acharam uma brecha. Quer mais consciência que isso?”²⁸¹ Para ela não era momento para ficar reclamando. Estava mais que na hora do negro “saber o que quer e fazer das dificuldades um motivo maior para vencer”.²⁸²

As cotas são apenas uma medida provisória. Daqui duas ou três gerações não serão mais necessárias, pois avós e pais já terão conseguido melhores empregos e condições de educar seus filhos. Ninguém é obrigado a vencer sozinho. Precisamos de uma lei, sim que nos facilite a universidade e conseqüentemente, boa colocação no mercado de trabalho.²⁸³

As ações afirmativas eram um passo importante para os negros darem uma guinada e conseguirem, de fato, “vencer na vida”. Na visão de Conceição Lourenço, era importante que fosse criada uma lei que garantisse o acesso e a permanência do negro na universidade e conseqüentemente no mercado de trabalho. Contudo, a maior mudança esperada adviria do negro que deveria “arregaçar as mangas”, “fazer a sua parte”, ir atrás do que quer e “não esmorecer”, reconhecendo nas “dificuldades um motivo maior para vencer”.²⁸⁴

No editorial de número oitenta e nove, Conceição Lourenço chama a atenção do leitor para as inúmeras novidades que seriam apresentadas na edição comemorativa dos nove anos de existência. Na oportunidade, anunciava também o surgimento da TV da Gente, canal idealizado por Netinho que, depois de muita

²⁸¹ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *Hora da Virada*, 8 (80), p. 4.

²⁸² Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *2005, pode vir quente...*, 9 (82), p. 4.

²⁸³ Revista Raça Brasil. Editorial Toque Direto. *Vamos salvar o Brasil*, 8 (76), p. 3.

luta e insistência, anunciou “[...] oficialmente, também este mês, que finalmente conseguiu a concessão de uma tevê. Vai se chamar TV da Gente e só vai dar nós na tela”. Assim, ironicamente, em seu último editorial na direção de redação da revista *Raça Brasil*, Conceição Lourenço anuncia a TV da Gente, canal cujo diferencial é pregar a pluralidade étnica, ser dirigido por negros e que, a partir de então, ela passaria a trabalhar como diretora geral.

Liliane Santos assume a direção geral da revista *Raça Brasil* em setembro de 2005, permanecendo na função até março de 2007. Professora universitária, com experiência na área publicitária atuante há mais de vinte anos em veículos de comunicação, fez parte do grupo que idealizou *Raça Brasil* juntamente com Aroldo Macedo, Francisco Oliveira e Roberto Melo. Agora, retornava à revista para exercer o cargo de diretora geral. Em sua nova função, Liliane Santos demonstrava estar afinada com o projeto da revista e com o papel que ela desempenhava nesse contexto. Em seu primeiro editorial, ao relembrar as causas que motivaram a criação da revista, ela adverte:

Raça Brasil pode ter nascido de um sonho, mas cresceu alimentada por uma realidade – o aumento da participação do negro na sociedade. Numa espécie de revolução silenciosa, temos ocupado um espaço cada vez maior no mercado de trabalho, no mundo dos negócios, nas escolas e universidades – tudo isso puxado por uma auto-estima em alta.²⁸⁵

Para ela, como para os demais editores e diretores que a precederam, o objetivo da revista era claro e continuava sendo o mesmo: aumentar a visibilidade do negro contribuindo para a construção de uma imagem positiva que desse

²⁸⁴ Revista *Raça Brasil*. Editorial Toque Direto. 2005, *pode vir quente...*, 9 (82), p. 4.

termo ao estereótipo secularmente cristalizado sobre o negro, permitindo a superação da discriminação e efetivando, assim, sua integração plena à sociedade.

Ao relatar a trajetória de *Raça Brasil*, Liliane Santos faz questão de enfatizar que o investimento na elevação da auto-estima do negro e o incentivo a sua luta por um espaço na sociedade era o papel que a revista esperava desempenhar nesse processo. Por isso:

A revista *Raça Brasil* nasceu, em setembro de 1996, como [sic] o objetivo de ser o espelho no qual estivessem refletidas a beleza, a força e a inteligência de um povo. Até então, o espelho para o qual os afro-descendentes olhávamos não refletia nenhuma imagem. Quando não estávamos invisíveis, o reflexo era apenas o da turva inferioridade. Mas muita coisa mudou para melhor nos últimos anos.²⁸⁶

Segundo Liliane Santos, exemplo de mudanças estavam eclodindo em diversas áreas após o lançamento da revista. A própria *Raça Brasil* é um ícone destas mudanças “quando mostra em suas páginas o retrato de uma sociedade mais compartilhada e integrada”.²⁸⁷ Uma revista que, além de direcionar sua edição para a comunidade negra, trazia “conteúdos interessantes e úteis para todos no seu dia-a-dia” representando um verdadeiro marco de transformação.

De acordo com a diretora, havia outras áreas em destaque. Esse era o caso do “mercado de trabalho”, do “mundo dos negócios” das “escolas e

²⁸⁵ Revista *Raça Brasil*. Editorial: *A festa continua*. 9 (90), p. 8.

²⁸⁶ Revista *Raça Brasil*. Editorial: *Do outro lado do espelho*, 10 (94), p. 4.

universidades” onde houve um aumento significativo de negros. Além destas, coube destacar a área de cosméticos e produtos de beleza que sofreram alterações significativas: “Quando a revista foi lançada, em 1996, praticamente não existia nenhum cosmético para a pele ou cabelo negros. Hoje, as gôndolas estão abarrotadas”.²⁸⁸

Esses, contudo, não eram os únicos exemplos aludidos pela Diretora. Afinal ela estava convicta de que “a igualdade só é completa quando se dá em todos os aspectos do cotidiano – o que segundo a experiência dos nossos irmãos sul-africanos, passa obrigatoriamente pela participação efetiva nos processos de decisão da sociedade”.²⁸⁹ Para Liliane Santos a atitude e a consciência negra praticadas no dia-a-dia por uma legião de guerreiros em busca da igualdade e do exercício da cidadania plena, eram responsáveis por diversas transformações na sociedade.

No Brasil, uma legião de guerreiros exercita a consciência, muito além dos costumeiros discursos de 20 de novembro, e também está produzindo formidáveis transformações na sociedade. Conheça o trabalho de várias dessas pessoas na reportagem *Herdeiros de Zumbi*. São negros de todas as cores que têm em comum uma silenciosa batalha pela igualdade e pela cidadania, trazendo a consciência para a ação, especialmente na área educacional.²⁹⁰

²⁸⁷ Revista Raça Brasil. Editorial: *A festa continua*, 9 (90), p. 8.

²⁸⁸ *Ibid.*

²⁸⁹ Revista Raça Brasil. Editorial: *Amandla Awetu*, 9 (92), p. 4.

²⁹⁰ *Ibid.*

Liliane Santos considera que o trabalho destas pessoas era fundamental para mudar a realidade do país. Em seu editorial noventa e três, após referir-se a matéria *Excluídos*, menciona a reportagem *O racismo está crescendo* publicada na seção *Páginas Pretas* onde “O relator da ONU Doudou Diène diz que o preconceito no Brasil está em todos os setores da sociedade”. A diretora aponta os índices que comprovam o crescimento do racismo no país. Não obstante, ressalta que há caminhos para percorrer no sentido de transformar tal realidade. Desta forma, conclui seu texto afirmando que o melhor caminho, talvez o único até o país alcançar uma sociedade racialmente justa, passa mesmo pela educação.

Depois de ler a reportagem *Excluídos* e a entrevista das *Páginas Pretas*, intitulada *O racismo está crescendo*, você vai concordar conosco. As duas mostram que, apesar de muitas mudanças o país têm um longo caminho a percorrer até alcançar uma sociedade racialmente justa. No final, você igualmente haverá de concordar que o melhor – quem sabe o único – caminho para chegar a esse objetivo passa pela educação.²⁹¹

Como Conceição Lourenço, Liliane Santos também acredita no papel transformador da educação como um caminho possível na busca de mudanças da realidade do negro. Assim é perceptível no período sob sua responsabilidade, um índice elevado de matérias que enfatizavam a educação e o papel desempenhado por ela.

²⁹¹ Revista Raça Brasil. Editorial: *Faça a coisa certa*, 9 (93), p. 4.

Além da seção *Educação*, com assuntos direcionados a esse tema, na edição noventa e cinco é criada a seção *Raça Educação*, que tinha por propósito “[...] ser muito útil para os professores, que se queixam com razão da falta de material didático para trabalhar com os estudantes. Mas cremos também que ela será igualmente proveitosa para todos os leitores, de quem foram escondidas ao longo do tempo informações cruciais sobre a vida dos negros [...]”.²⁹²

A partir de então há um aumento de informações sobre educação. Isso fica claro nas entrevistas realizadas com pessoas famosas ou personalidades em destaque, que buscavam evidenciar a importância da educação. Isso é o que se pode ler na matéria *O giz é mais forte do que o fuzil* na qual Graça Machel, “a mulher do líder negro sul-africano Nelson Mandela, defende a educação como a mais poderosa arma contra a desigualdade e apela aos jovens brasileiros para que estudem e lutem por um mundo de justiça social”.²⁹³

O ator norte-americano e embaixador da Unicef Danny Glover, em visita ao Brasil, concede entrevista à *Raça Brasil*. Questionado sobre qual conselho daria às crianças negras e pobres brasileiras para que elas ocupassem “um lugar no mundo”, ele manda seu recado: “Em primeiro lugar, estudem, estudem, estudem. O Brasil está mudando muito e vocês têm que estar preparados para não deixar passar as oportunidades que essas mudanças vão trazer”.²⁹⁴ Dessa forma, Danny Glover conclui sua fala afirmando que “o atalho para a igualdade social passa pela escola”.

²⁹² Revista Raça Brasil. Editorial Carta da Redação: *História sem retoques*, 10 (95), p. 4.

²⁹³ Revista Raça Brasil. Caderno Entrevista: *O giz é mais forte que o fuzil. Graça Machel, a mulher de Nelson Mandela levanta a bandeira da educação*, 9 (90), p. 8.

²⁹⁴ Revista Raça Brasil. Caderno Gente de Raça, 10 (94), p. 4.

Na edição cento e sete aparece uma reportagem com o cantor James Brown que, após se envolver com as “drogas, álcool e atos de violência”, retoma sua carreira na década de 1970 e se dedica a trabalhos com “jovens músicos de rap e hip hop que o idolatravam”, revelando sua preocupação com a questão educacional. “Quero dizer para as crianças que a educação é tudo. Ela pode ser difícil hoje, mas se você conseguir ir em frente, amanhã será mais fácil. Se não puder superar os obstáculos, seu futuro não acontecerá”.²⁹⁵

Com personalidades brasileiras não é diferente. Esse é o caso da Desembargadora Neusa Maria Alves que afirma em uma entrevista: “ainda falta muito para a Justiça brasileira fazer jus à sua missão, mas isso depende não só dos tribunais como também do legislativo e de um povo com consciência dos seus direitos, o que só acontecerá com acesso a uma educação de qualidade”.²⁹⁶ O mesmo acontece na matéria “A educação dos heróis” que destaca José do Patrocínio, André Rebouças e Teodoro Sampaio que “provam que estudar é o melhor caminho para a igualdade racial”.²⁹⁷

A questão educacional aparece em diversas outras matérias que procuravam orientar os pais a escolherem adequadamente uma escola para seus filhos, respeitando as características étnicas e os seus valores éticos e morais. Procura também orientar as mães que dispensam demasiada atenção aos seus filhos, exercendo uma superproteção e uma grande influência, que poderá acarretar problemas com efeitos devastadores em suas vidas. Chama a atenção,

²⁹⁵ Revista Raça Brasil. Caderno Atitude; *Bye bye mr. brown. a trajetória de um dos maiores ídolos do soul music*, 11 (107), p. 04.

²⁹⁶ Revista Raça Brasil. Caderno Páginas Pretas. 10 (99), p. 4.

²⁹⁷ Revista Raça Brasil. Caderno Educação. 10 (97), p. 4.

ainda, para as manifestações de violência na escola (como o bullying) conscientizando os pais para combaterem esse mal.

A revista discute os novos rumos da educação com a inserção da lei 10.639 “que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas salas de aula de todo o país”. Também dá dicas de cursos preparatórios, cursos de idiomas e estágios realizados fora do país, incentivando a família a investir na formação profissional por meio da educação e, sobretudo, ajudar o jovem desenvolver a auto-confiança e a independência.

Diferentemente do que propunha Conceição Lourenço ao aproximar-se de setores envolvidos com a causa negra, Liliane Santos investe na ação individual, embora continue acreditando que a educação era, de fato, um caminho para solucionar os problemas do negro. Aliás, ela mesma enfatiza que a própria “Raça está convicta disso. A sua revista, porém, está convencida de que essa igualdade depende não só de ações coletivas, mas também de escolhas individuais, que por sua vez depende da disposição de [cada um para] recomeçar”. Um bom exemplo disso estava

[...] no filme *Faça a coisa certa*, de 1989, a questão central do título se apresenta quase no fim, quando o personagem Mookie – interpretado pelo próprio diretor, Spike Lee – faz uma escolha. Se era a mais adequada ou não, é uma questão de opinião – mas as consequências da decisão que ele toma tornam-se incontroláveis. O mesmo acontece na vida de cada um de nós.²⁹⁸

²⁹⁸ Revista Raça Brasil. Editorial: *Faça a coisa certa*, 9 (93), p. 4.

Ao fazer referência ao filme de Spike Lee *Faça a Coisa Certa*, a diretora citava o exemplo de uma personagem que, ao tomar uma atitude, muda o rumo dos acontecimentos. Para ela o mesmo acontece em nossas vidas. Só depende de nós e das escolhas que fazemos em cada momento. Por isso era importante dar visibilidade às pessoas e personalidades que, devido às suas escolhas, revelaram o talento, a competência e a capacidade de realização, vencendo na vida e servindo de exemplos para os demais.

Nossa matéria de capa, *As Novas Âncoras da TV Brasileira*, revela um pouco dessa força. Um novo time de talentosas e belas apresentadoras invade nossas casas, todos os dias, trazendo informação e entretenimento. São elas Anelis Assumpção, Joyce Ribeiro, Liça Oliveira. Em uma seara [sic] antes habitada apenas pela competentíssima Glória Maria, surgem novos nomes para se juntar a ícones como Heraldo Pereira, Zileide Silva... Espero que a reportagem tão bem conduzida pela apresentadora Cuca Lazarotto sirva de inspiração a você, leitor, para cada vez mais buscarmos nosso espaço na sociedade como profissionais e, acima de tudo como, [sic] cidadãos.²⁹⁹

Para Liliane Santos, ao inspirar-se nestes exemplos, o leitor poderia tomar parte num processo de transformações que culminariam na sua participação social como profissional e, acima de tudo, como cidadão. No entanto, para isso se tornar realidade, era importante o negro mudar seu comportamento e suas atitudes. É por isso que no editorial cento e quatro ela dava exemplos de pessoas que compreenderam essa idéia, investindo na responsabilidade social e propunha ao seu leitor a adoção de atitudes positivas:

É hora de apostar no bem. A reportagem *Responsabilidade Social*, de Marco Merguizzo, exemplifica isso de forma clara e objetiva. Ações como as de Luciano Huck, do Instituto Criar, Denise Aguiar, da Fundação Bradesco, e Flavio Pimenta, do Meninos do Morumbi, têm como objetivo uma sociedade mais justa por meio de projetos socialmente responsáveis. Sem mais discursos, caro leitor, proponho que você adote atitudes positivas para lhe ajudar a ver a vida com outros olhos.³⁰⁰

Sem embargo Liliane Santos ressaltava a necessidade de mudanças no comportamento do negro frente aos dilemas vividos por ele e salientava a importância que a educação tinha nesse contexto. Entretanto, fazia questão de enfatizar que o primeiro passo a ser dado nesse sentido estava na mudança de atitude e isso “depende de nós, de cada um de nós”. Por isso, ao fazer referência à matéria Ano-novo, vida nova a diretora afirmava que “[...] pretende mexer com sua auto-estima ao retratar algumas histórias de pessoas que mudaram o rumo de suas vidas ao resolver seguir em frente. Talvez esse seja o caminho: mudar pensamentos e atitudes. Comece esse exercício reajustando seu orçamento doméstico como ensina a matéria *Organize-se!*”³⁰¹

Na edição de número, cento e oito Liliane Santos dava exemplos de ação individual e em seguida despede-se de seus leitores.

Leia em Divas Eternas com Josephine Baker, Dorothy Dandridge, Nina Mae e Lena Horne venceram todas as adversidades como atrizes

²⁹⁹ Revista Raça Brasil. Editorial: *A alegria é a melhor coisa que existe!* 10 (103), p. 4.

³⁰⁰ Revista Raça Brasil. Editorial: *É hora de apostar no bem*, 10 (104), p. 4.

³⁰¹ Revista Raça Brasil. Editorial: *Um novo tempo*, 10 (105), p. 8.

negras e fizeram valer o seu talento. Talento que deve ser desde cedo valorizado e prestigiado como no perfil no [sic] ator Mussuzinho que traz no seu DNA a simpatia e o talento do eterno trapalhão Mussum. Nesta edição, a bela da capa é a atriz Valquíria Ribeiro que, com talento, beleza e dedicação está se destacando na televisão e em projetos sociais. [...] Quero registrar meu sincero obrigada a todos os leitores e me despedir. Estou deixando a direção geral da revista para enfrentar novos desafios profissionais.³⁰²

Neste momento, a revista parecia estar passando por novas mudanças que se concretizavam na mudança da equipe editorial. Contudo elas não foram abarcadas por esta pesquisa. Cabe ressaltar, porém que como procuramos demonstrar ao longo desse capítulo, a preocupação da revista em dar visibilidade ao negro visando com isso aumentar a sua participação na sociedade, foi uma bandeira hasteada desde os seus primeiros exemplares e, embora o foco de sua preocupação tenha se diferenciado, ao longo de seus dez anos de existência, a revista demonstrou ser uma referência que nos permite repensar as problemáticas do negro na sociedade brasileira ao propor estabelecer uma nova forma de percepção sobre o negro bem como, ao chamar para si uma gama de questões que fazem parte do quadro paradigmático de questões relacionadas a esse contingente populacional.

A despeito da revista se posicionar unilateralmente sobre as questões as quais ela se debruçou, ao mesmo tempo em que lidava com questões de outras ordens como a preocupação com a sua manutenção no mercado editorial, a sua existência, bem como as questões levantadas por essa publicação vieram nos chamar à atenção para um fato nem sempre percebido, mas que estava ligado

³⁰² Revista Raça Brasil. Editorial. *Dignidade já*, 10 (105), p. 4.

diretamente a sua reivindicação por uma condição de igualdade ao branco, e por uma condição de cidadania plena na sociedade brasileira.

Se de fato, as soluções apresentadas por *Raça Brasil*, se mostram inadequadas à maior parte da população negra deste país, o seu sucesso não deixa margem de dúvidas quanto ao desejo dos negros em sua luta para reverter a situação de exclusão a qual ele está submetido, bem como à necessidade de forjar novos caminhos que apontem para possíveis soluções para a questão racial no Brasil.

Considerações finais

De tudo ficaram três coisas:
a certeza de que estava sempre começando,
a certeza de que era preciso continuar,
e a certeza de que seria interrompido antes de terminar.
fazer da interrupção, um caminho novo,
da queda, uma passo de dança,
do medo, uma escada,
do sonho uma ponte,
da procura, um encontro...

(Re)começo, Fernando Pessoa

ANEXOS

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 1 Nº 1 R\$ 3,50

Essa é pra mim!

ISABEL FILLARDIS
Gatíssima!

MAQUIAGEM
Escolha as cores certas para o seu tom de pele

CARLINHOS BROWN
"Nós somos bonitos, fortes e poderosos!"

O som black do **Pelourinho**

CASAIS MISTOS
Quando o amor fala mais alto que o preconceito

MODA
É um luxo só!

30 cortes de cabelo

E MAIS: Norton Nascimento, Brandy, Salgadinho do Katinguelê, as feras da NBA, viagem, culinária, música, cinema, livros e points

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 1 Nº 2 R\$ 3,50

CABELOS
• Tratamento total para deixá-los leves e soltos
• Cabeças coloridas ganham as ruas

BELEZA
Um roteiro completo para você ficar linda

MODA
Saiba quais são as tendências para a primavera-verão

ENTREVISTA
Glória Maria abre o jogo e fala de preconceito, vida pessoal e seu trabalho na TV

ATRAÇÃO BLACK
O homem negro é mesmo imbatível na cama?

CAMILA PITANGA:
"Tenho orgulho de ser negra"

E MAIS: R. KELLY, SIMONE MORENO, CHICO CÉSAR, NEGUINHO DO SAMBA E BANDA DIDÁ, MARTIN LUTHER KING, TURISMO EM SALVADOR E STREETBALL, O BASQUETE DE RUA

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 1 Nº 3 R\$ 3,50

TAÍS ARAÚJO E ZEZÉ MOTTA
A força de Xica da Silva

BELEZA
Ainda dá tempo de ficar em forma para o verão

CABELOS
30 dicas para resolver todas as suas dúvidas

MODA
Vista-se com até R\$ 35

JOVENS DECRETAM:
A nova onda é ser black

EXECUTIVOS NEGROS
contam como lutaram para chegar ao topo da profissão

E MAIS: ZUMBI, O HERÓI NACIONAL • MARIAH CAREY • TURISMO EM CUBA • HOMENAGEM A 2PAC CAPOEIRA • CIDADE NEGRA • OS MELHORES DO RAP • DIAVAN • CULINÁRIA • JEANS

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 1 Nº 4 R\$ 3,50

Verão!
28 biquínis e maiôs
Escolha o seu!

Festa!
• cabelos transadíssimos para você arrasar
• moda sensual e cheia de brilhos

DJAVAN
"Ser negro me faz ser feliz e corajoso"

Afinal, o que as mulheres querem dos homens?

DENZEL WASHINGTON
O homem mais desejado da América

NEGRO é lindo!

E MAIS: SANDRA DE SÁ • SALIF KEITA • A NEGRA GATA PETRA SCHWARZ • MARCELINHO CARIOCA PAPA WINNIE • OURO PRETO • PIXINGUINHA • WILL SMITH • DICAS DE PRESENTES DE NATAL

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 2 Nº 5 R\$ 3,50

exclusivo

JESSE JACKSON
O maior líder negro americano fala sobre o Brasil

VALE A PENA SER MODELO
Saiba tudo sobre esta profissão

OPORTUNIDADE
Abra seu próprio negócio a partir de R\$ 5.000 reais

LINGERIE
Esbanje sensualidade e bom gosto

TRANÇAS PARA HOMENS
Incrementalmente seu visual

GRATIS PÔSTER
SALGADINHO, temperado e gostosinho

BOB MARLEY
O papa do reggae

E mais: Drinques de verão • Toni Braxton • Marcelinho Carioca • Bronzeamento • República Dominicana • Moda Infantil • Ensaios de Carnaval

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 2 Nº 6 R\$ 3,50

MANGUEIRA & BRONX
Dois bairros lutam contra a violência

NEGUINHO DA BEIJA-FLOR
"O samba vestiu roupa nova e a juventude aderiu"

RIO
Um roteiro esperto da Cidade Maravilhosa

VALÉRIA VALENSSA
O charme e a ginga da **Globeleza**

A FESTA É nossa!

TURBANTES
Amarre-se nessa

THAÍDE & DJ HUM
Rap nacional da melhor qualidade

ESTAMPAS
Use e abuse das cores quentes na moda de verão

E MAIS: Coolio • Cíntia Rachel: a gata do Rá-Tim-Bum • Grande Otelo • Desodorantes

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 2 Nº 7 R\$ 3,50

B.B. KING
O rei do blues fala para RACA

CABELOS
Novos cortes e penteados para homens e mulheres

INTERNET
O bê-á-bá para entrar nesta nova onda

Como ficar na moda sem gastar dinheiro: aprenda a reciclar seu guarda-roupa

SORRISO
Como ter dentes lindos e hálito puro

Acredite: o preconceito existe até no futebol

CRIS RIBEIRO
A rainha das passarelas

Chegou a nossa vez!

ENTREVISTA
Celso Pitta
Os desafios do primeiro negro na prefeitura

E MAIS: Naomi Campbell • Moda masculina • Culinária afro-brasileira • Pierre Omidyar

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 2 Nº 8 R\$ 3,50

NORTON NASCIMENTO
"Ser negro é ser alegre por natureza"

BENEDITA DA SILVA
A senadora fala de religião, política, amor e preconceito

CABELOS
Penteados modernos para mulheres que gostam de mudanças

DMN
O RAP DE ATITUDE

BLACK POWER
A história da revolução negra nos EUA dos anos 60

PHYTOERVAS FASHION
A moda sai das passarelas provando que vale para o dia-a-dia

NOIVAS
Vestidos maravilhosos para você escolher
Serviço completo para organizar seu casamento

E MAIS: Origem africana dos brasileiros • Malcolm X • Tyson Beckford • Erika Rosa • Hip hop DJ 97





A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

ANO 3 Nº 17 R\$ 3,90

BRASIL

56 COLÔNIAS
para perfumar o seu verão

LINDA!
Aumentar, diminuir, enrijecer: tudo para ter seios perfeitos

BERMUDAS
Os estilos que fazem sucesso entre a rapaziada

JOÃO SINHO 30
Ele reinventou os desfiles das escolas de samba, mas hoje lamenta: "O Carnaval embranqueceu"

NBA
Os times e as estrelas desta temporada

CABELOS
A queda tem solução

WYCLEF JEAN
O líder dos FUGEES, com exclusividade para você

MODA
Maiôs e biquínis para qualquer praia

NEGROS COM ATITUDE

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

ANO 3 Nº 18 R\$ 3,90

BRASIL

JORGE BEN JOR
Ele lança seu novo CD e afirma: "O preconceito é maior em São Paulo"

50 BATONS
de cores diferentes para você escolher

Publicitários, revistas e TVs descobrem que o **NEGRO É LINDO!**

VELHA-GUARDA DA PORTELA
Compositores defendem o samba tradicional

MICROSSAIAS
Arrase e arrepie

CABELO
Penteados incríveis para você cair na folia

DECORAÇÃO
Dê um toque afro em sua casa

SALVE SIMPATIA!

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

ANO 3 Nº 19 R\$ 3,90

BRASIL

SEM ESTRIAS
As soluções para ficar com a pele perfeita

VIDA A DOIS
Quando a mulher é a chefe da família

CABELOS
Os apliques que vão mudar seu visual

LECI BRANDÃO
Guerreira no samba e na vida

NOSSOS DIREITOS
Saiba tudo sobre o caso Leda Francisco, primeiro flagrante de racismo no Rio de Janeiro

TOTALMENTE AFRO
O visual étnico invade o mundo da moda

E MAIS Como se livrar do crack • Dona Ivone Lara e Jovelina Pérola Negra • Criminosidade do Maranhão • Sapatos masculinos • Moda streetwear

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

ANO 3 Nº 20 R\$ 3,90

BRASIL

DESCONTO SUPERESPECIAL APENAS R\$ 2,90

CASADOS SEM PAPEL
A nova lei para quem mora junto

10
penteados que valorizam o cabelo crespo natural

BOA NOTÍCIA
Nossos repórteres foram às ruas e constataram: o preconceito no Brasil começou a mudar

Conheça os tratamentos mais modernos para acabar de vez com a **GORDURA LOCALIZADA**

GRUPO MOLEJO
Toda a ginga do pagode carioca

Musas negras
As mulheres que fizeram a beleza e o estilo da raça nos anos 70, 80 e 90

OUTONO/INVERNO: saiba o que você vai vestir na próxima estação

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL ANO 3 Nº 21

A PROMOÇÃO CONTÍNUA
DESCONTO SUPERSPECIAL
APENAS R\$ 2,90

BELEZA
• Conheça os segredos da musa Valéria Valenssa
• Saiba como manter a pele macia e suave no inverno

POLICIAL NEGRO
Preconceito contra os irmãos de sua raça?

NOIVAS
• Trajes que podem ser usados no dia do seu casamento e em outras ocasiões especiais
• Arranjos de cabelo para você brilhar no altar

MARIA CEICA
"Um ator negro pode viver qualquer personagem"

ASSÉDIO SEXUAL
É possível combatê-lo

ESTUDAR NO EXTERIOR
Mais de 20 cursos para você se destacar na sua profissão

Thalima de Freitas, Afroz e cantora, e Cico Krizan, ator

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL ANO 3 Nº 22

A PROMOÇÃO CONTÍNUA
DESCONTO SUPERSPECIAL
APENAS R\$ 2,90

BELEZA ALTERNATIVA
Aprenda a ficar linda por dentro e por fora

APARTEID BAIANO
Apesar da maioria negra, Salvador sempre foi governada por brancos

MÚSICA
Puff Daddy, a hora e a vez do hip hop de Nova York

RUTH DE SOUZA
No cinema, no teatro e na TV, mais de 50 anos de talento de verdade

PRECONCEITO NO VOLANTE
Negros em carros importados ainda sofrem discriminação

CABELOS
Conheça a moda que rola na cabeça dos negros londrinos

Rumo ao PENTA

Força, Brasil!

A Seleção vai para a Copa com nove jogadores titulares afro-descendentes

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL ANO 3 Nº 23

A PROMOÇÃO CONTÍNUA
DESCONTO SUPERSPECIAL
APENAS R\$ 2,90

MAQUIAGEM DEFINITIVA
Fique linda 24 horas por dia!

30 LOOKS DE INVERNO
Fomos a Nova York conferir a moda que você vai usar nesta estação

CABELOS CRESPOS
Saiba escolher os xampus e cremes que realmente funcionam

TRABALHO
Como driblar o preconceito na hora de arrumar emprego e vencer na profissão

RODEIO
Peões negros, craques de laço e montaria

LUIZ MELODIA 25 anos de talento, sucesso e ousadia

DAÚDE A mais nova revelação black da música brasileira

PÉROLAS NEGRAS

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL ANO 3 Nº 24 R\$ 3,50

A MÍDIA EM DEBATE
Nossos atores reivindicam: "Queremos mais espaço no teatro e na TV"

MÁSCARAS DE BELEZA
Acredite: elas fazem tudo pela pele do seu rosto

NEGROS GAUCHOS
História, atuação e consciência negra no Rio Grande do Sul

RAP
O som com sotaque nordestino do FACES DO SUBÚRBO

8 passos para você achar o salão de cabeleireiro de seus sonhos

ALEXANDRE E FERNANDO PIRES
Os Irmãos do Só Pra Contrariar mostram a elegância no pagode

Somos negros, sim!

Os mestiços brasileiros assumem sua origem





A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 4 Nº 33 R\$ 3,90

13 de Maio
Devemos ou não comemorar esta data?

CAPOEIRA
Entre em forma com ritmo e ginga de corpo

CASAMENTO BLACK!

RELACIONAMENTO gente solteira procura o amor nos arquivos de agências de casamento. **E encontra!**

MODA superdicas de roupas para noivos, padrinhos, pais e crianças

ESTILO 4 vestidos de noiva exclusivos

BENEDITA DA SILVA
Nossa guerreira no Palácio

ESCOLAS TÉCNICAS
O CAMINHO DAS PEDRAS PARA O EMPREGO

GLAUBIO ZOLI
O príncipe da soul music brasileira está de volta

SAMBA, CERVEJA E CIÚME SAIBA O QUE FAZER PARA QUE A NOITE NÃO TERMINE EM CONFUSÃO!

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 4 Nº 34 R\$ 3,90

NEGRO NA CHEFIA
Histórias de vida real e todos os truques para você ser um bom chefe

HIP HOP
O movimento dos manos invade o Brasil

Estrias
Não se desespere! Já existem soluções para recuperar a beleza do seu corpo

PROMOÇÃO
Concorra a 30 fitas de filme No Ritmo da Dança + 30 hidratantes

Negro, gay e vencedor

As duas faces do sucesso: como Vera Verão e Jorge Laffond

No auge da carreira, Laffond solta o verbo e causa a maior polêmica sobre seu caso com um jogador da seleção

VAIDOSO, SIM! E DAÍ?
Sem preconceito, o homem cuida da estética e melhora a auto-estima

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 4 Nº 35 R\$ 3,90

GRATIS!
1 batom de longa duração

Júnior, Júnior, Júnior!!
O campeão abre o baú das lembranças e revela suas paixões

ANEMIA FALCIFORME
Um alerta à saúde pública

Nossas crianças choram de dor por causa dessa doença. Por que as autoridades não ouvem?

Comportamento
Sete mulheres contam tudo sobre seus romances com homens casados

Fique mais bonita
Descubra o que fazer para alongar seus cabelos

EXCLUSIVO
DIANA KING: A RAINHA DO SOUL-POP-REGGAE FALA DE SEU AMOR PELO BRASIL

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RAÇA

BRASIL

ANO 4 Nº 36 R\$ 3,90

DENÚNCIA
Preconceito dificulta a entrada de negros nos bancos

GRAVADORAS NACIONAIS APOSTAM NA BLACK MUSIC

Moda Lingerie
Peças especiais para cada tipo de corpo

Pai herói

Casos comoventes de pais que são exemplos para seus filhos, como a história do rapper Thaíde e a pequena Thamires

HIPERTENSÃO
COMO LIDAR COM ESSA AMEAÇA INVISÍVEL

PROMOÇÃO!
CONCORRA A 25 CAMISETAS EXCLUSIVAS DE R. KELLY

Entrevista exclusiva com Will Smith
o novo rei de Hollywood

Band Bang!

E MAIS: RACISMO EM SALVADOR • GOSPEL EM NEW ORLEANS • BELEZA NA GRAVIDEZ

RAÇA
BRASIL

ANO 4 Nº 37 R\$ 3,90

3 Anos Edição de Aniversário

De cara nova!

A partir deste mês a sua revista está mais bonita, mais completa, mais informativa e mais palpitante

SHOW DE PRESENTES! 3 PASSAGENS PARA NOVA YORK, 300 CDs E 300 CAMISETAS!

RAÇA
BRASIL

ANO 4 Nº 38 R\$ 3,90

NAOMI CAMPBELL
A estrela troca a passarela pela tela do cinema

Verão
PREPARE SEU CORPO PARA OS DIAS DE SOL

ESPECIAL Hip Hop
Música, moda, comportamento. Saiba tudo sobre o fenômeno que nasceu na periferia

PRÍNCIPE MALIK
Conheça o nobre que colocou negros nas pistas da Formula 1

New Afro
os anos 70 estão de volta e os cabelos retomam sua função de símbolo de consciência e orgulho racial

CÂNCER DE PRÓSTATA: COMO EVITAR ESTA DOENÇA FATAL • CUIDE DO SEU DINHEIRO

RAÇA
BRASIL

ANO 4 Nº 39 R\$ 3,90

CARAS NOVAS NA TV
Conheça o grupo de atores que está quebrando uma injusta tradição

Consciência NEGRA
SAIBA POR QUE É TÃO IMPORTANTE REFLETIR SOBRE ESTE TEMA

ADOÇÃO
Como negros criados por brancos preservaram a cultura de origem

Beleza
Cuidados e produtos para proteger sua pele dos perigos do sol

GLÓRIA MARIA, SEU NOME É SUCESSO
A estrela do Fantástico conta como usou sua cor para abrir as portas da fama

LITERATURA: ENFIM, O MERCADO EDITORIAL DESCOBRE A NEGRITUDE

RAÇA
BRASIL

ANO 4 Nº 40 R\$ 3,90

Martinho da Vila:
"A luta agora é para ganharmos espaço na sociedade"

QUE CHIQUE!
Trajes brancos para o Reveillon em família

Futebol Black
Descubra por que a nossa ginga toma conta dos gramados

Cabelos
5 penteados modernos para combinar com seu jeito de viver

ESPECIAL Ano 2000
Saiba o que nos espera no próximo milênio

Mulheres negras em ASCENSÃO
Executivas ou empresárias, elas viram a mesa e se destacam no mercado de trabalho

PESQUISA FAZ GOVERNO RECONHECER RACISMO • DOR NAS COSTAS: ACABE COM ELA





RACA BRASIL

RS 3,50 ANO 5 Nº 50

Beleza
Como usar o poder dos ácidos para eliminar os inimigos de sua pele

ENTREVISTA
Antropólogo fala do racismo nas escolas e diz que essa luta é de todos os brasileiros

Alexandre Pres
Em alto-astrol
Aliviado com a decisão judicial sobre o acidente de Uberlândia e feliz com o sucesso do novo CD, ele nega que prefira as loiras e avisa: "Estou solteiríssimo"

LECI BRANDÃO: COM 25 ANOS DE CARREIRA, ELA LANÇA DISCO E MOSTRA POR QUE É A RAINHA DAS COMUNIDADES

CONSUMO
• Bonecas negras ganham espaço no mercado de brinquedos
• Conheça os corajosos que brigam pelos seus direitos até com multinacionais

Samuel L. Jackson
O ator, que já venceu as drogas, alcança mais uma vitória com o filme *SHAFT*

ISSN: 1413-8085

RACA BRASIL

RS 3,90 ANO 5 Nº 51

USE A CABEÇA!
Aprenda a cuidar do corpo enquanto você trabalha

Entrevista
Dulce Pereira, no mais alto cargo já assumido por uma negra brasileira, diz: "Minha briga contra o racismo começou na infância"

No Mês da Consciência Negra
• Histórias emocionantes de quem fez da luta pela igualdade um projeto de vida

SIMONINHA, MAX DE CASTRO JAIRZINHO...
Herdeiros de famosos brilham como as novas estrelas da MPB

O prata que vale ouro
Conheça Carlos Honorato, o primeiro atleta negro a ganhar no tatame uma medalha para o Brasil

VERÃO 2001: DICAS QUENTES PARA PROTEGER OS CABELOS DOS ATAQUES DO SOL

ISSN: 1413-8085

RACA BRASIL

RS 3,90 ANO 5 Nº 52

Presentão de Natal!
Cabelos lindos
UM ESPECIAL DE CABELOS DAS FAMOSAS

Feliz 2001!
Como melhorar sua vida no novo ano
E mais: penteados, maquiagens e roupas transadas para você arrasar na virada do milênio

Sucesso de pai para filho
Jair Rodrigues dá a receita para quem quer brilhar na educação
ENTREVISTA COM ESMERALDA ORTIZ: CONTEnte COM O LANÇAMENTO DE SEU LIVRO, ELA CONTA COMO FUGIU DA MARGINALIDADE

Força espiritual
A música gospel ultrapassa as paredes dos templos e toma conta do Brasil

Luciana Mello, o pai, Jair, o irmão, Jairzinho

ISSN: 1413-8085

RACA BRASIL

RS 3,90 ANO 6 Nº 53

Viva Zumbi!
O que rolou por aí no Mês da Consciência Negra

Beleza é o máximo
✓ Tudo o que a hidratação pode fazer por seus cabelos
✓ Como transformar os pés em objetos de sedução

Aviso aos navegantes
O black chat da RACA está unindo jovens de todo o Brasil

Modelos que chegaram lá
Vencedores nos Estados Unidos, eles revelam os segredos do sucesso na passarela

MODA ALTO VERÃO: AS PRAIAS DE NATAL SERVEM DE CENÁRIO PARA AS RÓUPAS LEVES E TRANSPARENTES DA ESTAÇÃO QUENTE

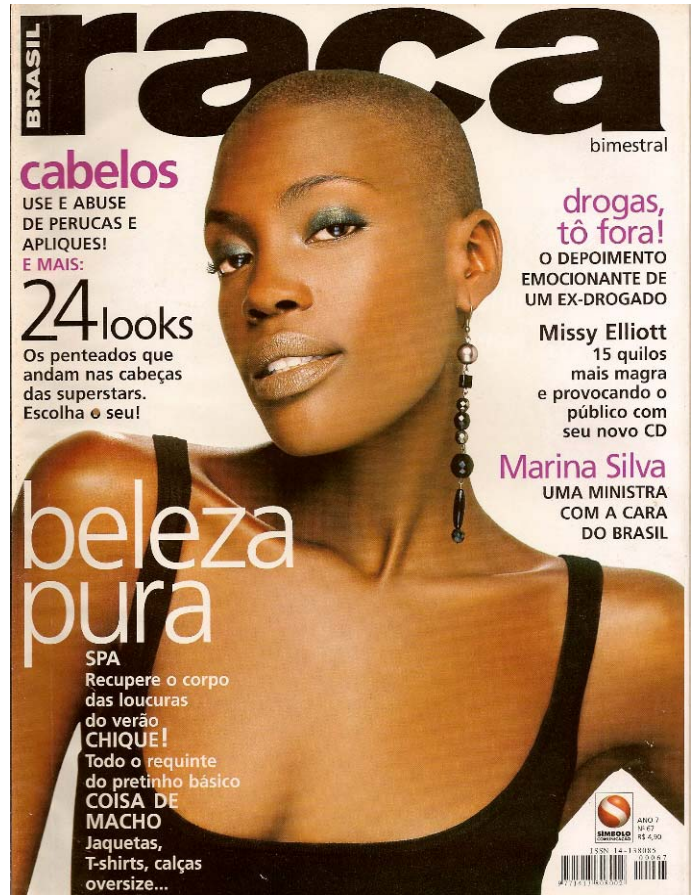
Danielle Leonel e Geraldo Oliveira

ISSN: 1413-8085











BRASIL **raça** 100% COM VOCÊ

VIRE UMA ESTRELA
Com dicas de cabelos e maquiagem, fique parecida com Beyoncé, Naomi ou Halle Berry

HOMEM SARADO
Aprenda os exercícios para deixar seu peito forte em pouco tempo

70 PRODUTOS ESCOLHIDOS
para você ficar mais bonita

B.B. KING
Um bate-papo com o rei do blues

Entrevista exclusiva
Joaquim Barbosa, o ministro do Supremo

tons de pele
Faz diferença ser um negro claro ou escuro?

SAÚDE
Controle o colesterol e viva melhor

MÃES
4 famosas contam as alegrias da maternidade

É SUCESSO!

• JAIR OLIVEIRA, de cantor mirim a empresário musical, comemora 20 anos de conquistas
• Quatro executivos falam como chegaram ao topo da carreira

ANEXO 5 R\$ 4,90
SIMBOLO

www.raçabrasil.com.br

BRASIL **raça** 100% COM VOCÊ

Sérgio Malheiros
Rai de *Da Cor do Pecado* em entrevista exclusiva

16 LOOKS
diferentes para 4 tipos de cabelos

HOMEM
Desenhos de barba, costeleta e cavanhaque

NEGROS X SEXO
Será que levamos vantagem na cama? (descubra agora!)

SAÚDE
Cuidado com a hipertensão

Vestibular já!
Cursinhos de qualidade com preços acessíveis

Abdias do Nascimento
90 anos de luta do ex-senador

amor É TUDO!

ADRIANA BOMBOM, DUDU NOBRE e outros casais famosos falam sobre as alegrias da vida a dois

ANEXO 5 R\$ 4,90
SIMBOLO

www.raçabrasil.com.br

BRASIL **raça** 100% COM VOCÊ

cabelos crespos
Assuma o natural com os produtos certos

110 TENS
para cuidar do visual

Nili Marcondes
O bad boy da Turma do Gueto

HOMEM
• Loções pós-barba ideais para você
• A onda dos metrosexuais
• Botas variadas

REVOLUÇÃO!
Novas técnicas de cirurgia plástica para a pele negra

Trabalho
Por que a maioria dos segurancas são negros?

EDUCAÇÃO
Agora, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas é obrigatório

Unhas modernas
Sexy, chique ou exótica. Descubra o tom que combina com seu estilo

beleza e garra!

ADRIANA LESSA, a Rita de Cássia de *A Senhora do Destino*, conta sua história de luta

ANEXO 5 R\$ 4,90
SIMBOLO

www.raçabrasil.com.br

8 anos • Edição de aniversário

BRASIL **raça** 100% COM VOCÊ

Conheça os 80 negros mais PODEROSOS de todo o País

ESPECIAL CABELOS
50 cortes exclusivos para longos, médios e curtos

DJs brasileiros dominam o mundo

ADRIANA ALVES
A atriz se veste com cores de festa

BUMBUM SARADO
Exercícios e produtos específicos para você ficar pronta até o verão

PARTICIPE concurso a mais bela negra do Brasil

é nossa!

Diversidade: a importância de estarmos em cargos de decisão

ANEXO 5 R\$ 4,90
SIMBOLO

www.raçabrasil.com.br

VOTE PARA O PRÊMIO RAÇA NEGRA 450 E CONCORRA A UM JANTAR COM SEUS ÍDOLOS

BRASIL raça

100% COM VOCÊ

ANO 4 Nº 10 R\$ 4,90

MODA: monte seu guarda-roupa no supermercado (e se surpreenda!)

Gente
Conheça Lindiwe Zulu, a nova embaixadora da África do Sul no Brasil

Trabalho
Soluções inteligentes para driblar o desemprego, já!

cabelos sedosos?
Aposte na hidratação

ATENÇÃO! SAIBA COMO AGIR QUANDO FOR DISCRIMINADO NO COMÉRCIO

SAÚDE
Aprenda a fazer um saboroso churrasco com baixo teor de colesterol

26
ACESSÓRIOS
para arrasar no penteados a partir de R\$ 0,90

PODER
O rapper **MV BILL** tem o dom da palavra. É o pregador de **CIDADE DE DEUS**

ESPECIAL QUILOMBOS 1ª PARTE

www.raca.com.br

BRASIL raça

100% COM VOCÊ

ANO 4 Nº 10 R\$ 4,90

A MAIS BELA NEGRA DO BRASIL
Acompanhe as primeiras eliminatórias do concurso

CORACÃO SAUDÁVEL
Os benefícios de caminhar diariamente

EXCLUSIVO
Como Denzel Washington cria os personagens

ISABEL FILLARDIS
fundou uma ONG que recicla lixo e emprega moradores de rua

NOSSA CLASSE MÍDIA EXISTE!
(SOMOS 5 MILHÕES DE BRASILEIROS)

23
LOOKS DE VERÃO
cabelos presos de arrasar, biquínis descolados

Consciência Negra
VEM DO BERÇO E DEPENDE DE VOCÊ! SAIBA COMO ORIENTAR SEU FILHO PARA ELE CRESCER COM

AUTO-ESTIMA

ESPECIAL QUILOMBOS 2ª PARTE

www.raca.com.br

BRASIL raça

100% COM VOCÊ

ANO 4 Nº 11 R\$ 5,30

A MAIS BELA NEGRA DO BRASIL

CONHEÇA AS 24 FINALISTAS

CABELOS LONGOS
Ganhe um novo look com alongamentos bem naturais

TROFÉU RAÇA NEGRA
O glamour da comunidade em uma noite de gala

Festa é a nossa cara!

ALEXANDRE PIRES
Preocupado com causas sociais, curte o megassucesso internacional

Intercâmbio
Saiba o que é Ceabra, e aprenda como exportar seu produto para África

REVOLUÇÃO!
As novidades no tratamento contra o vitiligo

33
PRODUTOS QUE MANTÊM A COR DOS CACHOS

ESPECIAL QUILOMBOS 3ª PARTE

www.raca.com.br

BRASIL raça

100% COM VOCÊ

ANO 4 Nº 12 R\$ 5,30

SONHO REALIZADO: NETINHO INAUGURA A SEDE PRÓPRIA DO PROJETO CASA DA GENTE

SAÚDE
Viva em paz com a sua diabetes

ENTREVISTA
Reinaldo Damião, presidente da associação do orgulho gay

ELE VOLTOU
O samba de raiz é o som que tá pegando

Moda prática:
mude uma peça e vá do trabalho para a balada

PRONTA PRA FOLIA
• Um roteiro econômico para curtir o Carnaval pelo País
• Sugestões de maquiagem e adereços de cabeça

Nossa história
• Os 170 anos da Revolta dos Malês
• A tradição do Dia de Reis continua

79
PRODUTOS DE BELEZA
para deixar você linda da cabeça aos pés no verão

Consciência Negra
Saiba tudo que rolou no mês de novembro

A MAIS BELA NEGRA DO BRASIL

ESPECIAL QUILOMBOS 4ª PARTE

A goiana **FERNANDA BORGES** acreditou, deixou pra trás 17 mil candidatas e venceu o concurso que parou o País

www.raca.com.br

BRASIL **raça**

ANEXO Nº 115 DE R\$ 5,00

26
produtos com manteiga de karité, o hidratante do momento

SUCES\$O
De banquetes a churrasquinhos, cursos fazem pequenos empresários faturarem alto

ENTRE NAS LISTRAS
Elas estão nos shorts, nas bolsas, calças... em tudo

SEGREDO REVELADO
Músicos que já passaram dos 80 dão a receita da vida longa

ARRASE!
• Looks super descolados para cabelos curtos
• Dicas de maquiagem à prova d'água e de longa duração

OBESIDADE
Herança genética ou maus hábitos alimentares?

ESPECIAL QUILOMBOS 5ª PARTE

a união faz a força

Juntos há 25 anos, o grupo FUNDO DE QUINTAL prova que a amizade dos negros resiste à fama, sim!

www.racaabrasil.com.br

BRASIL **raça**

ANEXO Nº 116 DE R\$ 5,00

32
produtos especialmente selecionados para você renovar a pele no fim do verão

MODE
Ouse nas rodas das saias e fique super feminina

BAHIA
Saiba tudo sobre a grande noite de entrega do prêmio Oiduum

HAITI
O que está acontecendo no primeiro país da América a abolir a escravidão

ESPECIAL QUILOMBOS 6ª PARTE

ADEUS, PATRÃO
As franquias com os melhores preços

EDUCAÇÃO
Especialistas revelam como fazer o jovem gostar da escola

PROMOÇÃO NBA
Concorra a 10 kits exclusivos da liga de basquete americano

TRANÇAS
8 tipos trançados para você ficar com o look do momento

Sheron Menezes
segura
linda
e muiiito talentosa!

www.racaabrasil.com.br

BRASIL **raça**

ANEXO Nº 117 DE R\$ 5,00

MODA
Dê um toque étnico nas suas roupas do dia-a-dia e ganhe um novo look

CABELO BÁRBARO!!!
Tudo o que você precisa saber na hora de alisar ou relaxar os fios!

SEU FUTURO
Mapeamos os principais programas que dão bolsas de estudo para a Universidade

SEXY E QUENTE
O vermelho incendeia seu visual

O ESTILO É NOSSO
Confecções brasileiras fazem sucesso na África

21
opções de óleos para tratar o corpo neste início de outono

CINEMA
Filhas do Vento: um filme que vai mexer com você

Lázaro Ramos
Sucesso
no cinema, teatro e na tevê

HIP HOP
Conheça a origem desse movimento que abalou o mundo

www.racaabrasil.com.br

BRASIL **RAÇA**

ANEXO Nº 118 DE R\$ 5,00

EXCLUSIVO
Entrevista com o jogador **Grafite**

CARREIRA
A diferença está em alta nas empresas. Vá à luta e conquiste seu espaço

BELEZA
Loira, ruiva, castanha...
Abuse das tintas nessa temporada

DEBATE
Homem negro é machista?

REYONCE, A SEXY SYMBOL DA MÚSICA POP

ATITUDE É TUDO
Ousado e repaginado, o **BLACK POWER** voltou pra ficar

Revane top model da agência Elite

Estampas de bichos
Aposte nessa tendência

OTIMISMO E CORAGEM DE MUDAR FORTALECEM E ELEVAM A AUTO-ESTIMA PARA SUPERAR DESAFIOS

www.racaabrasil.com.br



PROMOCÃO: TRANSFORME-SE NESTE VERÃO COM NIELY

BRASIL RAÇA

EDUCAÇÃO
OUTUBRO: A HORA DA DECISÃO
QUAL A MELHOR ESCOLA PARA SEU FILHO?

POLÊMICA
A LUTA DE EMANOEL ARAÚJO PARA
MANTER ABERTO O MUSEU AFRO-BRASIL

PILATES
MELHORE SUA POSTURA E DÊ ADEUS AO ESTRESSE

MODA
BIQUINIS PARA ESQUENTAR O SEU VERÃO

MAQUIAGEM
BÁSICA OU GLAMOUROSA? ESCOLHA SEU ESTILO

CABELOS CURTOS
MUITO CHARME E VERSATILIDADE

TRABALHO
VIREI CHEFE! E AGORA?

SALVE JORGE

ATOR QUE COMPÕE, COMPOSITOR
QUE FAZ PERFORMANCES.
VERSÁTIL E INQUIETO,
DE CORPO ABERTO NESTA EDIÇÃO

SÍMBOLO
18 ANOS
ANO 9
Nº 91
R\$ 5,90

PROMOCÃO: TRANSFORME-SE NESTE VERÃO COM NIELY

BRASIL RAÇA

HERDEIROS DE ZUMBI
GUERREIROS DO SÉCULO 21 MOSTRAM
SUA LUTA PELA IGUALDADE

BELEZA
DE R\$ 60 A R\$ 500, ESCOLHA
UMA MAQUIAGEM SOB MEDIDA

PÁGINAS PRETAS
ABDIAS NASCIMENTO AVISA:
"VAMOS VIRAR O JOGO"

MODA
PREPARE-SE! AS CORES
VÃO INVADIR O SEU VERÃO

DÉCIMO TERCEIRO
CONHEÇA ALGUMAS OPÇÕES
PARA INVESTIR O DINHEIRO EXTRA

TRABALHO
A DEMISSÃO NÃO É O FIM.
PODE SER UM GRANDE COMEÇO

WE LOVE NAOMI

A TOP MODEL SE APAIXONA
CADA VEZ MAIS PELO PAÍS E DIZ:
"Sou anglo-brasileira"

SÍMBOLO
18 ANOS
ANO 9
Nº 92
R\$ 5,90

PROMOCÃO: TRANSFORME-SE NESTE VERÃO COM NIELY

BRASIL RAÇA

MODA
APOSTE NO SIGNIFICADO DAS CORES PARA
ENTRAR EM 2006 COM UM BOM ASTRAL

TRÊS EM UM
ESCOLHA UM ESTILO E COMBINE O PENTEADO
COM AS UNHAS E A MAQUIAGEM

VESTIBULAR
SAIBA COMO DIMINUIR A ANGÚSTIA
DA DECISÃO DE UMA CARREIRA

RACISMO
RELATOR DA ONU E NOVO ESTUDO
MOSTRAM A DISCRIMINAÇÃO

TRABALHO
A VIDA PROFISSIONAL DEPOIS
DOS 50 PODE ATÉ FICAR MELHOR

CARROS
CONHEÇA AS NOVIDADES PARA
2006 E REALIZE SEU SONHO

**LUZ, CÂMERA
CORACÃO**

NO AUGE DA CARREIRA, O ATOR
LÁZARO RAMOS FALA DA
SUA PAIXÃO PELO TRABALHO
E PELA ATRIZ TAÍS ARAÚJO

SÍMBOLO
18 ANOS
ANO 9
Nº 93
R\$ 5,90

PROMOCÃO: TRANSFORME-SE NESTE VERÃO COM NIELY

BRASIL RAÇA

PROTEJA-SE
CONHEÇA AS 6 DOENÇAS QUE MAIS ATINGEM OS NEGROS
BRASILEIROS E COMECE A SE CUIDAR AGORA

MAKE MÁGICO
OS MELHORES TRUQUES DE
MAQUIAGEM PARA ESCONDER
QUALQUER DEFETINHO

DINHEIRO
GASTOU DEMAIS?
VEJA COMO RECORRER
A UM EMPRÉSTIMO
SEM QUEBRAR A CARA

SEGUNDA PELE
CONFIRA AS LINGERIES IRRESISTÍVEIS PARA
COMEÇAR 2006 COM MUITO CHARME

INGLÊS SEM MISTÉRIO
SAIBA COMO ESCOLHER O MELHOR CURSO PARA VOCÊ

CARREIRA EM RISCO
APRENDA A IDENTIFICAR E NEUTRALIZAR
OS SABOTADORES NO TRABALHO

**MARROM
DÁ O TOM**

ALCIONE SE CONSAGRA COMO A NOVA DIVA DO
SAMBA ROMÂNTICO E CONSOLIDA SUA TRAJETÓRIA INTERNACIONAL

SÍMBOLO
18 ANOS
ANO 9
Nº 94
R\$ 5,90

BRASIL **RAÇA**

AMOR NO TRABALHO
QUANDO A EMOÇÃO
FALA MAIS ALTO,
O RISCO É DUPLO

ACADEMIA
SOB MEDIDA
SÓ PARA MULHERES,
24 HORAS, ECOLÓGICAS...
CONHEÇA AS OPÇÕES
PARA DEIXAR A
PREGUIÇA DE LADO

EDUCAÇÃO SEM
FRONTEIRAS
DA INTERNET AO CORREIO,
SAIBA COMO FUNCIONAM
OS CURSOS A DISTÂNCIA

MODA
ADRIANA
BOMBOM
DESfila
10 LOOKS
OUSADOS
PARA
O VERÃO

LICENÇA-
MATERNIDADE
PENSANDO EM
AUMENTAR A
FAMÍLIA? PLANEJE-SE
PORQUE AS REGRAS
PODEM MUDAR

CASA NA
PRAIA OU
NO CAMPO
OS PRÓS E CONTRAS
ANTES DE COMPRAR
O SEU IMÓVEL

**VANESSA
DA MATA**
PARA O MUNDO
O sucesso da dona da voz que embala
a trilha sonora do horário nobre

ANNO 10 • Nº 99 • R\$ 5,90

BRASIL **RAÇA**

24 SAPATOS E BOLSAS
QUE VÃO AQUECER
A NOVA ESTAÇÃO

VIXE MAINHA CONHEÇA OS
DONOS DO HIT DO CARNAVAL BAIANO

LOOKS PARA DEIXAR
SEUS CACHOS COM
MUITO ESTILO

CASAR
PARA QUÊ?
HISTÓRIAS DE QUEM
SÓ QUER NAMORAR

ATÉ QUE PONTO VALE A PENA
SER AUTÊNTICO NO TRABALHO?

BELÍSSIMA
E ASSUMIDÍSSIMA, CAMILA PITANGA ULTRAPASSA OS
LIMITES DA COR E AMADURECE COMO MULHER E ATRIZ

COMEÇAR DE NOVO
VOLTAR A ESTUDAR NÃO PRECISA
SER UM BICHO-DE-SETE-CABEÇAS

CONHEÇA AS MELHORES FORMAS DE
VALORIZAR O SEU DINHEIRO

ANNO 10 • Nº 99 • R\$ 5,90

BRASIL **RAÇA**

OLHAR SEDUTOR
REALCE OS OLHOS EM
5 VISUAIS DE ARRASAR

HISTÓRIAS DE
CASAMENTOS
EM DIFERENTES
RELIGIÕES

PARA TODA
HORA
MODA EXECUTIVA,
PRÁTICA OU CHIQUE.
ESCOLHA A SUA

VIRE
A MESA
VEJA COMO
DAR UMA
GUINADA NA
CARREIRA

PROGRAMA
SALVE
12 dicas para
se livrar
do apuro

TUDO POR AMOR
SAIBA QUANDO AS MÃES
FAZEM MIAL AOS FILHOS

**O MUNDO
A SEUS PÉS**
A UM MÊS DA COPA, O BRASIL APOSTA TODAS AS SUAS FICHAS EM
RONALDINHO GAUCHO, O JOGADOR DE 54 MILHÕES DE DÓLARES

ANNO 10 • Nº 99 • R\$ 5,90

BRASIL **RAÇA**

A IDADE FAZ
DIFERENÇA?
Saiba como fazer
desse relacionamento
uma experiência
superpositiva

CABECAS
PINTADAS
CONTRASTE O
CINZA DO INVERNO.
COM CABELOS
COLORIDOS

CANADÁ, INGLATERRA,
NOVA ZELÂNDIA, EUA
O caminho das pedras
para estudar no exterior

DICAS DA ZICA
A EMPRESÁRIA DA BELEZA
ENSIÑA O BÉ-A-BÁ PARA SE
DAR BEM NOS NEGÓCIOS

ENTREVISTA EXCLUSIVA!
HALLE BERRY
**A BELA DE
HOLLYWOOD**
Eleita uma das mulheres mais lindas, ela
conquista definitivamente a América e o mundo

Resultado
da promoção
**RAÇA e
GARNIER**

A IMAGEM
DO SOM DE
DORIVAL
CAYMMI
no Museu
Afro Brasil

MODA
O PRETINHO
NADA
BÁSICO
INVADA A
NOITE

ANNO 10 • Nº 99 • R\$ 5,90

XÔ CIÚME SAIBA COMO CONTROLAR ESSE INIMIGO DOS RELACIONAMENTOS

BRASIL RAÇA

100

PEÇAS DE MODA para inovar o guarda-roupa: jeans, botas, tricôs e muito mais

Spas urbanos Veja como manter a saúde e o bem-estar do corpo a partir de R\$ 65

TRABALHO TEMPORÁRIO UM ÓTIMO CAMINHO PARA CONQUISTAR O EMPREGO DEFINITIVO

CABELO NOVO JÁ!

Um guia completo de **alongamento** para você mudar o visual. Novas técnicas, preço, manutenção...

TAÍS ARAÚJO Supermulher, ela encontra tempo para estudar, namorar e trabalhar

Carro novo ou usado? ESCOLHA A MELHOR OPÇÃO PARA O SEU BOLSO

ANO 10 • Nº 102 • R\$ 6,30

SMARTPHONES: O COMPUTADOR E O CELULAR NA PALMA DE SUA MÃO

BRASIL RAÇA

32 peças com muito estilo para compor vários looks masculinos

Beleza maquiagem para todas as idades: de 20 a 60 anos

BULLYING seu FILHO pode ser VÍTIMA dessa agressão na ESCOLA

OS NOVOS DONOS DE CASA Descubra o que o ator LUI MENDES, o músico DUDU NOBRE e o jogador ZÉ ROBERTO fazem quando estão em casa

DINHEIRO NO BOLSO APRENDA A ECONOMIZAR E REALIZE SEUS SONHOS

FAMA & PRESTÍGIO

MV BILL DESTACA-SE COMO CINEASTA NO POLÊMICO DOCUMENTÁRIO FALCÃO

"Estamos reescrevendo a história da televisão brasileira" MV BILL

ANO 10 • Nº 101 • R\$ 6,30

10 ANOS EM HOMENAGEM A VOCE!

BRASIL RAÇA

MODA NAVY Ideias para arrasar no verão

As 5 táticas infalíveis para se tornar um profissional indispensável

ELAS CHEGARAM LÁ!

AS NOVAS MUSAS DA TV BRASILEIRA

As apresentadoras contam como conquistaram espaço no telejornalismo da Globo, do SBT, da Cultura, da TVE...

BELEZA O cabelo e make das divas do cinema

PESQUISA Revelamos os principais motivos que fazem a mulher trair

FIQUE NO AZUL Como se livrar das dívidas do cartão de crédito

Júlia Ribeiro (SBT)
Marta Julia Costinho (TV Cultura)
Lúcia Raíssa (TV Boas)

ANO 10 • Nº 102 • R\$ 6,30

BRASIL RAÇA

PROMOÇÃO GANHE CDS NEGRA LIVRE

30

cabelos lindos Soluções fáceis. Controle o volume dos **crespos** e dê balanço aos **lisos**

biquinis e sungas para você brilhar no verão

mais saúde! Mude seus hábitos de alimentação e viva melhor

adoção Pratique você também este gesto

dinheiro extra à vista Dicas valiosas para planejar bem os gastos com o 13º

NEGRA LI Conheça a história da musa do hip hop nacional

ACORDE!

VIRE A MESA AGORA

Atitudes positivas para você conquistar seu espaço, ter o sucesso que merece e **100** palavras para se sentir capaz, digno, majestoso e vencedor

ANO 10 • Nº 101 • R\$ 6,30

BRASIL RAZA

ESPECIAL
 Família, saúde e educação.
 Os pilares para uma infância feliz

3 make-up fashion!
 Veja o que vai arrasasr nesta estação

CABELOS SEDOSOS E BRILHANTES
 7 passos para garantir a beleza dos fios no verão

Case do seu jeito
 Do convite à festa, um superguia para você dizer sim com muito estilo

DIGA ADEUS AO PASSADO!
ANO-NOVO VIDA NOVA

EXCLUSIVO!
 A volta por cima de **WHITNEY HOUSTON**

As 10 decisões fundamentais para viver com felicidade
 Depoimentos de pessoas que transformaram sua história
 Amor, dinheiro e sucesso: **VOCÊ MERECE TUDO!**

BRASIL RAZA 3
 R\$ 3,90
 ANO 1
 Nº 2

BRASIL RAZA

SEXO X ANSIEDADE
 Está comprovado: ele ganha esta briga, é antiestresse e ainda emagrece

SKATE
 Não há limites para os praticantes deste esporte pra lá de radical

CREDIÁRIO SEM DOR DE CABEÇA
10 dicas vencedoras de como evitar o endividamento

VALQUIRIA RIBEIRO
 "Solteira sim, sozinha jamais"

Manchas nunca mais!
 Tratamentos e cremes de última geração para você ter uma pele lindíssima

minicápsulas para um alongamento perfeito
 Conheça essa novíssima técnica

MULHERES EM FOCO
o mundo é nosso!

Estamos conquistando mais espaço, respeito e dignidade na sociedade. E isso é só o começo!

Trabalhe no exterior
 E dê um salto profissional em sua carreira

BRASIL RAZA
 R\$ 3,90
 ANO 1
 Nº 2

BRASIL RAZA

colecão encadernada 2

DUAS PELO PREÇO DE UMA
SÓ R\$ 3,90

BELEZA
 Cremes, maquiagens e penteados para fazer em casa

EDUCAÇÃO
 Cursinhos (quase) gratuitos e dicas de como estudar no exterior

SOM DA HORA
 O drum'n'bass dos DJs Marky e Patife e o samba de Jorge Aragão

Charmosa e versátil
 DEPOIS DE BRILHAR NA TV, THALMA DE FREITAS LEVA SEU TALENTO PARA O CINEMA, A MÚSICA E O TEATRO

BRASIL RAZA
 R\$ 3,90
 ANO 1
 Nº 2

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)